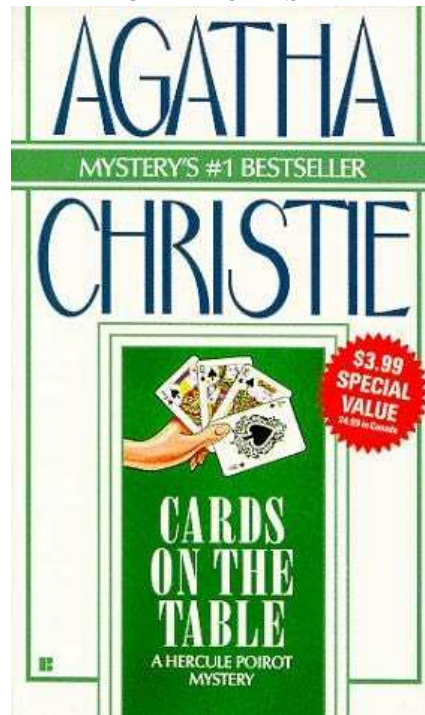


CARTAS NA MESA

AGATHA CHRISTIE



5ª edição

EDITORA
NOVA FRONTEIRA

Título do original em inglês CARDS ON THE TABLE
© 1936, by Agatha Christie

Tradução
MILTON PERSSON
Revisão
A. TAVARES

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP.: 22.461 — Tel.: 246-
8066
Endereço Telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro — RJ

ÍNDICE

- 1 Mr. Shaitana
- 2 Um jantar em casa de Mr. Shaitana
- 3 Uma partida de bridge.
- 4 O primeiro assassino?
- 5 O segundo assassino?
- 6 O terceiro assassino?
- 7 O quarto assassino
- 8 Qual deles?
- 9 O Doutor Roberts
- 10 O Doutor Roberts (continuação).
- 11 Mrs. Lorrimer.
- 12 Anne Meredith
- 13 O segundo visitante.
- 14 O terceiro visitante.
- 15 O Major Despard.
- 16 O testemunho de Elise Batt.
- 17 O testemunho de Rhoda Dawes .
- 18 Intervalo para o chá.

- 19 Conferência.
- 20 O testemunho de Mrs. Luxmore.
- 21 O Major Despard.
- 22 O testemunho de Combeacre.
- 23 O testemunho de um par de meias de seda.
- 24 A exclusão de três assassinos?
- 25 Mrs. Lorrimer fala.
- 26 A verdade.
- 27 A testemunha ocular.
- 28 Suicídio.
- 29 Acidente.
- 30 Homicídio.
- 31 Cartas na mesa

NÓS	ELES
MRS. LORRIMER & MISS MEREDITH	MAJOR DESPARD & DR. ROBERTS
+14	
700	
300	
50	
50	
30	
HONRAS	
VAZAS	
120	
120	
1370	
1º RUBBER CONTAGEM ANOTADA POR MISS MEREDITH	

NÓS	ELES
MAJOR DESPARD & MRS. LORRIMER	DR. ROBERTS & MISS MEREDITH
(11)	
1060	
480	
440	
440	
540	
440	
500	
500	
50	
HONRAS	
VAZAS	
60	120
100	
70	30
80	
2º RUBBER CONTAGEM ANOTADA PELO MAJOR DESPARD	

Reprodução das contagens de bridge que ajudaram a solucionar o mistério

NÓS	ELES
DR. ROBERTS e MRS. LORRIMER	MAJOR DESPARD e MISS MEREDITH
500	
1 500	200
100	100
100	200
300	100
500	100
200	50
200	50
30	50
HONRAS	
VAZAS	
	30
	120
<hr/>	
100	
<hr/>	
280	
<hr/>	
3810	1000
	(28)
3º RUBBER	
CONTAGEM ANOTADA POR MRS. LORRIMER	

NÓS	ELES
DR. ROBERTS e MISS MEREDITH	MAJOR DESPARD e MRS. LORRIMER
50	
100	
100	
50	100
200	50
50	100
50	50
HONRAS	
VAZAS	
(INACABADO)	
4º RUBBER	
CONTAGEM ANOTADA PELO DR. ROBERTS	

Reprodução das contagens de bridge que ajudaram a solucionar o mistério.

MR. SHAITANA

— Meu caro Monsieur Poirot!

A voz, macia, felina — usada deliberadamente como instrumento — nada tinha de impulsivo ou espontâneo. Hercule Poirot virou-se.

Fez uma mesura. Apertou cerimoniosamente a mão.

Havia qualquer coisa de insólito no seu olhar. Dir-se-ia que esse encontro casual despertava-lhe uma emoção que raramente tinha oportunidade de sentir.

— Meu caro Mr. Shaitana — disse.

Os dois fizeram uma pausa. Pareciam duelistas em garde.

Em torno de ambos redemoinhava docemente uma lânguida multidão londrina bem vestida. Vozes se arrastavam ou murmuravam.

— Querida... que primor!

— Simplesmente divina, não é, meu bem?

Era a Exposição de Caixas de Rape em Wessex House. Ingresso: um guinéu, em prol dos hospitais de Londres.

— Meu caro amigo — disse Mr. Shaitana, — que prazer vê-lo! Pouco trabalho com a forca ou a guilhotina de momento?' Temporada fraca pro mundo do crime? Ou houve algum roubo aqui agora de tarde? Seria maravilhoso demais.

— Infelizmente não, Monsieur — retrucou Poirot. — Encontro-me aqui por interesse exclusivamente pessoal.

A atenção de Mr. Shaitana foi momentaneamente desviada por uma Linda Coisinha de cachos minúsculos a um lado da cabeça e três cornucópias de palha preta do outro.

— Minha cara! — exclamou, — por que você não foi a minha festa? Esteve realmente magnífica! Uma porção de gente chegou até a falar comigo! Uma mulher, inclusive, me perguntou: "Como vai?" e disse "Adeus" e "Muito obrigada"... mas é lógico que era do interior, a pobrezinha!

Enquanto a Linda Coisinha dava uma resposta adequada, Poirot se permitiu um longo estudo do adorno hirsuto sobre o lábio superior de Mr. Shaitana.

Um belo bigode — um bigode belíssimo — o único bigode de Londres, talvez, capaz de competir com o de Monsieur Hercule Poirot.

— Mas não é tão luxuriante — murmurou consigo mesmo. — Não, positivamente é inferior em todos os sentidos. Tout de môme, chama a atenção.

Toda a pessoa de Mr. Shaitana chamava a atenção — de propósito. Procurava deliberadamente criar um efeito mefistofélico. Era alto e magro, de rosto longo e tristonho, com sobrancelhas fortemente acentuadas, negras como breu. Usava bigode de rígidas pontas espichadas e uma minúscula pêra preta. Seus trajes eram obras de arte — de corte requintado — mas com um toque de extravagância.

Todo inglês abastado, ao encontrá-lo, sentia uma vontade feroz e irresistível de dar-lhe um pontapé! Diziam, com surpreendente falta de originalidade: — "Lá vai aquele maldito Shaitana!"

As esposas, filhas, irmãs, tias, mães, e até avós retrucavam, o estilo variando segundo a geração, palavras como estas: — "Eu sei, meu caro. Claro que ele é simplesmente horroroso. Mas tão rico! Depois, dá festas tão maravilhosas! E sempre tem alguma coisa engraçada e malévola pra contar dos outros."

Se Mr. Shaitana era argentino, português, grego, ou de outra nacionalidade qualquer, ninguém sabia.

Mas três fatos eram absolutamente certos.

Residia como milionário num apartamento de luxo deslumbrante em Park Lane. Oferecia festas fabulosas — festins, festinhas, festas macabras, festas respeitáveis, e festas decididamente "suspeitas". Era homem de quem quase todo mundo tinha um pouco de medo.

Fica meio difícil explicar o motivo com palavras exatas. Formara-se uma opinião generalizada, talvez, de que soubesse algo demais a respeito de todo mundo. E, também, que o seu senso de humor era singular.

As pessoas quase sempre achavam melhor não se arriscar a ofender

Mr. Shaitana.

Nessa tarde o seu humor consistia em provocar aquele homenzinho de aspeto ridículo, Hercule Poirot.

— Com que então, até um policial precisa de distração? — perguntou. — O senhor se dedica à arte na velhice, Monsieur Poirot.

Poirot sorriu bem-humorado.

— Pelo que vejo — retrucou, — o senhor também cedeu três caixas de rape à exposição.

Mr. Shaitana sacudiu a mão num gesto de desdém.

— A gente recolhe ninharias aqui e ali. Precisa um dia visitar meu apartamento. Tenho algumas peças interessantes. Não me restrinjo a nenhum período ou classe de objeto especial.

— Um gosto eclético — comentou Poirot, sorrindo.

— Exatamente.

De repente os olhos de Mr. Shaitana rutilaram, o canto dos lábios se encrespou e as sobrancelhas assumiram uma inclinação fantástica.

— Poderia até mostrar-lhe objetos da sua própria especialização, Monsieur Poirot!

— Então possui um "Museu Negro" particular?

— Ora! — Mr. Shaitana estalou os dedos com desdém. — A taça usada pelo assassino de Brighton, o pé-de-cabra de um arrombador famoso... criancices absurdas! Eu nunca me daria ao trabalho de colecionar bobagens desse tipo. Coleciono apenas os melhores objetos de cada gênero.

— E o que é que o senhor considera como melhores objetos, artisticamente falando, em matéria de crime? — indagou Poirot.

Mr. Shaitana curvou-se para frente e pousou dois dedos no ombro de Poirot. Sibilou dramaticamente as palavras.

— Os seres humanos que os cometem, Monsieur Poirot. As sobrancelhas de Poirot arquearam um pouco.

— Ah, ah, levou um susto, hem? — disse Mr. Shaitana. — Meu caro, meu caríssimo amigo, o senhor e eu consideramos essas coisas sob ângulos totalmente diversos! Pro senhor o crime é questão de rotina... O assassinato, a investigação, a pista e por fim, visto que é indiscutivelmente um sujeito eficiente, a prova irrefutável. Essas banalidades não me seduzem! Não me interesso por espécimes pobres de tipo algum. E o criminoso descoberto é, forçosamente, um fracasso. É de segunda linha. Não, eu examino a questão do ponto de vista artístico. Coleciono apenas os melhores!

— Que são... —perguntou Poirot.

— Meu caro... os que ficam impunes] Os sucessos! Os criminosos que levam uma vida agradável, que nenhum sopro de suspeita jamais perturbou. Tem que admitir que é um passatempo divertido.

— Estava pensando noutra palavra... divertido não.

— Uma idéia! — exclamou Shaitana, não prestando atenção a Poirot. — Um pequeno jantar! Um jantar pra conhecer minhas peças raras! De fato, é uma idéia divertidíssima. Não sei como não me ocorreu antes. Sim... sim, estou vendo tudo... estou vendo tudo nitidamente. Precisa me dar um pouco de tempo... na próxima semana não... na outra, digamos. Está disponível? Que dia pode ser?

— Depois da próxima semana, qualquer um serve — respondeu Poirot com uma mesura.

— Ótimo. Então sexta-feira, digamos. Sexta, dia dezoito. Combinado. Vou anotar logo na minha agenda. Palavra, a idéia me agrada imensamente.

— Não estou muito seguro de que agrade a mim — retrucou Poirot, fleumático. — Não quero dizer que seja insensível à gentileza de seu convite... não... não é isso...

Shaitana o interrompeu.

— Mas ela é chocante pra sua sensibilidade burguesa, não? Meu caro amigo, o senhor precisa se libertar das limitações da mentalidade policialesca.

— Sim, é verdade — concordou Poirot lentamente, — eu tenho uma atitude inteiramente burguesa em relação ao crime.

— Mas por que, meu caro? Um negócio estúpido, sanguinário e mal feito... sim. estou de acordo. Mas o crime pode ser uma arte! O criminoso pode ser um artista.

— Ah. admito.

— Pois então? — retrucou Mr. Shaitana.

— Mas mesmo assim é um criminoso!

— Por certo, meu caro Monsieur Poirot. fazer uma coisa supremamente bem é uma justificativa] O senhor quer, com muita falta de imaginação, pegar cada criminoso, algemá-lo, encarcerá-lo e eventualmente partir-lhe o pescoço nas primeiras horas matutinas. Na minha opinião, um assassino realmente vitorioso deveria receber uma pensão dos fundos públicos e ser convidado pra jantar!

Poirot deu de ombros.

— Não sou tão insensível à arte do crime como pensa. Sou capaz de admirar o criminoso perfeito; também sou capaz de admirar um tigre... essa esplêndida fera de listras trigueiras. Mas eu o admiro do lado de fora da jaula. Não vou lá dentro. Quer dizer, a menos que o dever me obrigue. Pois como o senhor sabe, Mr. Shaitana, o tigre pode dar o bote.

Mr. Shaitana riu.

— Eu sei. E o criminoso?

— Pode matar — respondeu Poirot, bem sério.

— Meu caro amigo... que alarmista o senhor é! Então não quer vir conhecer a minha coleção de... tigres?

— Pelo contrário, ficarei encantado.

— Que coragem!

— O senhor não me entendeu bem. Mr. Shaitana. Minhas palavras foram mais uma advertência. O senhor acabou de me pedir pra reconhecer que sua idéia de uma coleção de criminosos era divertida. Eu disse que podia pensar noutra palavra em vez de divertida. Essa palavra é: "perigosa". Eu acho, Mr. Shaitana, que seu passatempo talvez seja perigoso!

Mr. Shaitana riu, uma risada mefistofélica.

— Com o senhor, então, pro dia dezoito? — perguntou. Poirot fez uma leve mesura.

— Pode contar comigo pro dia dezoito. Mille remerciements.

— Vou preparar uma festinha — replicou Shaitana. — Não se esqueça. Às oito horas.

Afastou-se. Poirot ficou um instante olhando para ele. Sacudiu a cabeça lenta e pensativamente.

UM JANTAR EM CASA DE MR. SHAITANA

A porta do apartamento de Mr. Shaitana abriu sem ruído. Um mordomo grisalho puxou-a para trás e deixou Poirot entrar. Fechou-a novamente sem ruído, auxiliando habilmente o convidado a tirar o sobretudo e o chapéu.

— Que nome devo anunciar? — perguntou num murmúrio inexpressivo.

— Monsieur Hercule Poirot.

Houve um leve zunzum de vozes que se espalhou pelo saguão quando o mordomo abriu uma porta e anunciou:

— Monsieur Hercule Poirot.

De copo de xerez na mão, Shaitana veio a seu encontro. Estava, como sempre, vestido de modo impecável. O toque mefistofélico nessa noite se acentuava, as sobrancelhas pareciam frisadas num trejeito de zombaria.

— Deixe-me apresentá-lo... conhece Mrs. Oliver?

Seu gosto pelas encenações saboreou o pequeno sobressalto de surpresa de Poirot.

Mrs. Ariadne Oliver era extremamente famosa como uma das maiores escritoras de histórias de detetive e sensação. Escrevia artigos loquazes, embora não especialmente gramaticais, sobre *A tendência do criminoso*, *Célebres crimes passionais*, *Homicídio por amor versus homicídio por lucro*. Era também exaltada feminista e, quando algum crime importante ocupava as colunas da imprensa, uma entrevista com Mrs. Oliver tornava-se imprescindível. Afirmava-se, inclusive, que Mrs. Oliver havia dito, "Ah, se uma mulher ocupasse a chefia da Scotland Yard!" Acreditava piamente na intuição feminina.

Quanto ao resto, era simpática, de meia-idade, bonita de modo um tanto negligente, com belos olhos, ombros consideráveis e vasta

quantidade de cabelos grisalhos rebeldes com que andava continuamente fazendo experiências. Um dia sua aparência podia ser extremamente intelectual — a testa inteira à mostra, o cabelo repuxado para trás e enrolado em grande coque na nuca. Noutra. Mrs. Oliver subitamente surgia com penteado de Madona, ou amplas madeixas ligeiramente desgrenhadas. Na noite em questão. Mrs. Oliver estava experimentando uma franja.

Cumprimentou Poirot, que já conhecia de um jantar literário anterior, com agradável voz de contralto.

— E o Superintendente Battle, que sem dúvida o senhor conhece — disse Mr. Shaitana.

Um homenzarrão quadrado, de fisionomia impassível, adiantou-se. A um observador, o Superintendente Battle não só dava a impressão de ser esculpido em madeira — também dava a impressão de que essa madeira já havia servido a um couraçado.

O Superintendente Battle tinha fama de ser o melhor representante da Scotland Yard. Parecia sempre apático e meio burro.

— Conheço Monsieur Poirot — disse ele.

E rachou a cara de pau num sorriso, voltando logo à inexpressividade anterior.

— O Coronel Race — continuou Mr. Shaitana.

Poirot ainda não conhecia o Coronel Race, mas ouvira falar nele. Um sujeito moreno, bonitão, intensamente bronzeado, de seus cinquenta anos, em geral sempre se encontrava nalgum posto remoto do Império — sobretudo se houvesse agitações à vista. Serviço Secreto é um termo melodramático, mas descreve com bastante propriedade à mentalidade leiga a natureza e a extensão das atividades do Coronel Race.

A essa altura Poirot já tinha constatado e avaliado a essência especial das intenções humorísticas do anfitrião.

— Nossos outros convidados estão atrasados — comentou Mr. Shaitana. Por minha culpa, talvez. Creio que lhes disse oito e quinze.

Mas no mesmo instante a porta se abriu e o mordomo anunciou;

— O Dr. Roberts.

O homem que entrou efetuou uma espécie de paródia do gênero clínico desenvolvido. Era um indivíduo de meia-idade, jovial e extremamente pitoresco. Pequenos olhos cintilantes, uma leve calvície tendência ao *embonpoint* e ar de praticante de medicina bem lavado e

desinfetado. Maneiras alegres e confiantes. Sentia-se que o diagnóstico seria correto e o tratamento agradável e prático — "um pouco de champanha na convalescença, talvez". Um homem mundano!

Não estou atrasado, espero? — perguntou o Dr. Roberts expansivamente.

Apertou a mão do dono da casa e foi apresentado aos demais. Parecia particularmente satisfeito por encontrar Battle.

Mas o senhor é um dos maiores da Scotland Yard, não é?

Que interessante! É uma pena obrigá-lo a falar de assuntos profissionais, mas previno-lhe que vou tentar. Sempre me interessei pelo crime. Não fica bem pra um médico, talvez. Não vá dizer isso aos meus pacientes nervosos... ah, ah!

A porta se abriu de novo.

— Mrs. Lorrimer.

Mrs. Lorrimer era uma mulher bem vestida, de sessenta anos. Tinha belos traços, cabelo grisalho bem penteado e voz clara, incisiva.

— Espero não estar atrasada — disse, dirigindo-se ao anfitrião.

Depois virou-se para cumprimentar o Dr. Roberts, que já conhecia.

— O Major Despard — anunciou o mordomo.

O Major Despard era alto, esbelto, bonito, com o rosto levemente marcado por uma cicatriz na têmpora. Findas as apresentações, sentiu-se naturalmente atraído pelo Coronel Race — não demorou muito os dois estavam conversando sobre esportes e comparando suas experiências de safáris.

A porta se abriu pela última vez e o mordomo anunciou:

— Miss Meredith.

Entrou uma moça de vinte e poucos anos, de estatura mediana e bonitinha. Madeixas castanhas aglomeradas na nuca, tinha olhos cinzentos, grandes e bem afastados. O rosto estava empoado mas sem maquilagem. A voz era arrastada e meio tímida.

— Ah, meu Deus! — exclamou, — Sou a última?

Mr. Shaitana aproximou-se dela com um cálice de xerez e uma resposta florida e lisonjeira. As apresentações foram formais e quase cerimoniais.

Miss Meredith foi deixada com o xerez ao lado de Poirot.

— Nosso amigo é muito metuculoso — comentou Poirot, sorrindo.

— Eu sei — concordou a moça. — Hoje em dia quase ninguém perde tempo com apresentações. Dizem apenas: "Creio que todos já se conhecem", e a coisa fica por isso mesmo.

— Ainda que não se conheçam?

— Ainda. As vezes deixa todo mundo sem jeito... mas eu acho que assim inspira mais acanhamento ainda.

Hesitou e depois perguntou:

— Essa Mrs. Oliver é a romancista?

No mesmo instante a retumbante voz de contralto de Mrs. Oliver se fez ouvir em conversa com o Dr. Roberts.

— O instinto feminino é infalível, doutor. As mulheres nunca se enganam sobre essas coisas.

Esquecendo que não tinha mais testa, esforçou-se para afastar o cabelo, mas foi derrotada pela franja.

— A própria — confirmou Poirot.

— A que escreveu *O Cadáver na Biblioteca*?

— Nada menos.

Miss Meredith franziu um pouco o cenho.

— E aquele homem que parece de pau... um Superintendente, disse Mr. Shaitana?

— Da Scotland Yard.

— E o senhor?

— E eu?

— Sei tudo a seu respeito, Monsieur Poirot. Foi o senhor quem solucionou realmente os crimes do guia ferroviário.

— Mademoiselle me enche de confusão.

Miss Meredith uniu as sobrancelhas.

— O Mr. Shaitana — começou ela, e depois parou. — O Mr. Shaitana...

— Pode-se dizer que ele tem "inclinação pelo crime" — disse Poirot em voz baixa. — Pelo menos parece. Sem dúvida está com vontade de provocar discussões entre nós. Já conseguiu instigar a Mrs. Oliver e o Dr. Roberts. Os dois agora debatem venenos que não deixam vestígios.

Miss Meredith soltou uma pequena exclamação de espanto.

— Que homem esquisito que ele é!

— O Dr. Roberts?

— Não, Mr. Shaitana.

Estremeceu e continuou:

— Ele sempre tem qualquer coisa de ligeiramente assustador, a meu ver. Nunca se sabe o que é capaz de diverti-lo. Podia ser... podia ser algo cruel!

— Como a caça à raposa, não é?

Miss Meredith lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Eu me referia... oh! a algo oriental!

— Sim, ele talvez tenha uma mentalidade tortuosa — admitiu Poirot.

— De torturador?

— Não, não, tortuosa, eu disse.

— Acho que não gosto muito dele, não — confidenciou Miss Meredith, baixando a voz.

— Mas vai gostar do jantar — assegurou-lhe Poirot. — Ele tem um cozinheiro sensacional.

Ela fez um olhar de dúvida e depois riu.

— Ora — exclamou. — Estou começando a acreditar que o senhor é humano!

— Mas claro que sou!

— Sabe — disse Miss Meredith, — todas essas celebridades são meio intimidantes.

— Mademoiselle não devia deixar-se intimidar... devia empolgar-se! Devia ter trazido seu livro de autógrafos e a caneta-tinteiro.

— Bem, sabe como é, de fato não estou assim tão interessada em crimes. Não creio que as mulheres estejam; são sempre os homens que lêem novelas policiais.

Hercule Poirot soltou um suspiro afetado.

— Infelizmente! — murmurou. — O que eu não daria neste instante pra ser o mais insignificante dos artistas de cinema!

O mordomo abriu a porta de par em par.

— O jantar está servido — anunciou.

Os prognósticos de Poirot foram amplamente justificados. O jantar estava delicioso e o serviço uma perfeição. Iluminação discreta, madeiras envernizadas, o brilho azul do cristal irlandês. Na penumbra, à cabeceira da mesa, Mr. Shaitana parecia mais diabólico do que nunca.

Pediú desculpas, do jeito mais amável, pelo número ímpar de convidados. Mrs. Lorrimer ficou a sua direita, Mrs. Oliver a esquerda. Miss Meredith sentou entre o Superintendente Battle e o Major Despard. Poirot colocou-se entre Mrs. Lorrimer e o Dr. Roberts.

Este último cochichou-lhe em tom de troça:

— O senhor não tem licença de monopolizar a única moça bonita, a noite inteira. Vocês, franceses, não perdem tempo, hem?

— Acontece que sou belga — murmurou Poirot.

— Aposto que em matéria de damas não há diferença, meu caro — retrucou o médico jovialmente.

Depois, abandonando o tom de troça, e adotando o de profissional, virou-se para o outro lado, para conversar com o Coronel Race sobre os mais recentes progressos no tratamento da doença do sono.

Mrs. Lorrimer voltou-se para Poirot e começou a palestrar sobre as últimas estréias teatrais. Suas opiniões eram abalizadas e suas críticas pertinentes. Depois passaram a discutir livros e, por fim, política internacional. Achou-a uma mulher bem informada e positivamente inteligente.

Do lado oposto da mesa, Mrs. Oliver perguntava se o Major Despard conhecia algum veneno inédito, raro.

— Bem, tem o curare.

— Vieux jeu, meu caro! Já foi usado centenas de vezes. Eu me refiro a alguma coisa nova!

— As tribos primitivas são meio retrógradas — disse o Major Despard, impassível. — Conservam-se fiéis aos velhos métodos empregados pelos avós e bisavós que os antecederam.

— Que coisa mais desagradável — retrucou Mrs. Oliver. — Eu pensava que estivessem sempre experimentando, triturando ervas e coisas assim. Uma oportunidade única pra pesquisadores, a meu ver. Poderiam voltar pra casa e liquidar todos os velhos tios ricos com alguma nova droga de que ninguém tivesse ouvido falar.

— Pra isso a gente tem que procurar a civilização, não a selva — disse Despard. — No laboratório moderno, por exemplo. Culturas de bacilos de aspeto inocente que produzem doenças autênticas.

— Isso não serviria pro meu público — afirmou Mrs. Oliver.

— Além do mais, é tão fácil fazer confusão com os nomes... estafilococo, estreptococo e todas essas coisas... tão difíceis pra minha secretária e afinal tão aborrecidos, não lhe parece? Qual a sua opinião, Superintendente Battle?

— Na vida real as pessoas não se preocupam com tantas sutilezas assim, Mrs. Oliver — respondeu o Superintendente. — Geralmente preferem o arsênico, porque dá efeito e está sempre à mão.

— Que asneira — retrucou Mrs. Oliver. — Isso é simples

mente porque há uma porção de crimes que vocês, da Scotland Yard, nunca descobriram. Agora, se tivessem uma mulher lá...

— Pra dizer a verdade, nós temos. .

— Sim, essas policiais horrorosas, de chapéu ridículo, que incomodam as pessoas nos parques! Eu me refiro a uma mulher na chefia das coisas. As mulheres sabem tudo a respeito de crimes.

Geralmente são criminosas muito bem sucedidas — concordou o Superintendente Battle. — Mantêm o sangue-frio. É espantoso como enfrentam tudo com descaso.

Mr. Shaitana riu discretamente.

— O veneno é a arma da mulher — declarou. — Deve haver muitas envenenadoras secretas... que jamais foram descobertas.

— Claro que há — disse Mrs. Oliver ufana, servindo-se generosamente de uma mousse de faie gras.

— Um médico também tem suas oportunidades — continuou Mr. Shaitana, pensativo.

— Protesto — exclamou o Dr. Roberts. — Quando envenenamos nossos pacientes é totalmente por acaso. — E soltou uma sonora risada.

— Mas se eu fosse cometer um crime — insistiu Mr. Shaitana. Parou, e qualquer coisa nessa pausa exigiu atenção.

— Agiria do modo mais simples, creio. Sempre há acidentes... um tiro acidental, por exemplo... ou o tipo de acidente doméstico.

Depois deu de ombros e levantou a taça de vinho. — Mas quem sou eu pra opinar... com tantas autoridades presentes?

Bebeu. O candelabro projetava a sombra vermelha do vinho sobre seu rosto, com o bigode repuxado, a pequena pêra e as fantásticas sobranceiras.

Houve um silêncio momentâneo.

— Faltam vinte ou já passam? — perguntou Mrs. Oliver. — Olhem um anjo passando. Meus pés estão cruzados... deve ser um anjo negro!

UMA PARTIDA DE BRIDGE

Quando os convivas regressaram à sala de estar, encontraram posta uma mesa de bridge. O café foi servido.

— Quem joga bridge? — perguntou Mr. Shaitana. — Mrs. Lorrimer, eu sei. E o Dr. Roberts. A senhora joga, Miss Meredith?

— Sim. Mas não muito bem.

— Ótimo. E o Major Despard? Perfeito. Os quatro não querem jogar aqui?

— Graças a Deus que vamos ter bridge — comentou Mrs. Lorrimer num aparte a Poirot. — Sou das maiores viciadas em bridge que já houve. E cada vez fico pior. Chego ao cúmulo de não sair pra jantar se depois não houver jogo! Simplesmente pego no sono. É uma vergonha, mas que se há de fazer?

Sortearam a parceria. Mrs. Lorrimer ficou com Anne Meredith contra o Major Despard e o Dr. Roberts.

— As mulheres contra os homens — disse Mrs. Lorrimer, sentando e começando a embaralhar as cartas de modo destro. — Perspectivas desanimadoras, hem, parceira? Formo uma dupla terrível.

— Trate de ganhar — recomendou Mrs. Oliver. — Mostre aos homens que não é sempre que eles conseguem o que querem.

— Podem perder as esperanças, coitadinhas — retrucou o Dr. Roberts alegremente, pondo-se a embaralhar o outro maço — Acho que é a senhora quem dá, Mrs. Lorrimer.

O Major Despard sentou meio devagar. Estava olhando para Anne Meredith como se acabasse de descobrir que era surpreendentemente linda.

— Corte, por favor — pediu Mrs. Lorrimer, impaciente. Com um sobressalto de desculpas, o Major cortou o maço que ela lhe oferecia.

Mrs. Lorrimer começou a distribuir as cartas com mão experiente.

— Há outra mesa de bridge na sala ao lado — avisou Mr. Shaitana.

Dirigiu-se a uma segunda porta e os outros quatro o seguiram até uma pequena sala de fumar, confortavelmente mobiliada, onde já estava posta outra mesa de bridge.

— Precisamos sortear — disse o Coronel Race.
Mr. Shaitana sacudiu a cabeça.

— Eu não jogo — disse. — O bridge não é dos jogos que me divertem.

Os outros protestaram, afirmando que sendo assim preferiam não jogar, mas ele rejeitou a objeção com firmeza e por fim sentaram--se — Poirot e Mrs. Oliver contra Battle e Race.

Mr. Shaitana ficou observando-os um instante, sorriu de modo mefistofélico ao perceber em que mão Mrs. Oliver declarou dois sem trunfo, e depois passou silenciosamente à outra sala.

Ali já se achavam imersos no jogo, as fisionomias sérias, as declarações se sucedendo rápidas.

- Uma de copas.
- Passo.
- Três de paus.
- Três de espadas.
- Quatro de ouros.
- Dobro.
- Quatro de copas.

Mr. Shaitana demorou-se um instante a observar, sorrindo à socapa. Depois atravessou a sala, indo sentar numa poltrona grande junto à lareira. Uma bandeja com bebidas havia sido trazida e colocada numa mesa adjacente. A luz do fogo cintilava nas tampas de cristal.

Sempre artista em matéria de iluminação, Mr. Shaitana tinha simulado a aparência de uma sala meramente clareada pelo fogo. O pequeno abajur à altura de seu cotovelo proporcionava-lhe luz para ler, caso desejasse. Uma discreta luz indireta dava à sala um brilho suave. Uma lâmpada ligeiramente mais forte projetava claridade sobre a mesa de bridge, de onde partiam exclamações monótonas.

- Um sem trunfo — de Mrs. Lorrimer, clara e decidida.
- Três de copas — do Dr. Roberts, uma nota agressiva na voz.
- Nada a declarar — de Anne Meredith, num murmúrio.

Uma leve pausa antes de se escutar a voz de Despard. Não tanto por lentidão de raciocínio; antes, de um homem que gosta de ter certeza antes de falar.

- Quatro de copas.
- Dobro.

O rosto iluminado pelo fogo vacilante da lareira. Mr. Shaitana sorriu. Sorriu e continuou sorrindo. As pálpebras tremeram um pouco.

A festa o divertia.

— Cinco de ouros. Game e rubber — anunciou o Coronel Race. — Muito bem, parceiro — disse a Poirot. — Pensei que não fosse cumprir. Foi sorte que não saíram em espadas.

— Acho que não faria grande diferença — retrucou o Superintendente Battle, homem de cordial magnanimidade.

Havia declarado espadas. Sua parceira, Mrs. Oliver, tinha uma, mas "qualquer coisa lhe dizia" para sair em paus — com resultados desastrosos.

O Coronel Race consultou o relógio.

— Meia-noite e dez. Dá tempo pra outra?

— Vocês vão desculpar-me — disse o Superintendente Battle.

— Mas estou acostumado a dormir cedo.

— Eu também — disse Hercule Poirot.

— É melhor fazer a soma — sugeriu Race.

O resultado dos cinco rubbers da noite foi uma vitória esmagadora para o sexo masculino. Mrs. Oliver tinha perdido três libras e sete xelins para os outros três. O maior ganhador era o Coronel Race.

Mrs. Oliver, apesar de péssima jogadora de bridge, sabia perder com espírito esportivo. Pagou de bom grado.

— Hoje de noite tudo me saiu errado — disse. — Às vezes é assim. Ontem eu tinha as cartas mais lindas. Cento e cinquenta pontos em honras, três vezes consecutivas. — Levantou-se e recolheu a bolsa de festa bordada, contendo-se em tempo para não afastar o cabelo da testa. — Suponho que nosso anfitrião esteja na sala ao lado — disse.

Passou pela porta de comunicação, seguida pelos demais. Mr. Shaitana continuava na poltrona ao pé da lareira. Os jogadores de bridge estavam absortos no jogo.

— Dobro as cinco de paus — dizia Mrs. Lorrimer com sua voz calma, incisiva.

— Cinco sem trunfo.

— Dobro as cinco sem trunfo.

Mrs. Oliver aproximou-se da mesa de bridge. Tudo indicava que ia ser uma mão empolgante.

O Superintendente Battle acompanhou-a.

O Coronel Race dirigiu-se a Mr. Shaitana, com Poirot atrás.

— Tenho que ir, Shaitana — disse Race.

Mr. Shaitana não respondeu. Tinha a cabeça pendida para a frente e parecia adormecido. Race lançou um rápido olhar de estranheza a

Poirot e chegou mais perto. De repente soltou uma exclamação abafada, curvando-se. No mesmo instante Poirot também colocou-se a seu lado, olhando para onde o Coronel Race apontava — algo que parecia ser um botão de camisa especialmente pomposo — mas não era.

Poirot debruçou-se, ergueu uma das mãos de Mr. Shaitana, depois deixou-a cair. Encontrou o olhar inquisitivo de Race e acenou afirmativamente com a cabeça. Este último levantou a voz.

— Superintendente Battle, queira ter a bondade.

O Superintendente atendeu o chamado. Mrs. Oliver continuou a assistir à mão de cinco sem trunfo dobradas.

O Superintendente Battle, apesar da aparência apática, era homem de ação rápida. Arqueou as sobrancelhas e perguntou em voz baixa ao se aproximar deles:

— Aconteceu alguma coisa?

Com um aceno, o Coronel Race indicou a figura silenciosa na poltrona.

Enquanto Battle se curvava, Poirot olhou pensativo para o que conseguia distinguir do rosto de Mr. Shaitana. Agora parecia uma fisionomia meio tola, a boca caída aberta — sem a expressão diabólica.

Hercule Poirot sacudiu a cabeça.

O Superintendente Battle endireitou-se. Tinha examinado sem tocar, a coisa que dava impressão de ser um botão a mais na camisa de Mr. Shaitana e não era. Tinha levantado e deixado cair a mão inerte.

Agora conservava-se ereto, imperturbável, capaz, marcial — pronto a incumbir-se eficientemente da situação.

— Um momento, por favor — pediu.

A voz que se ouviu foi a sua voz oficial, tão diferente que todas as cabeças da mesa de bridge voltaram-se para ele e a mão de Anne Meredith ficou pousada sobre um ás de espadas no "morto".

—Lamento informar a todos os presentes — declarou ele, — que o nosso anfitrião, Mr. Shaitana, morreu.

Mrs. Lorrimer e o Dr. Roberts puseram-se em pé. Despard arregalou os olhos e franziu a testa. Anne Meredith deixou escapar uma exclamação surda.

— Tem certeza, homem?

O Dr. Roberts, movido pelo instinto profissional, atravessou

rapidamente" a sala com lépido passo médico "de prontidão para enfrentar a morte".

Sem parecer de propósito, o corpanzil do Superintendente Battle impediu-lhe a passagem.

— Um instante, Dr. Roberts. Dá pra me dizer antes quem entrou e saiu desta sala agora de noite?

Roberts encarou-o.

— Entrou e saiu? Não compreendo. Ninguém fez isso.

O olhar do Superintendente mudou de direção.

— Isso está certo, Mrs. Lorrimer?

— Absolutamente certo.

— Nem o mordomo, nem algum dos criados?

— Não. O mordomo trouxe aquela bandeja quando sentamos pro bridge. Depois não voltou mais.

O Superintendente Battle virou-se para Despard. Despard acenou com a cabeça, confirmando.

— Sim, sim... — disse Anne, meio ofegante. — Foi o que aconteceu.

— Que negócio é esse, homem — atalhou Roberts, impaciente. — Deixe-me examiná-lo... talvez não passe de um desmaio.

— Não se trata de desmaio, e sinto muito... mas ninguém vai tocar nele antes que chegue o médico legista. Mr. Shaitana foi assassinado, senhoras e senhores.

— Assassinado? — um suspiro de incrédulo horror de Anne.

Um olhar fixo, inteiramente vazio, de Despard.

Outro "Assassinado?" agudo, incisivo, de Mrs. Lorrimer.

Um "Santo Deus!" do Dr. Roberts.

O Superintendente Battle acenou vagorosamente com a cabeça. Meio que parecia um mandarim de porcelana chinesa. Sua expressão era totalmente inexpressiva.

— Apunhalado — acrescentou. — Foi assim que aconteceu.

Apunhalado.

E então desfechou a pergunta:

— Algum de vocês saiu da mesa de bridge durante a noite?

Viu quatro expressões desfeitas — vacilantes. Viu medo — compreensão — indignação — consternação — horror, porém nada que fosse definitivamente proveitoso.

— Como é?

Houve uma pausa e depois o Major Despard falou em voz baixa, já

de pé e perfilado, feito soldado em desfile, o magro rosto inteligente virado para Battle:

— Acho que todos nós, em determinado momento, nos afastamos da mesa de bridge... seja pra buscar drinques ou para botar lenha no fogo. Eu fiz ambas as coisas. Quando fui até a lareira, Shaitana estava dormindo na poltrona.

— Dormindo?

— Sim... Julguei que estivesse...

— Talvez estivesse — concordou Battle. — Ou talvez já estivesse morto. Depois veremos. Agora peço-lhes pra passar à outra sala. — Voltou-se para a figura silenciosa a seu lado. — Coronel Race. quem sabe o senhor não poderia acompanhá-los?

Race fez um ligeiro aceno de compreensão.

— Perfeitamente. Superintendente.

Os quatro jogadores de bridge cruzaram lentamente a solteira da porta.

Mrs. Oliver sentou numa cadeira no fundo da sala e começou a soluçar baixinho.

Battle tirou o telefone do gancho e falou.

Depois anunciou:

— A polícia do distrito virá em seguida. Recebi ordens da delegacia pra me encarregar do caso. O médico legista já está a caminho. Há quanto tempo o senhor julga que ele morreu, Monsieur Poirot? Eu diria mais de uma hora.

— Concordo. Infelizmente não se pode ser mais exato... não se pode dizer: "Este homem está morto há uma hora, vinte e cinco minutos e quarenta segundos."

Battle anuiu distraído.

— Ele estava sentado diante do fogo. Isso faz uma pequena diferença. Há mais de uma hora, não mais de duas e meia... aposto como é isso que o médico vai dizer. E ninguém ouviu nem viu nada. Assombroso! Que risco mais desesperado. Ele podia ter gritado.

— Mas não gritou. O assassino teve sorte. É como diz, mom ami, foi um negócio muito desesperado.

— Alguma idéia, Monsieur Poirot? Quanto ao motivo? Qualquer coisa desse gênero?

— Sim -- respondeu Poirot, lentamente. — A esse respeito tenho algo a dizer. Escute... o Monsieur Shaitana não lhe deu a entender o tipo de festa a que o senhor viria hoje à noite?

O Superintendente Battle olhou-o com curiosidade.

— Não, Monsieur Poirot. Ele não me disse absolutamente nada. Por quê?

Uma campainha tilintou ao longe e bateram numa aldrava.

— É o nosso pessoal — disse o Superintendente Battle. — Vou mandá-los entrar. Daqui a pouco saberemos de tudo. Tenho que prosseguir com o serviço de rotina.

Poirot concordou. Battle saiu da sala. Mrs. Oliver continuava a soluçar.

Poirot aproximou-se da mesa de bridge. Sem tocar em nada, examinou a contagem de pontos. Sacudiu umas duas vezes a cabeça.

— Sujeitinho imbecil! Ah, mas que sujeitinho idiota — murmurou Hercule Poirot. — Fantasiar-se de demônio pra assustar os outros. *Quel enfantillage!*

A porta abriu. O médico legista entrou, de maleta na mão; vinha seguido pelo inspetor do distrito, que conversava com Battle. Um fotógrafo foi o próximo a surgir. Havia um guarda postado no corredor.

A rotina da investigação do crime tinha começado.

O PRIMEIRO ASSASSINO?

Hercule Poirot, Mrs. Oliver, o Coronel Race e o Superintendente Battle estavam sentados ao redor da mesa da sala de jantar.

Era uma hora mais tarde. O corpo havia sido examinado, fotografado e removido. Um técnico em impressões digitais viera e partira.

O Superintendente Battle olhou para Poirot.

— Antes de mandar entrar aqueles quatro, quero ouvir o que o senhor tem a me dizer. Segundo disse, havia alguma coisa por trás desta festa de hoje?

Com toda a deliberação e cautela, Poirot narrou a conversa que tivera com Shaitana na Wessex House.

O Superintendente Battle franziu os lábios. Pouco faltou para assobiar.

— Peças raras, hem? Assassinos bem vivos, ah! E o senhor acha que ele estava falando sério? Não lhe parece que queria divertir-se a sua custa?

Poirot sacudiu a cabeça.

— Ah, não, foi a sério, sim. O Shaitana era homem que se orgulhava de sua atitude mefistofélica perante a vida. Um sujeito de enorme vaidade. E imbecil, também... por isso está morto.

— Já entendi — retrucou o Superintendente Battle, seguindo-lhe o pensamento. — Uma festa pra oito pessoas e ele mesmo. Quatro detetives, por assim dizer... e quatro assassinos!

— É impossível — exclamou Mrs. Oliver. — Totalmente impossível. Nenhuma daquelas pessoas pode ser criminosa.

O Superintendente Battle sacudiu a cabeça, pensativo.

— Eu não afirmaria com tanta certeza, Mrs. Oliver. Os assassinos se parecem e se comportam da mesma maneira que todo mundo. Muitas vezes são pessoas simpáticas, quietas, sensatas e bem comportadas.

— Nesse caso. é o Dr. Roberts — declarou Mrs. Oliver categórica. — No momento que o vi. senti instintivamente que havia qualquer coisa errada com aquele homem. Meus instintos nunca falham.

Battle virou-se para o Coronel Race.

— O que é que o senhor acha?

Race deu de ombros. Interpretou a pergunta como se referisse à declaração de Poirot e não às suspeitas de Mrs. Oliver.

— Talvez — disse. — Pode ser. Mostra que o Shaitana tinha razão num caso. ao menos! Afinal, ele só podia ter desconfiado que essas pessoas fossem assassinas, não podia ter certeza. Talvez tivesse razão em todos os quatro casos, talvez tivesse apenas num... mas num ele acertou. A sua morte comprova.

— Um deles deve ter percebido... o senhor crê que foi isso, Monsieur Poirot?

Poirot concordou com a cabeça.

— O falecido Mr. Shaitana era famoso —disse. — Tinha um senso de humor perigoso e fama de ser implacável. A vítima achou que Shaitana, só pra se divertir, dera uma festa em que a certa altura entregaria a vítima à polícia... ao senhor! Ele ou ela deve ter julgado que o Shaitana dispunha de provas definitivas.

— E ele dispunha?

Poirot encolheu os ombros.

— Isso jamais saberemos.

— O Dr. Roberts! — repetiu Mrs. Oliver categórica. — Um homem tão bem disposto. Os assassinos muitas vezes são bem dispostos... pra disfarçar! Se eu fosse o senhor. Superintendente Battle, mandaria logo prendê-lo.

— Acredito que o prenderíamos, se houvesse uma mulher na chefia da Scotland Yard — retrucou o Superintendente Battle, os olhos impassivos cintilando fugazmente. — Mas a senhora compreende, sendo meros homens os encarregados, temos que ser prudentes. Temos que proceder devagar.

— Ah, os homens... os homens — suspirou Mrs. Oliver, começando a redigir artigos jornalísticos de cabeça.

— É melhor mandá-los entrar agora —disse o Superintendente Battle. — Não convém fazê-los esperar muito tempo por aí.

O Coronel Race fez menção de se levantar.

— Se prefere que saíamos...

O Superintendente Battle hesitou um instante ao notar o olhar eloqüente de Mrs. Oliver. Estava perfeitamente cômico da posição oficial do Coronel Race, e Poirot havia tido muitas oportunidades de trabalhar com a polícia. Já a permanência de Mrs. Oliver seria levar um pouco longe a questão. Mas Battle era um sujeito bondoso.

Lembrou-se de que Mrs. Oliver tinha perdido três libras e sete xelins no bridge e mostrara espírito esportivo.

— Por mim — disse, — todos podem ficar. Mas sem interrupções, por favor (olhou para Mrs. Oliver) e ninguém deve aludir ao que o Monsieur Poirot acaba de nos revelar. Aquilo foi o pequeno segredo do Shaitana e pra todos os efeitos ele o levou pro túmulo. Entenderam?

Perfeitamente — respondeu Mrs. Oliver.

Battle foi até a porta e chamou o policial que montava guarda no corredor.

— Vá à pequena sala de fumar. Lá você encontrará o Anderson com os quatro convidados. Peça ao Dr. Roberts pra ter a bondade de vir aqui.

— Eu o teria deixado por último — disse Mrs. Oliver. — Num livro, quero dizer — acrescentou, à guisa de desculpas.

— A vida real é um pouco diferente — retrucou Battle.

— Eu sei — concordou Mrs. Oliver. — Não é tão bem construída.

O Dr. Roberts entrou com a agilidade do passo levemente atenuada.

— Francamente, Battle — disse. — Que negócio mais safado! Desculpe-me, Mrs. Oliver, mas é fato. Falando profissionalmente, mal posso acreditar! Apunhalar um homem com três outras pessoas a poucos metros de distância. — Sacudiu a cabeça. — Puxa! Eu não gostaria de fazer uma coisa dessas. — Um ligeiro sorriso retorceu-lhe os cantos da boca. — Que posso dizer ou fazer pra convencê-lo de que não fui eu?

— Pois, o motivo, Dr. Roberts.

O médico acenou enfaticamente com a cabeça.

— Quanto a isso não há dúvida. Eu não tinha o mínimo motivo pra liquidar com o pobre do Shaitana. Nem sequer o conhecia muito bem. Ele me divertia... um sujeito tão fantástico. Com qualquer coisa de oriental. O senhor, naturalmente, vai investigar minuciosamente as minhas relações com ele. Pelo menos espero. Não sou bobo. Mas não descobrirá nada. Eu não tinha motivo pra matar o Shaitana e não o matei.

O Superintendente Battle sacudiu rigidamente a cabeça.

— Tem toda a razão, Dr. Roberts. Terei que investigar, como sabe. O senhor é um homem sensato. Agora, pode dizer-me algo sobre as outras três pessoas?

— Creio que não sei muita coisa. O Despard e a Miss Meredith

conheci hoje pela primeira vez. Já tinha ouvido falar no Despard... li o seu livro de viagem, por sinal interessantíssimo.

— Sabia que ele e Mr. Shaitana se conheciam?

— Não. O Shaitana nunca mencionou o nome dele pra mim. Como já disse, tinha ouvido falar nele, mas não o conhecia pessoalmente. A Miss Meredith também. A Mrs. Lorrimer eu conhecia de vista.

— Que sabe a respeito dela?

Roberts deu de ombros. — inteligente, educada... aliás, que a conheci...

— É viúva. Bastante rica. Mulher excelente jogadora de bridge. Foi assim, jogando bridge.

— E o Mr. Shaitana tampouco jamais mencionou o nome dela?

— Jamais.

— Hum... isso não nos ajuda muito. Agora, Dr. Roberts, talvez o senhor possa puxar mais pela memória e me dizer quantas vezes deixou sua cadeira na mesa de bridge e tudo o que pode lembrar sobre os movimentos dos outros.

O Dr. Roberts levou alguns instantes para pensar.

— É difícil — respondeu francamente. — Posso lembrar mais ou menos os meus movimentos. Levantei três vezes... isto é, nas três ocasiões em que servi de "morto" saí da mesa pra fazer alguma coisa de útil. Numa fui botar lenha no fogo. Noutra trouxe bebidas pras duas senhoras. E na última preparei um uísque com soda pra mim mesmo.

— Não se lembra das horas?

— Só de maneira aproximada. Nós começamos a jogar lá pelas nove e meia, calculo. Eu diria que aticei o fogo cerca de uma hora depois; quase em seguida fui buscar os drinques, na mão seguinte me parece; e talvez fossem onze e meia quando me servi do uísque com soda... mas essas horas são apenas aproximadas. Não me responsabilizo pela exatidão.

— A mesa de bebidas estava atrás da poltrona de Mr. Shaitana?

— Sim. O que significa que passei três vezes bem perto dele.

— E tem a impressão de que cada vez ele estava dormindo?

— Foi o que imaginei na primeira vez. Na segunda, nem olhei pra ele. Na terceira acho até que me ocorreu a idéia: "Como dorme este miserável", mas de fato não olhei pra ele.

— Muito bem. Agora, quando foi que seus companheiros de jogo deixaram a mesa?

O Dr. Roberts franziu a testa.

— Difícil... difficílimo. O Despard foi apanhar outro cinzeiro, acho eu. E pra trazer um drinque. Isso aconteceu antes de mim, pois me lembro de que ele perguntou se eu também não queria e respondi que ainda não estava preparado.

— E as damas?

— Mrs. Lorrimer se aproximou da lareira uma vez. Pra atizar o fogo, creio. Tenho quase a impressão de que falou com o Shaitana, mas não garanto. Naquela hora eu estava jogando uma sem trunfo bastante complicada.

— E Miss Meredith?

— Estou certo de que se levantou uma vez. Fez uma volta e olhou a mão que eu tinha... eu era seu parceiro na hora. Depois examinou a mão dos outros e por fim saiu da sala. Não sei exatamente o que andava fazendo. Não prestei atenção.

— Enquanto estavam sentados na mesa de bridge — perguntou o Superintendente Battle, — nenhuma cadeira ficou de frente, direta, pra lareira?

— Não, meio de lado e tinha um armário grande no meio... uma peça chinesa, muito bonita. Posso compreender, perfeitamente, como seria possível apunhalar o coitado. Afinal de contas, quando se joga bridge, a gente joga bridge. Não se fica olhando prós lados e reparando no que se passa. A única pessoa capaz de fazer isso é o "morto". E nesse caso...

— Nesse caso, sem sombra de dúvida, o "morto" foi o assassino — completou o Superintendente Battle.

— Mesmo assim — retrucou o Dr. Roberts, — seria preciso coragem, sabe! Afinal de contas, quem poderia afirmar que ninguém iria levantar os olhos no momento crítico?

— Sim — concordou Battle. — Era um risco enorme. O motivo deve ter sido forte. Quem dera que soubéssemos qual foi — acrescentou com descarada hipocrisia.

— Espero que descubra — disse Roberts. — O senhor vai revistar os papéis dele e toda essa espécie de coisas. É provável que encontre uma pista.

— Tomara — retrucou o Superintendente Battle, pessimista. Lançou um olhar penetrante ao outro.

— Eu queria pedir-lhe um favor, Dr. Roberts. Preciso de sua opinião pessoal... de homem para homem.

— Pois não.

— Qual dos três o senhor imagina que foi?
O Dr. Roberts deu de ombros.

— Isso é fácil. Sem hesitar, eu diria o Despard. É um homem de grande coragem, habituado a uma vida de perigo, onde se tem que agir com rapidez. Ele não se importaria de arcar com o risco. Não me parece possível que as mulheres estejam envolvidas. Calculo que exigisse um bocado de força.

— Nem tanta assim. Veja.

Como num passe de mágica, Battle de repente mostrou um instrumento longo e fino, de metal brilhante, com um minúsculo cabo redondo recamado de jóias.

O Dr. Roberts inclinou-se, pegou o punhal e examinou-o com irrestrita admiração profissional. Experimentou a ponta e deu um assobio.

— Que arma! Que arma! Feito de encomenda pra matar, este brinquedinho. Entra que nem manteiga... absolutamente que nem manteiga. No mínimo trouxe junto.

Battle sacudiu a cabeça.

— Não. Pertencia a Mr. Shaitana. Estava na mesa perto da porta com uma porção de outras bugigangas.

— Quer dizer que o assassino simplesmente se serviu. Que golpe de sorte encontrar uma arma destas.

— Bem, é uma maneira de encarar — retrucou Battle, fleumático.

— Sim, lógico; pro Shaitana, coitado, não foi sorte.

— Não me referi a isso, Dr. Roberts. Eu quis dizer que há outro ângulo a considerar nessa história. Tenho a impressão de que foi ao enxergar essa arma que a idéia do crime ocorreu ao assassino.

— Uma inspiração súbita, quer dizer? O crime não foi premeditado? Ele concebeu a idéia depois de chegar aqui? Hum... que o leva a pensar assim? — Olhou Battle com curiosidade.

— É apenas uma idéia — respondeu o Superintendente, imperturbável.

— Sim, é possível, claro — concordou o Dr. Roberts, hesitante.

O Superintendente Battle pigarreou.

— Bem, não quero retê-lo por mais tempo, doutor. Obrigado pelo auxílio. Pode dar-me seu endereço?

— Pois não. 200, Gloucester Terrace, W. 2. Telefone: Bayswater 2-3896.

— Obrigado. Talvez tenha que lhe telefonar em breve.

— A qualquer hora, será um prazer. Espero que os jornais não façam muito estardalhaço. Não quero que meus pacientes nervosos se aborreçam.

O Superintendente Battle virou-se para Poirot.

— Desculpe, Monsieur Poirot. Se quiser fazer alguma pergunta, tenho certeza de que o doutor não se incomodaria.

— Lógico que não. Lógico que não. Sou grande admirador do Monsieur Poirot. A massa cinzenta... ordem e método. Conheço tudo a respeito. Estou certo de que vai pensar em algo completamente desconcertante pra me perguntar.

Hercule Poirot abriu as mãos da maneira mais estrangeira.

— Não, não. Apenas gosto de ter todos os detalhes nítidos na idéia. Por exemplo, quantos rubbers vocês jogaram?

— Três — respondeu Roberts prontamente. — Já estávamos adiantados no quarto quando vocês entraram.

— E quem jogou com quem?

— No primeiro rubber, o Despard e eu contra as damas. Elas ganharam, benza-as Deus. Uma fumada, nunca tivemos uma carta decente. No segundo, a Miss Meredith e eu contra o Despard e a Mrs. Lorrimer. No terceiro, a Mrs. Lorrimer e eu contra a Miss Meredith e o Despard. Sorteamos todas as vezes, mas sempre deu em rodízio. No quarto, foi a Miss Meredith e eu de novo.

— Quem ganhou e quem perdeu?

— Mrs. Lorrimer ganhou todos os rubbers. Miss Meredith ganhou o primeiro e perdeu os dois seguintes. Eu levava um pouco de vantagem e a Miss Meredith e o Despard deviam estar perdendo.

— O nosso bom Superintendente — disse Poirot sorrindo — pediu-lhe sua opinião sobre os seus companheiros como possíveis criminosos. Eu agora pergunto-lhe o que acha deles como jogadores de bridge.

— Mrs. Lorrimer é ótima — respondeu o Dr. Roberts prontamente. — Aposto que tira uma boa renda anual com o bridge. Despard também joga bem... é o que chamo de bom jogador... um camarada perspicaz. Miss Meredith, pode-se descrevê-la como bastante razoável. Não comete erros, mas não é brilhante.

— E quanto ao senhor, doutor?

Os olhos de Roberts cintilaram.

— Eu exagero um pouco na declaração. Pelo menos é o que dizem. Mas sempre acho que compensa.

Poirot sorriu.

Dr. Roberts se levantou.

— Mais alguma coisa?

Poirot sacudiu a cabeça.

— Bem, então boa noite. Boa noite, Mrs. Oliver. A senhora devia aproveitar essa história. É melhor que seus venenos que não deixam vestígio, hem?

Dr. Roberts saiu da sala, novamente senhor de seu passo desenvolto. Quando a porta fechou atrás dele, Mrs. Oliver exclamou ressentida:

— História! Pois sim! Como as pessoas carecem de inteligência. Posso inventar a qualquer hora um crime melhor do que qualquer coisa tirada da realidade. Nunca me faltaram idéias pra uma trama. E as pessoas que lêem meus livros gostam de venenos que não deixam vestígio.

O SEGUNDO ASSASSINO?

Mrs. Lorrimer entrou na sala de jantar como uma verdadeira dama. Parecia meio pálida, mas composta.

— Lamento ter que incomodá-la — disse o Superintendente Battle.

— O senhor precisa cumprir seu dever, naturalmente — retrucou Mrs. Lorrimer, serena. — De fato, concordo que é uma posição desagradável pra gente, mas não adianta se esquivar. Compreendo perfeitamente que uma das quatro pessoas daquela sala deva ser a culpada. E é lógico que não posso esperar que aceite minha palavra de que essa pessoa não sou eu.

Aceitou a cadeira que o Coronel Race lhe ofereceu e sentou diante do Superintendente. Seus inteligentes olhos cinzentos enfrentaram os dele. Esperou atentamente.

— A senhora conhecia bem Mr. Shaitana? — começou o Superintendente.

— Não muito bem. Só conheci de alguns anos pra cá, mas nunca intimamente.

— Onde o conheceu?

— Num hotel no Egito... o Winter Palace, em Luxor, creio.

— Que achou dele?

Mrs. Lorrimer encolheu ligeiramente os ombros.

— Achei... prefiro dizer logo... uma espécie de charlatão.

— Havia... desculpe a pergunta... algum motivo pra que quisesse descartar-se dele?

Mrs. Lorrimer pareceu achar um pouco de graça na idéia.

— Francamente, Superintendente Battle, o senhor pensa que eu confessaria, se houvesse?

— Sabe lá — retrucou. — Uma pessoa realmente inteligente logo veria que uma coisa dessas fatalmente seria descoberta.

Mrs. Lorrimer curvou a cabeça, pensativa.

— Sim, sem dúvida. Não. Superintendente Battle. Eu não tinha nenhum motivo pra querer descartar-me de Mr. Shaitana. Pra mim, de fato, não faz a menor diferença que ele esteja vivo ou morto. Eu o achava afetado e meio teatral, e às vezes ele me irritava.

Essa é... ou antes era... minha atitude em relação a ele.

— Então fiquemos por aí mesmo. Agora, Mrs. Lorrimer. Não daria pra senhora me falar alguma coisa sobre seus três companheiros?

— Creio que não. O Major Despard e a Miss Meredith eu encontrei hoje pela primeira vez. Ambos parecem ser pessoas encantadoras. O Dr. Roberts conheço apenas de vista. Tenho a impressão de que é um médico muito procurado.

— Não é o médico da senhora?

— Oh, não.

— Agora, Mrs. Lorrimer, daria pra senhora me dizer quantas vezes saiu da mesa hoje à noite, e além disso descrever também os movimentos dos outros três?

Mrs. Lorrimer não precisou de tempo para pensar.

— Logo vi que o senhor ia-me perguntar isso. Tenho tentado lembrar-me. Eu mesma me levantei uma vez, quando servi de "morto". Fui até a lareira. Mr. Shaitana ainda estava vivo. Comentei com ele como era bonito contemplar um fogo de lenha.

— E ele respondeu?

— Que detestava estufas.

— Alguém por acaso ouviu essa conversa?

— Acho que não. Baixei a voz pra não interromper os jogadores. — Acrescentou impassível: — Na verdade, o senhor dispõe apenas da minha palavra de que Mr. Shaitana estava vivo e falou comigo.

O Superintendente Battle não protestou. Prosseguiu com seu interrogatório calmo e metódico.

— Que horas eram?

— Tenho a impressão de que já estávamos jogando há mais de uma hora.

— E quanto aos outros?

— O Dr. Roberts me preparou um drinque. E um pra ele... isso foi depois. O Major Despard também foi buscar uma bebida... lá pelas onze e quinze, me parece.

— Só uma vez?

— Não... duas. acho eu. Os homens se movimentaram bastante, mas não reparei no que faziam. Miss Meredith saiu da mesa apenas uma vez, na minha opinião. Deu a volta pra olhar a mão do parceiro.

— Mas se conservou perto da mesa de bridge?

— Não saberia dizer. Talvez se tivesse afastado.

Battle sacudiu a cabeça.

— É tudo muito vago — murmurou.

— Lamento.

Mais uma vez Battle fez o passe de mágica e mostrou o longo e delicado punhal.

— Quer examiná-lo, Mrs. Lorrimer?

Mrs. Lorrimer segurou-o sem emoção.

— Já viu isso antes?

— Nunca.

— No entanto estava exposto numa mesa da sala de estar.

— Não notei.

— A senhora compreende, talvez. Mrs. Lorrimer, que com uma arma dessas uma mulher poderia cometer o crime com a mesma facilidade de um homem.

— Suponho que sim — concordou Mrs. Lorrimer em voz baixa.

Curvou-se e devolveu-lhe o requintado objeto.

— Mas seja como for — continuou o Superintendente Battle, — a mulher teria que estar muito desesperada. Era um grande risco a correr.

Esperou um instante mas Mrs. Lorrimer não disse nada.

— A senhora sabe alguma coisa sobre as relações dos outros três com o Mr. Shaitana?

— Ela sacudiu a cabeça.

— Nenhuma.

— Não gostaria de me dar uma opinião sobre qual delas a senhora considera como a mais plausível?

Mrs. Lorrimer empertigou-se toda.

— Não gostaria de fazer nada dessa espécie. Acho a pergunta muito inconveniente.

O Superintendente fez cara de garoto envergonhado por ter levado cartão da avó.

— Seu endereço, por favor — gaguejou, tirando a agenda do bolso.

— 111, Cheyne Lane, Chelsea.

— Número de telefone?

— Chelsea 4-5632.

Mrs. Lorrimer se pôs em pé.

— Quer perguntar alguma coisa, Monsieur Poirot? — apressou-se a consultar Battle.

Mrs. Lorrimer parou, a cabeça levemente inclinada.

— Madame, a senhora consideraria conveniente que eu lhe pedisse uma opinião sobre seus companheiros, não como possíveis criminosos, mas como jogadores de bridge?

— Não tenho objeções em responder — disse Mrs. Lorrimer friamente, — se puder de algum modo esclarecer a questão, embora me escape ao entendimento a relação que isso possa ter com o caso.

— Eu me encarregarei de julgar isso. Sua resposta, por favor, madame.

Mrs. Lorrimer respondeu no tom de um adulto impaciente aturando uma impertinência pueril:

— O Major Despard é um jogador ótimo, firme. O Dr. Roberts exagera nas declarações, mas joga sua mão brilhantemente. Miss Meredith é uma jogadora muito simpática mas meio prudente demais. É só?

Fazendo, por sua vez, um passe de mágica. Poirot mostrou quatro contagens amarrotadas de bridge.

— Estas contagens, madame, foram feitas pela senhora?

Ela as examinou.

— A letra é minha. É a contagem do terceiro rubber.

— E esta?

— Esta deve ser do Major Despard. Ele risca depois de somar.

— E esta aqui?

— É de Miss Meredith. Foi o primeiro rubber.

— Quer dizer que esta inacabada é do Dr. Roberts?

— Obrigado, madame. Acho que é só.

— Mrs. Lorrimer virou-se para Mrs. Oliver.

— Boa noite, Mrs. Oliver. Boa noite. Coronel Race.

Depois, apertando a mão de todos os quatro, retirou-se.

O TERCEIRO ASSASSINO?

— Não consegui arrancar nada dela — comentou Battle. — Ainda por cima me pôs no meu lugar. É do gênero antiquado, cheia de consideração pelos outros, mas arrogante como o diabo! Não posso acreditar que tenha sido ela, mas nunca se sabe! É muito resoluto. Que idéia foi essa das contagens de bridge, Monsieur Poirot?

Poirot espalhou-as em cima da mesa.

— Você não acha que são elucidativas? Que procuramos neste caso? Uma pista de caráter. E não de um só; de quatro. E é aqui que temos mais possibilidades de encontrá-la... nestes Algarismos rabiscados. Cá está o primeiro rubber, veja... um negócio fácil, logo terminado. Pequenos números claros... cuidadosa soma e subtração... é a contagem de Miss Meredith. Ela estava jogando com Mrs. Lorrimer. Tinham boas cartas e ganharam.

“Neste outro já é mais difícil de acompanhar o jogo. uma vez que foi anotado à base de riscos. Mas talvez nos revele algo sobre o Major Despard... um homem que gosta de saber o tempo todo, com um simples olhar, qual a posição em que está. Os números são pequenos e cheios de caráter.

"Este aqui é o de Mrs. Lorrimer...ela e o Dr. Roberts contra os outros dois... um combate homérico. os Algarismos se amontoando de cada lado, acima da linha. Exagero de declaração por parte do médico, e eles são multados... mas como ambos são excelentes jogadores, nunca perdem demais. Se o exagero do médico leva a ofertas temerárias, a parte adversária também tem oportunidade de dobrar. Veja... estes Algarismos aqui são vazas multadas em dobro. Uma caligrafia característica, graciosa, bem legível, firme.

"Cá está a última contagem... o rubber inacabado. Eu colhi uma anotação na caligrafia de cada pessoa, está vendo? Números um tanto floridos. Resultados não tão altos quanto os do rubber precedente. Isso provavelmente porque o doutor estava jogando com Miss Meredith, que é uma jogadora tímida. As ofertas dele só podem tê-la deixado ainda mais tímida!

"Você talvez julgue que aquelas perguntas que eu fiz sejam tolas, não é? Mas não são, não. Eu quero descobrir o caráter desses quatro

jogadores, e quando pergunto apenas sobre o bridge. todo mundo está pronto e disposto a falar.

— Nunca julgo suas perguntas tolas, Monsieur Poirot — protestou Battle. — Conheço demais o seu trabalho. Cada pessoa tem seus próprios métodos de ação. Isso eu sei. Sempre dou carta branca aos meus inspetores. Todo mundo tem que descobrir por si mesmo quais são os métodos que melhor lhe convém. Mas é melhor não discutirmos isso agora. Vou mandar entrar a moça.

Anne Meredith estava abalada. Parou na soleira da porta. Respirava de maneira irregular.

O Superintendente Battle mostrou-se logo paternal. Levantou, oferecendo-lhe uma cadeira, que colocou num ângulo ligeiramente diverso.

— Sente, Miss Meredith, sente. Ora. não se alarme. Eu sei que isso tudo é bastante horrível, mas no fundo não é tão ruim assim.

— Acho que não existe nada pior — retrucou a moça em voz baixa. — É tão pavoroso... tão pavoroso... imaginar que um de nós... que um de nós...

— Deixe o raciocínio por minha conta — interrompeu Battle, afável. — Muito bem. Agora, Miss Meredith, quem sabe. antes de mais nada anotemos seu endereço.

— Wendon Cottage, Wallingford.

— Não possui endereço na cidade?

— Não. Estou hospedada em meu clube por um ou dois dias.

— E qual é seu clube?

— Naval e Militar Feminino.

— Perfeito. Pois bem, Miss Meredith, até que ponto a senhora conhecia Mr. Shaitana?

— Eu o conhecia pouquíssimo. Sempre achei que era um homem apavorante.

— Por quê?

— Ora essa, porque sim! Aquele sorriso medonho! E o jeito com que se curvava pra gente. Como se fosse dar uma mordida.

— A senhora o conhecia há muito tempo?

— Há cerca de nove meses. Encontrei-o na Suíça, durante a temporada de inverno.

— Nunca imaginei que ele se dedicasse a esportes de inverno — retrucou Battle, surpreso.

— Só patinava. Era um patinador maravilhoso. Uma porção de

malabarismos e truques.

— Sim, isso se parece mais com ele. E encontrou-o muitas vezes desde então?

— Pois... bastante, até. Ele me convidava pras festas e coisas assim. Bem divertidas, por sinal.

— Mas não simpatizava com ele?

— Não, achava que era um tipo que me dava calafrios.

— Porém não tinha nenhum motivo especial pra sentir medo dele? — perguntou Battle delicadamente.

Anne Meredith enfrentou-o com um olhar arregalado e límpido.

— Motivo especial? Oh, não.

— Então está muito bem. Agora, quanto a hoje à noite, a senhora não se afastou nenhuma vez da mesa?

— Creio que não. Ah, sim, talvez tenha-me afastado uma vez. Dei uma volta, olhando a mão dos outros.

— Mas ficou perto da mesa de bridge o tempo todo?

— Fiquei.

— Tem certeza, Miss Meredith?

As faces da moça se incendiaram de repente.

— Não... não, eu acho que caminhei por aí.

— Exato. A senhora vai desculpar-me, Miss Meredith, mas procure dizer a verdade. Sei que está nervosa, e quando a gente fica nervoso a gente tende a... bem, a descrever as coisas do jeito que mais nos convém. Mas no fim isso realmente não paga a pena. A senhora caminhou por aí. Não caminhou em direção de Mr. Shaitana?

A moça silenciou um instante e depois respondeu:

— Sinceramente... sinceramente... não me recordo.

— Bem, digamos que tenha feito isso. Sabe alguma coisa sobre os outros três?

A moça sacudiu a cabeça.

— Nunca vi nenhum deles antes.

— Qual a sua opinião sobre eles? Acha possível que um seja o assassino?

— Não posso crer. Simplesmente não poderia ser o Major Despard. E não acredito que fosse o doutor. Afinal de contas, um médico conhece tantas maneiras mais fáceis de matar alguém. Uma droga... qualquer coisa assim.

— Então, se for um deles, julga que seja a Mrs. Lorrimer?

— Ah, não. Tenho certeza de que não foi ela. É tão cativante... e tão

amável pra se jogar bridge. Ela joga tão bem e no entanto não deixa a gente se sentir nervosa, nem aponta os erros dos outros.

— Mesmo assim, a senhora deixou o nome dela por último — frisou Battle.

— Apenas porque apunhalar parece mais coisa de mulher. Battle fez seu passe de mágica. Anne Meredith encolheu-se toda.

— Oh, que horror! Eu tenho que... pegar nisso?

— Eu preferiria.

Observou-a enquanto segurava o punhal com extremo cuidado, o rosto contraído de repugnância.

— Com esta coisinha de nada... com esta...

— Entra feito manteiga — disse Battle, num ímpeto. — Qualquer criança poderia fazê-lo.

— Quer dizer... quer dizer — olhos arregalados, aterroriza dos, fixos no rosto dele, — que eu poderia ter feito. Mas não fiz. Oh! Não fiz! Por que iria fazer?

— É justamente a resposta que gostaríamos de saber — disse Battle. — Qual o motivo? Por que alguém quis matar o Shaitana? Ele era uma pessoa pitoresca mas, que eu saiba, não tinha nada de perigoso.

Houve uma ligeira pausa na respiração dela — um súbito levantar de seios.

— Não era chantagista, por exemplo, nem nada desse gênero — continuou Battle. — E de qualquer modo, Miss Meredith, a senhora não parece ser do tipo de moça que tenha uma porção de segredos culposos.

Pela primeira vez ela sorriu, tranqüilizada pela cordialidade dele.

— Não, de fato não tenho. Não tenho segredos de espécie alguma.

— Então não precisa preocupar-se, Miss Meredith. Teremos que aparecer pra lhe fazer algumas perguntas, acho eu, mas tudo será mera questão de rotina.

Ele se levantou.

— Agora a senhora já pode ir embora. O meu guarda vai-lhe chamar um táxi, e não fique acordada, se amotinando. Tome umas duas aspirinas.

Acompanhou-a à saída. Ao voltar, o Coronel Race comentou em voz baixa, divertida:

— Battle, que mentiroso mais perfeito que você me saiu! O seu ar paternal estava insuperável.

— Não valia a pena brincar à custa dela, Coronel Race. Das duas

uma: ou a pobre criança está morta de medo... em cujo caso seria uma crueldade, e não sou um sujeito cruel; nunca fui... ou então é uma atrizinha de grandes recursos e não adiantaria nada fazê-la perder a noite inteira aqui.

Mrs. Oliver soltou um suspiro e correu as mãos livremente pela franja até que a deixou toda eriçada, dando-lhe um aspeto de descabelada embriaguez.

— Sabem de uma coisa — disse, — já estou quase acreditando que foi ela! A sorte é que não se trata de um livro. Os leitores não gostam quando a criminosa é moça e ainda por cima bonita. De qualquer forma, estou achando que foi ela. O que o senhor acha, Monsieur Poirot?

— Eu? Acabo de fazer uma descoberta.

— Nas contagens do bridge de novo?

— Sim, Miss Anne Meredith continua as anotações do outro lado, prolonga as linhas e usa o verso.

— E o que significa isso?

— Significa que já passou privações ou então tem um espírito naturalmente econômico.

— Ela veste roupas caras — observou Mrs. Oliver.

— Mande entrar o Major Despard — disse o Superintendente Battle.

O QUARTO ASSASSINO?

Despard entrou na sala com passo rápido e elástico — um passo que lembrava alguma coisa ou alguém a Poirot.

— Desculpe tê-lo feito esperar tanto tempo, Major Despard — disse Battle. — Mas eu quis deixar as mulheres irem embora o mais depressa possível.

— Não precisa desculpar-se. Eu compreendo.

Sentou e ficou olhando o Superintendente com ar inquisitivo.

— O senhor conhecia bem Mr. Shaitana? — começou esse último.

— Falei duas vezes com ele — respondeu Despard viva mente.

— Só duas?

— Foi só.

— Em que ocasiões?

— Há cerca de um mês, nós dois jantamos na mesma casa.

Depois ele me convidou pra um coquetel, uma semana mais tarde.

— Um coquetel, aqui?

— Sim.

— Onde se realizou... nesta sala ou na sala de estar?

— Em todas as salas.

— Viu esta cozinha por aí?

Battle novamente mostrou o punhal.

O lábio do Major Despard se retorceu de leve.

— Não — respondeu. — Naquela ocasião eu não o marquei pra uso futuro.

— Não há necessidade de se adiantar ao que eu digo, Major Despard.

— Vai-me desculpar. Mas a dedução era bastante óbvia.

Houve uma pausa, depois Battle recomeçou com as perguntas.

— O senhor tinha algum motivo pra antipatizar com Mr. Shaitana?

— Todos.

— Como?

O Superintendente parecia atônito.

— Pra antipatizar com ele... não pra matá-lo — explicou Despard.

— Eu não tinha o mínimo desejo de matá-lo, mas me agradaria

imensamente dar-lhe um pontapé. Que pena. Agora é tarde demais.

— Por que o senhor queria dar-lhe um pontapé, Major Despard?

— Porque era o tipo do canalha que precisa levar muitos pontapés. Sempre provocava um bocado de coceira na ponta da minha bota.

— Sabe de alguma coisa a respeito dele... que o desabonasse, quero dizer?

— Ele se vestia bem demais; usava o cabelo comprido demais, e cheirava a perfume.

— No entanto o senhor aceitou seu convite pra jantar — frisou Battle.

— Se eu fosse jantar unicamente nas casas em que aprovasse totalmente o anfitrião, creio que não jantaria muito fora, Superintendente Battle — retrucou Despard impassível.

— Gosta da vida de sociedade, mas não a aprova? — sugeriu o outro.

— Gosto por períodos bem curtos. Pra voltar das selvas e encontrar salas iluminadas e mulheres de vestidos bonitos, pra dançar e comer bem, e risos...sim, isso eu aprecio... durante certo tempo. Mas depois a falta de sinceridade de tudo me nauseia e só quero afastar-me novamente.

— A espécie de vida que o senhor leva deve ser muito perigosa, Major Despard, perambulando lá por aqueles lugares inóspitos.

Despard deu de ombros. Teve um sorriso fugaz.

— Mr. Shaitana não levava uma vida perigosa... no entanto ele está morto, e eu vivo!

— Talvez levasse uma vida mais perigosa do que o senhor pensa — retrucou Battle, significativamente.

— Como assim?

— O falecido Mr. Shaitana era um pouco abelhudo — respondeu Battle.

O outro inclinou-se para a frente.

— Quer dizer que se intrometia na vida alheia., que descobria... o quê?

— Eu realmente quero dizer que ele talvez tosse o tipo do sujeito que se intrometia... hum... ora, com mulheres.

O Major Despard recostou-se na cadeira. Deu uma risada, uma risada engraçada, porém indiferente.

— Não creio que as mulheres levassem a sério um saltimbanco como ele.

— Qual é a sua teoria sobre quem o matou, Major Despard?

— Bem, sei que eu não fui. A pequena Miss Meredith também não. Não posso imaginar a Mrs. Lorrimer fazendo isso... ela me lembra uma das minhas tias carolas. Fica sobrando o cavalheiro médico.

— O senhor é capaz de descrever seus movimentos e os das outras pessoas nesta noite?

— Eu levantei duas vezes... uma pra apanhar um cinzeiro e também atizar o fogo... e outra pra buscar um drinque.

— A que horas?

— Não saberia dizer. A primeira vez deve ter sido por volta das dez e meia, a segunda às onze, mas isso é mera conjectura. Mrs. Lorrimer se aproximou uma vez da lareira e falou qualquer coisa com o Shaitana. Não cheguei a ouvir direito o que ele respondeu, mas é que não estava prestando atenção. Não poderia jurar que ele não houvesse respondido. Miss Meredith andou um pouco pela sala, mas não creio que se tivesse aproximado da lareira. O Roberts não parou de levantar e sentar... três ou quatro vezes no mínimo.

— Vou fazer-lhe a pergunta de Monsieur Poirot — disse Battle com um sorriso. — Qual a opinião que tem deles como jogadores de bridge?

— Miss Meredith joga bastante bem. O Roberts exagera nas declarações que é uma desgraça. Merecia perder mais do que perde. Mrs. Lorrimer é danada de boa.

Battle virou-se para Poirot.

— Mais alguma coisa, Monsieur Poirot?

Poirot sacudiu a cabeça.

Despard deu o Albany como endereço, desejou-lhes boa noite e saiu da sala.

Quando a porta fechou atrás dele, Poirot mexeu-se de leve.

— Que foi? — indagou Battle.

— Nada — respondeu Poirot. — Acaba de me ocorrer que ele caminha feito tigre... é. bem assim, ágil, ligeiro, locomove-se como o tigre.

— Hum! — fez Battle. — Pois muito bem — seu olhar passou em revista os três companheiros, — qual deles é que foi?

QUAL DELES?

Battle examinou rosto por rosto. Só uma pessoa respondeu a pergunta. Mrs. Oliver, nunca avessa a dar sua opinião, apressou-se a falar.

— A moça ou o médico — disse.

Battle olhou os outros dois com expressão interrogativa. Mas ambos foram relutantes em manifestar um pronunciamento. Race sacudiu a cabeça. Poirot alisou com cuidado as contagens amarrotadas de bridge.

— Um deles tem que ter sido — disse Battle. — Um deles está mentindo como o diabo. Mas qual? Não é fácil... não, não é fácil.

Ficou calado um instante, depois continuou.

— Se eu me fosse fiar no que eles dizem, o médico acha que foi o Despard, Despard acha que foi o médico, a moça acha que foi a Mrs. Lorrimer... e Mrs. Lorrimer não quis falar! Nada disso esclarece grande coisa.

— Não sei, não — retrucou Poirot.

Battle lançou-lhe um olhar rápido.

— O senhor acha que sim?

Poirot acenou vagamente com a mão.

— Uma nuance...nada mais! Nada de realmente válido.

Battle prosseguiu:

— Vocês dois não querem dar opinião...— Não há prova — atalhou Race, sucinto.

— Ah, esses homens! — suspirou Mrs. Oliver, desprezando tantas reticências.

— Examinemos as possibilidades de modo geral — disse Battle. Considerou um instante. — Eu ponho o médico em primeiro lugar, acho. O tipo do sujeito capcioso. Saberá o lugar exato pra cravar o punhal. Mas isso é praticamente tudo o que se pode dizer contra ele. Depois veja-se o Despard. Eis aí um homem com coragem de sobra. Acostumado a tomar decisões rápidas e que se encontra muito à vontade fazendo coisas perigosas. Mrs. Lorrimer? Também é corajosa, o tipo da mulher que podia ter um segredo em sua vida. Dá impressão

de que já teve problemas. Em compensação, eu diria que ela é o que eu chamo de mulher de elevados princípios... a espécie de criatura capaz de dirigir um colégio feminino. Não é fácil imaginá-la enfiando uma faca em alguém. De fato, não creio que tenha sido ela. E por último, temos a pequena Miss Meredith. Não sabemos nada a seu respeito. Parece uma moça comum, bonita, meio tímida. Mas, como já disse, não sabemos de nada a seu respeito.

— Sabemos que o Shaitana acreditava que ela houvesse cometido um crime — lembrou Poirot.

— O rosto de anjo mascarando o demônio — ruminou Mrs. Oliver.

— Isso está adiantando alguma coisa, Battle? — perguntou o Coronel Race.

— O senhor julga que são especulações improfícuas? Pois num caso assim, não dá pra evitá-las.

— Não seria melhor apurar algo sobre essa gente? Battle sorriu.

— Ah, quanto a isso meteremos mãos à obra em seguida. Acho até que o senhor nos poderia ajudar.

— Perfeitamente. De que maneira?

— No que se refere ao Major Despard. Ele esteve uma porção de vezes no estrangeiro... na América do Sul, na África Oriental, na África do Sul... o senhor dispõe de meios de conhecer esses lugares. Poderia obter informações sobre ele.

Race concordou.

— É o que farei. Vou colher todos os dados disponíveis.

— Ah! — exclamou Mrs. Oliver. — Tenho um plano. Nós somos quatro... quatro detetives, pode-se dizer... e eles também são quatro! Que tal se cada um de nós se encarregasse de cada um deles?

De acordo com as nossas suspeitas! O Coronel Race ficaria com o Major Despard, o Superintendente Battle com o Dr. Roberts, e eu com a Anne Meredith e o Monsieur Poirot com Mrs. Lorrimer.

Cada um seguiria a linha que quisesse!

O Superintendente Battle sacudiu decisivamente a cabeça.

— Não posso fazer isso, Mrs. Oliver. Trata-se de um assunto oficial, compreende? Fui incumbido. Tenho que investigar todas as linhas. De mais a mais, é muito simples dizer "de acordo com as nossas suspeitas". Dois de nós talvez quiséssemos apostar no mesmo cavalo! O Coronel Race não disse que desconfia do Major Despard. E Monsieur Poirot pode muito bem não querer arriscar seu dinheiro na Mrs. Lorrimer.

Mrs. Oliver suspirou.

— Era um plano tão bom — suspirou pesarosa. — Tão bem feito.

Depois animou-se um pouco. — Mas o senhor não se importa que eu também investigue algo por minha conta, não é ?

— Não — respondeu o Superintendente Battle, devagar. — Não posso dizer que objete a isso. Na verdade, objetar está fora da minha alçada. Tendo estado presente na festa de hoje à noite, a senhora naturalmente se encontra livre pra fazer tudo o que a sua curiosidade ou interesse sugerirem. Mas apenas gostaria de lembrar-lhe, Mrs. Oliver, que seria conveniente tomar certa cautela.

,— Sou a própria discrição — afirmou Mrs. Oliver. — Não revelarei uma só palavra de... de nada — concluiu, meio desanimada.

— Acho que não foi bem isso que o Superintendente Battle quis dizer — explicou Hercule Poirot. — Ele quis dizer que a senhora estará às voltas com uma pessoa que, ao que nos consta, já matou duas vezes... uma pessoa, portanto, que não há de hesitar em matar pela terceira vez... se julgar necessário.

Mrs. Oliver olhou-o, pensativa. Depois sorriu — um sorriso simpático, cativante, que lembrava o de uma criança atrevida.

— Fico prevenida — disse — Obrigada, Monsieur Poirot, cuidarei onde piso. Mas não pretendo ficar fora dessa história.

Poirot fez-lhe uma mesura graciosa.

— Permita-me cumprimentá-la... a senhora tem espírito esportivo, madame.

— Presumo — continuou Mrs. Oliver, endireitando-se no assento e falando de modo prático, como se estivesse numa reunião de conselho, — que todas as informações apuradas serão divididas, isto é, ninguém guardará segredos só pra si. É lógico que se possa manter reserva sobre nossas próprias deduções e impressões.

O Superintendente Battle suspirou.

— Isso não é um romance policial, Mrs. Oliver — disse ele.

— É evidente que toda informação tem de ser comunicada à policia — afirmou Race.

Tendo feito essa declaração na sua voz mais "gabinete de comando da companhia", acrescentou, com leve brilho no olhar:

— Estou seguro de que a senhora agirá direito, Mrs. Oliver.

A luva manchada, a impressão digital no copo da dentadura, o pedaço de papel queimado, a senhora entregará aqui ao Battle.

— Pode achar graça — retrucou Mrs. Oliver, — mas a intuição

feminina... — Sacudiu a cabeça com decisão.

Race pôs-se em pé.

— Vou mandar investigar o Despard pro senhor. Talvez demore um pouco. Não precisa de mais nada?

— Creio que não. Obrigado, Coronel. Não tem nenhuma idéia? Qualquer coisa desse gênero teria valor inestimável pra mim.

— Hum. Bem... eu ficaria especialmente de sobreaviso pra tiros, veneno ou acidentes, mas tenho a impressão de que o senhor já pensou nisso.

— Sim. Coronel... já anotei.

— Muito bem. Battle. Você não precisa que lhe ensinem como se trabalha. Boa noite. Mrs. Oliver. Boa noite. Monsieur Poirot.

E com um aceno final a Battle, o Coronel Race retirou-se da sala.

— Quem é ele? — perguntou Mrs. Oliver.

— Excelente folha corrida no Exército — informou Battle. — Viajou um bocado, também. Não existem muitas partes do mundo que desconheça.

— Serviço Secreto, suponho — disse Mrs. Oliver. — Sei que o senhor não me pode responder, mas do contrário ele não teria sido convidado esta noite. Os quatro assassinos e os quatro detetives... Scotland Yard. Serviço Secreto. Particular. Ficção. Uma idéia inteligente.

Poirot sacudiu a cabeça.

— A senhora está enganada, madame. Foi uma idéia muito idiota. O tigre ficou alarmado... e deu o bote.

— O tigre? Que tigre?

— Por tigre eu entendo o assassino — respondeu Poirot.

— Qual a sua idéia da linha certa a seguir, Monsieur Poirot? — indagou Battle abruptamente. — Isto é uma pergunta. E também gostaria de saber o que acha da psicologia dessas quatro pessoas. Nesse sentido o senhor é bastante forte.

Ainda alisando as contagens de bridge, Poirot respondeu:

— Tem razão; a psicologia é muito importante. Nós sabemos o tipo de crime que foi cometido, o modo como foi cometido. Se tivermos uma pessoa que, do ponto de vista psicológico, seria incapaz de ter cometido esse tipo especial de crime, então podemos eliminá-la de nossas considerações. Nós sabemos alguma coisa sobre essas pessoas. Tiramos as nossas próprias impressões, sabemos a linha que cada uma escolheu pra seguir, e sabemos algo a respeito da mentalidade e do

caráter delas pelo que se pôde deduzir de sua atitude como jogadores de bridge. do exame da caligrafia e destas contagens. Mas, infelizmente!, não é fácil dar uma opinião definitiva. Esse crime exigiu audácia e coragem... uma pessoa que estivesse disposta a arcar com o risco.

"Ora, nós temos o Dr. Roberts... um blefista. que sempre declara uma mão melhor que a que tem. um homem com toda a confiança nos próprios poderes pra praticar um efeito arriscado. Sua psicologia encaixa muito bem com o crime. Pode-se dizer, então. que isso elimina automaticamente Miss Meredith. Ela é tímida, receosa de exagerar na declaração do jogo que tem. cuidadosa, econômica, prudente, e carecendo de autoconfiança... o último tipo de pessoa capaz de executar um golpe atrevido, que comporte risco. Mas uma pessoa tímida pode matar por causa do medo. Uma pessoa nervosa e assustada pode ficar desesperada, pode transformar-se no rato raivoso, acuado num canto. Se Miss Meredith houvesse cometido um crime no passado e acreditasse que Mr. Shaitana conhecesse as circunstâncias desse crime, e estivesse pronto a entregá-la à justiça, ficaria louca de medo: não hesitaria diante de nada pra se salvar. O resultado seria o mesmo, embora causado por uma reação diferente... não por fria coragem e ousadia, mas por pânico desesperado.

"Depois tomemos o Major Despard... um homem controlado, cheio de recurso, disposto a tentar um tiro de longo alcance se acreditar que seja absolutamente indispensável. Ele pesaria os prós e os contras e talvez chegasse à conclusão de que havia uma pequena possibilidade a seu favor... é o tipo do homem que prefere a ação à inércia, que nunca vacilaria em escolher a solução perigosa, caso acreditasse que houvesse uma razoável chance de êxito. Finalmente há Mrs. Lorrimer. uma mulher já de idade, mas ainda arguta e na plena posse de suas faculdades. Calma. Com cérebro matemático. Provavelmente possui o melhor cérebro dos quatro. Confesso que. se Mrs. Lorrimer cometesse um crime, creio que seria um crime premeditado. Posso vê-la planejando um crime com todo o vagar e cuidado, certificando-se de que não há rombos no esquema. Por esse motivo ela me parece ligeiramente mais implausível que os outros três. E, todavia, a personalidade mais dominadora. e tudo o que empreendesse seria provavelmente executado sem o mínimo deslize. É uma mulher totalmente eficiente.

Fez uma pausa.

— Portanto, como vêem, isso de pouco nos serve. Não... só existe um caminho neste crime. Devemos retroceder ao passado.

Battle suspirou.

— Tem toda a razão — murmurou.

— Na opinião de Mr. Shaitana, cada uma dessas quatro pessoas cometeu um crime. Ele tinha provas? Ou seria simples conjectura? Não sabemos. A meu ver é impossível que pudesse ter provas concretas de todos os quatro casos...

— Quanto a isso eu concordo — disse Battle, sacudindo a cabeça.
— Seria excesso de coincidência.

— Sugiro que talvez houvesse acontecido, assim... o crime ou uma certa forma de crime é mencionada, e Mr. Shaitana surpreende um olhar no rosto de alguém. Ele era muito rápido... muito sensível a expressões. Acha graça em experimentar, sondar de leve no decurso de uma conversa aparentemente vaga; está pronto a reparar num estremecimento, numa reserva, numa vontade de mudar de assunto. Ah, é a coisa mais fácil de ser feita. Se a gente suspeita de um determinado segredo, nada mais simples do que confirmar essa suspeita. Toda vez que uma palavra acerta em cheio, a gente nota... se estiver à espera de uma coisa assim.

— É a espécie de jogo que teria divertido o nosso falecido amigo — concordou Battle, com um aceno.

— Podemos supor, então, que foi assim que se processou num ou mais casos. Ele talvez houvesse deparado com provas concretas noutro caso e seguido a pista. Duvido que, em qualquer hipótese, dispusesse de certeza suficiente a ponto... por exemplo... de comunicar à polícia.

— Ou pode ser que fosse um caso de outra espécie — disse Battle.
— Muitas vezes acontece uma história suspeita... desconfiamos de alguma desonestidade, mas nunca conseguimos provar. Seja como for, não há dúvida quanto ao caminho a seguir. Temos que examinar a folha corrida de todas essas pessoas... e anotar as mortes que possuam significado. Espero que o senhor haja reparado, tal como o Coronel reparou, no que Shaitana disse à hora do jantar.

— O anjo negro — murmurou Mrs. Oliver.

— Uma clara referência a veneno, a acidentes, às oportunidades de um médico, a tiros acidentais. Eu não me surpreenderia se ele tivesse assinado sua sentença de morte quando pronunciou aquelas palavras.

— Houve uma espécie de pausa malévola — lembrou Mrs. Oliver.

— Sim — disse Poirot. — As palavras acertaram no alvo de uma pessoa, pelo menos... a pessoa que provavelmente pensou que Shaitana soubesse mais do que de fato sabia. Esse ouvinte imaginou que elas marcassem o prelúdio do fim... que a festa fosse uma encenação dramática programada pelo Shaitana, cujo clímax seria uma prisão por homicídio! Sim, é como o senhor diz, ele assinou sua sentença de morte quando atçou os convidados com essas palavras.

Fez-se um momento de silêncio.

— Vai ser um negócio demorado — comentou Battle com um suspiro. — Não podemos descobrir tudo o que queremos de uma hora pra outra... e temos que tomar cuidado. Não se vai querer que nenhum dos suspeitos desconfie do que estamos fazendo. Todo o nosso interrogatório e assim por diante deve dar impressão de que se relaciona com este crime. Não pode gerar nenhuma suspeita de que possuímos qualquer noção sobre o motivo do crime. E o diabo é que, em vez de um, vamos ter que verificar quatro possíveis homicídios no passado.

Poirot levantou uma dúvida:

— Nosso amigo Shaitana não era infalível — ponderou. — Talvez... a hipótese é viável... tivesse cometido um engano.

— Em relação a todos os quatro?

— Não... ele era mais inteligente do que isso.

— Em cinqüenta por cento, digamos?

— Tampouco. Pra mim, eu diria um sobre quatro.

— Um inocente e três culpados? Já é ruim que chega. E o pior é que, por mais que se apure a verdade, talvez não nos sirva de nada. Mesmo que alguém tenha realmente empurrado a tia-avó, anos atrás, pela escada abaixo, hoje não teria grande serventia pra nós.

— Ah, como não; teria, sim! — Poirot encorajou-o. — O senhor sabe disso. Tão bem quanto eu.

Battle concordou devagar com a cabeça.

— Percebo aonde quer chegar — disse. — A mesma característica.

— Quer dizer — perguntou Mrs. Oliver, — que a vítima anterior também teria sido apunhalada?

— Não de maneira assim tão óbvia, Mrs. Oliver — retrucou Battle, virando-se para ela. — Mas não duvido que seria essencialmente o mesmo tipo de crime. Os detalhes talvez fossem diferentes, mas os traços gerais seriam os mesmos. É curioso, o criminoso sempre se

delata por causa disso.

— O homem é um animal sem originalidade — sentenciou Hercule Poirot.

— As mulheres — afirmou Mrs. Oliver — são capazes de variações infinitas. Eu jamais cometeria o mesmo tipo de crime duas vezes consecutivas.

— A senhora nunca escreveu a mesma história duas vezes consecutivas? — perguntou Battle.

— O Crime do Loto — murmurou Poirot. — A Pista da Vela de Cera.

Mrs. Oliver voltou-se para ele. os olhos brilhantes de admiração.

— Que observação mais perspicaz... o senhor é de fato inteligentíssimo. Porque é claro que essas duas têm exatamente a mesma trama, mas ninguém mais percebeu. A primeira gira em torno de documentos roubados num fim de semana, durante uma festa informal no Ministério, e a outra trata de um assassinato em Bornéu no chalé de um plantador de borracha.

— Mas a idéia essencial em que se baseiam é a mesma — disse Poirot. — Um de seus truques mais perfeitos. O plantador de borracha planeja seu próprio assassinato; o ministro de gabinete planeja o roubo de seus próprios documentos. No derradeiro instante, uma terceira pessoa intervém e converte a farsa em realidade.

— Gostei muito do seu último livro. Mrs. Oliver — disse gentilmente o Superintendente Battle. — Aquele em que todos os delegados de polícia são baleados simultaneamente. A senhora só cometeu uma que outra falha nos pormenores oficiais. Sei que faz questão de veracidade, por isso achei que...

Mrs. Oliver interrompeu-o.

— Pra ser franca, não ligo a mínima bola pra veracidade. Quem é verídico, hoje em dia? Ninguém. Se um repórter escreve que uma bela moça de vinte e dois anos morre acendendo o gás depois de contemplar o mar e despedir-se de Bob, seu Labrador favorito, alguém porventura reclama que na verdade tinha vinte e seis anos, o quarto dava pro campo, e o cão era um ratoneiro chamado Boonie? Se um jornalista se permite esse tipo de coisa, não vejo que importância tenha que eu confunda a hierarquia policial, diga revólver quando quero dizer automática, dictógrafo quando me refiro a fonógrafo. e use um veneno que apenas deixa a gente balbuciar algumas palavras moribundas e mais nada.

"O que realmente importa é uma porção de cadáveres! Quando a coisa começa a ficar enfadonha, um pouco de sangue anima tudo. Alguém está prestes a revelar uma coisa... e aí morre primeiro! Isso sempre causa impacto. Acontece em todos os meus livros... dissimulado de mil maneiras diferentes, claro. E os leitores gostam de venenos indecifráveis, inspetores de polícia burros, moças amarradas em porões, onde o gás ou a água do esgoto inunda tudo. sistema positivamente incômodo de matar alguém, e o herói capaz de enfrentar três a sete vilões sozinho. Já escrevi trinta e dois romances até agora... e é lógico que todos contam exatamente a mesma história, tal como Monsieur Poirot pelo visto notou... mas ninguém mais percebeu. E lamento apenas uma coisa: ter criado um detetive finlandês. Eu de fato não conheço nada sobre os finlandeses e vivo recebendo cartas da Finlândia, apontando algo impossível que ele disse ou fez. Parece que lêem romances policiais à beca na Finlândia. Decerto por causa dos longos invernos sem a luz do dia. Na Bulgária e na Romênia, pelo jeito, ninguém lê. Teria sido melhor que eu o tivesse feito búlgaro. Deteve-se.

— Oh, desculpem. Estou falando de meus interesses profissionais. E isto aqui é um homicídio verdadeiro. — Seu rosto se iluminou. — Que boa idéia que seria se nenhum deles fosse o assassino. Se tivesse convidado todos e depois cometesse discretamente suicídio só pelo prazer de provocar confusão.

Poirot acenou sua aprovação.

— Uma solução admirável. Tão perfeita. Tão irônica. Mas, infelizmente, Mr. Shaitana não era esse tipo de homem. Ele gostava muito da vida.

— Não acho que fosse realmente uma pessoa simpática — retrucou Mrs. Oliver devagar.

— Não era, não — concordou Poirot. — Mas estava vivo... e agora está morto, e, como certa vez disse a ele, eu mantenho uma atitude burguesa em relação ao crime. Eu o condeno. E assim — acrescentou em voz baixa, — estou preparado pra entrar na jaula do tigre.

O DOUTOR ROBERTS

— Bom dia, Superintendente Battle.

O Dr. Roberts levantou-se da cadeira e ofereceu uma mão grande e rosada, cheirando a sabonete e ácido fênico.

— Como vão indo as coisas? — perguntou.

O Superintendente Battle lançou um olhar pelo confortável gabinete de consultas antes de responder.

— Pois, Dr. Roberts, pra falar com franqueza, elas não estão indo. Continuam paradas.

— Os jornais não publicaram quase nada, o que muito me alegra

— Morte súbita do famoso Mr. Shaitana numa festa noturna em sua própria casa. Por enquanto ficou nisso. Fizemos a autópsia... trouxe comigo um relatório do que encontraram... julguei que talvez lhe interessasse...

— E muito gentil de sua parte. Interessa-me, sim. Hum... terceira costela cervical, etcétera. É, muito interessante.

Devolveu-o.

— E entrevistamos o advogado de Mr. Shaitana. Conhecemos, os termos do testamento. Não contêm nada de interesse. Parece que ele possui parentes na Síria. E depois, naturalmente, revistamos todos os seus documentos particulares.

Seria impressão ou aquele semblante largo, bem barbeado, denotou uma certa tensão... uma certa impassibilidade?

— E? — perguntou o Dr. Roberts.

— Nada — respondeu o Superintendente Battle, observando-o.

Não houve suspiro de alívio. Nada tão acintoso assim. Mas o corpo do médico pareceu descontrair-se um pouco mais à vontade no assento.

— E por isso veio procurar-me?

— E por isso, como o senhor diz, vim procurá-lo.

As sobrancelhas do médico meio que arquearam e os olhos argutos se fixaram nos de Battle.

— Quer examinar os meus documentos particulares... não é?

— Era minha idéia.
— Trouxe mandado de busca?
— Não.
— Ora, seria tão fácil conseguir, acho eu. Não vou criar problemas. Não é muito agradável ser suspeito de assassinato, mas suponho que não posso culpá-lo pelo que constitui, evidentemente, um dever seu.
— Obrigado, doutor — disse o Superintendente Battle com sincera gratidão. — Aprecio muito sua atitude, permita-me dizer-lhe. Só espero que os outros também se mostrem razoáveis assim.
— É preciso conformar-se com o que não tem remédio — retrucou o médico, bem-humorado. — Já terminei de atender meus clientes aqui — continuou. — Estava de saída pra fazer minhas visitas. Vou deixar-lhe as chaves e recomendar à secretária pra não atrapalhar suas pesquisas.
— Perfeitamente, muito obrigado — disse Battle. — Mas gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas antes de o senhor ir embora.
— Sobre anteontem à noite? Realmente, já lhe disse tudo o que sei.
— Não, não é sobre anteontem à noite. É sobre o senhor mesmo.
— Pois então pergunte logo, homem. O que quer saber?
— Queria apenas um rápido resumo de sua carreira, Dr. Roberts. Quando nasceu, casou e assim por diante.
— Vou ficar com prática pro Whos Who — retrucou o médico impassível. — Minha carreira foi absolutamente normal. Sou natural de Shropshire e nasci em Ludlow. Meu pai tinha clínica lá. Morreu quando eu estava com quinze anos. Fui educado em Shrewsbury e segui medicina, como meu pai antes de mim. Formei-me no Saint Christopher... mas suponho que já tenha todos os pormenores a esse respeito.
— Sim, já me informei, doutor. O senhor é filho único ou tem irmão?
— Sou filho único. Meus pais morreram e não casei. Isso chega pra começar? Formei sociedade aqui com o Dr. Emery. Ele se aposentou há uns quinze anos. Vive na Irlanda. Posso dar-lhe o endereço, se quiser. Moro aqui com um cozinheiro, uma copeira e uma criada. Minha secretária vem todos os dias. Tenho boa renda e só mato um número razoável de pacientes. Que lhe parece?
O Superintendente Battle sorriu.
— Bastante completo, Dr. Roberts. Alegro-me que possua senso de humor. Agora vou fazer-lhe mais uma pergunta.

— Sou um sujeito extremamente moralista, Superintendente.

— Oh, não foi a isso que me referi. Não, ia apenas perguntar-lhe se o senhor não me daria o nome de quatro amigos... pessoas que o conheçam intimamente há um certo número de anos. Uma espécie de referências, se entende o que quero dizer.

— Sim, creio que sim. Deixe-me ver. Prefere pessoas que residam realmente em Londres atualmente?

— Seria um pouco mais fácil mas não faz muita diferença.

O médico refletiu um instante, depois pegou a caneta-tinteiro e rabiscou quatro nomes e endereços numa folha de papel e empurrou-a em cima da escrivaninha na direção de Battle.

— Esses servem? São os melhores que me ocorrem de momento.

Battle leu com atenção, sacudiu a cabeça satisfeito e guardou a folha de papel num bolso interno do paletó.

— É só uma questão de exclusão — disse. — Quanto mais depressa eu possa excluir uma pessoa e passar à seguinte, tanto melhor pra todos os interessados. Tenho de me certificar por completo que o senhor não estava de más relações com o falecido Mr. Shaitana, que não mantinha ligações particulares ou transações de negócios com ele, e que não havia possibilidade de que o tivesse ofendido e que o senhor lhe guardasse rancor. Eu posso acreditar quando o senhor diz que só o conhecia ligeiramente, mas não se trata do que eu acredito. Tenho que declarar que me certifiquei.

— Ah, compreendo perfeitamente. O senhor tem que partir do pressuposto de que todo mundo está mentindo até que fique provado o contrário. Cá estão minhas chaves, Superintendente. Esta e a das gavetas da escrivaninha... esta, a do bureau... esta menor abre o armário de venenos. Não se esqueça de trancá-la de novo.

— Talvez fosse bom eu dar uma palavrinha a minha secretária.

Apertou um botão na escrivaninha.

Quase no mesmo instante a porta abriu, mostrando uma jovem de aspeto competente.

— .Chamou, doutor?

— Esta é Miss Burgess. O Superintendente Battle, da Scotland Yard.

Miss Burgess lançou um olhar sereno a Battle. Parecia dizer: — - “Nossa, que espécie de animal é esse?”

— Eu ficaria grato, Miss Burgess, se _a senhora pudesse responder

a todas as perguntas que o Superintendente quisesse fazer-lhe, e fornecesse toda ajuda de que ele possa necessitar.

— Pois não, o senhor manda, doutor.

— Bem — disse Roberts, erguendo-se, — tenho de ir.

Colocou a morfina na minha maleta? Vou ter de usá-la no caso Lockhaert...

E sempre falando, saiu precipitadamente, seguido por Miss Burgess. Ela reapareceu dois minutos mais tarde para dizer:

— Quer apertar aquele botão quando precisar de alguma coisa, Superintendente Battle?

O Superintendente agradeceu e prometeu que apertaria. Depois pôs mãos à obra.

A busca foi cuidadosa e metódica, embora não alimentasse grandes esperanças de achar algo importante. A pronta aquiescência de Roberts dissipara essa probabilidade. Roberts não era tolo. Decerto tinha adivinhado logo que aquilo iria acontecer e tomado as providências necessárias. Havia, contudo, uma leve possibilidade de que Battle encontrasse uma pista da informação que realmente procurava, uma vez que Roberts ignorava o verdadeiro objeto da busca.

O Superintendente Battle abriu e fechou gavetas, vasculhou minúsculos compartimentos, examinou um talão de cheques, calculou contas por pagar — anotando ao que se referiam, — esmiuçou a caderneta bancária de Roberts, passou uma vista d'olhos pelas observações de casos clínicos e, de modo geral, não deixou nenhum documento intocado. O resultado foi extremamente parco. Depois passou em revista o armário de venenos, verificou as firmas atacadas onde o médico fazia suprimento, o sistema de controle, e tornou a trancar o armário, concentrando-se no bureau. O conteúdo deste último era de natureza mais pessoal, mas Battle não encontrou nada pertinente à busca. Sacudiu a cabeça, instalou-se na cadeira do médico, e apertou o botão da escrivaninha.

Miss Burgess atendeu com presteza.

O Superintendente Battle pediu-lhe delicadamente para sentar e depois ficou analisando-a um instante, antes de decidir a melhor maneira de abordar o assunto. Tinha pressentido logo a hostilidade dela e estava incerto se devia provocá-la a falar apaixonadamente, sem reservas, aumentando essa hostilidade, ou se não seria preferível tentar um método mais suave.

Suponho que saiba o porque de tudo isso, Miss Burgess — disse, afinal.

O Dr. Roberts me explicou — retrucou Miss Burgess, lacônica..

A coisa toda e meio delicada — continuou o Superintendente.

— É? — fez Miss Burgess.

— Bem, trata-se de um negócio bastante desagradável. Quatro pessoas estão sob suspeita e uma delas deve ter cometido o crime. O que eu quero saber é se a senhora chegou a ver esse Mr. Shaitana?

— Não.

— Nunca ouviu o Dr. Roberts falar nele?

— Nunca... não, estou enganada. Há cerca de uma semana o Dr. Roberts me pediu pra anotar um jantar no seu livro de compromissos. Mr. Shaitana, às oito e quinze, dia dezoito.

— E essa foi a primeira vez que ouviu falar nesse Mr. Shaitana?

— Foi.

— Nunca viu o nome dele nos jornais? Ele saía muitas vezes nas colunas sociais.

— Tenho melhores coisas a fazer do que ler colunas sociais.

— Imagino que tenha. Ah, imagino que tenha — retrucou o Superintendente, conciliador. — Bem — prosseguiu, — Aí está. Todas essas quatro pessoas admitem apenas que conheciam Mr. Shaitana ligeiramente. Mas uma delas o conhecia bastante bem pra matá-lo. O meu encargo é descobrir qual seria.

Houve uma pausa inútil. Miss Burgess parecia extremamente desinteressada no desempenho do encargo do Superintendente Battle. O dela era obedecer as ordens do patrão e ficar ali sentada, escutando o que o Superintendente quisesse dizer, e respondendo qualquer pergunta direta que resolvesse fazer-lhe.

— Sabe, Miss Burgess — o Superintendente achou o trabalho árduo, mas perseverou, — duvido que a senhora avalie metade das dificuldades do nosso serviço. As coisas que as pessoas dizem, por exemplo. Ora, talvez não lhes demos o menor crédito, mas mesmo assim temos que levar em conta. Isso é especialmente constatável num caso como este. Não quero dizer nada contra o seu sexo, mas não há dúvida de que uma mulher, quando acuada, é propensa a dar um pouco com a língua nos dentes. Faz acusações infundadas, insinua isso e aquilo, e remexe em tudo quanto é espécie de escândalos antigos que provavelmente nada têm a ver com o caso.

— O senhor quer dizer — retrucou Miss Burgess, — que uma

dessas outras pessoas andou falando coisas contra o doutor?

— Falando, propriamente, não — respondeu Battle, cauteloso. — Mas em todo caso, não posso deixar de levar em conta. circunstâncias suspeitas em torno da morte de um paciente. Tudo, provavelmente, um monte de asneiras. Sinto vergonha de amolar o doutor por causa disso.

— Vai ver alguém ouviu falar naquela história da Mrs. Graves — disse Miss Burgess, com raiva. — O modo como as pessoas falam de coisas que nem sabem direito é uma desgraça. Uma porção de velhas se comporta assim: pensam que todo mundo quer envenená-las... os parentes, os criados, até os médicos. Mrs. Graves teve três médicos antes de consultar o Dr. Roberts e depois, quando começou a ter as mesmas fantasias a respeito dele, não houve outro remédio senão entregá-la ao Dr. Lee. E a única coisa a fazer nesses casos, segundo ele. Depois do Dr. Lee ela teve o Dr. Steele e, por fim o Dr. Farmer... até que morreu, coitada.

— A senhora se assombraria como uma coisa insignificante se transforma em boato — retrucou Battle. — Toda vez que um médico se beneficia com a morte de um paciente, alguém encontra um comentário maldoso a fazer. E no entanto, por que é que um paciente reconhecido não pode legar alguma coisa, grande ou pequena, ao médico que trata dele?

— São os parentes — afirmou Miss Burgess. — A meu ver, nada como a morte pra revelar a mesquinhez da natureza humana. Antes do cadáver esfriar, já estão brigando pelo que vai tocar a cada um. Ainda bem que o Dr. Roberts nunca teve nenhum problema desse gênero. Ele sempre diz que prefere que os pacientes não lhe deixem nada de herança. Creio que certa vez recebeu cinquenta libras, além de duas bengalas e um relógio de ouro, mas também foi só.

— Vida dura. do profissional — comentou Battle, com um suspiro. — Sempre exposto a chantagens. A ocorrência mais inocente às vezes adquire um aspeto escandaloso. O médico, então, precisa evitar a própria aparência do mal; isso significa que ele tem que manter suas faculdades agudas e em perfeito estado.

— Há muita verdade no que o senhor diz — concordou Miss Burgess — Os médicos encontram dificuldades com mulheres histéricas.

— Mulheres histéricas. Justamente. Pensei, cá comigo, que tudo se resumia nisso.

— Suponho que se refira aquela horrível Mrs. Craddock. Battle fingiu refletir.

— Deixe-me ver. Foi há três anos? Não, mais.

— Quatro ou cinco, acho eu. Que mulher mais desequilibrada! Dei graças a Deus quando foi embora pro exterior. O Dr. Roberts também. Ela pregava as mentiras mais horrorosas ao marido; como sempre fazem, aliás. O coitado ficava fora de si; chegou até a adoecer. Morreu de antraz, sabe? Um pincel de barba infeccionado.

— Tinha esquecido — disse Battle, faltando com a verdade.

— Aí ela foi pro exterior, morrendo pouco tempo depois. Mas sempre achei que era um tipo de mulher desagradável... louca por homem, sabe?

— Conheço o gênero — retrucou Battle. — São perigosíssimas. Os médicos têm que conservar-se à distância. Onde foi que ela morreu no exterior... estou quase me lembrando...

— No Egito, me parece. Teve envenenamento do sangue... uma infecção que dá muito por lá.

— Outra coisa que deve ser difícil pra um médico — disse Battle, tergiversando, — é quando desconfia que um paciente está sendo envenenado por algum parente. O que tem que fazer? Precisa certificar-se... ou então permanecer calado. E se optar pela segunda atitude, será embaraçoso pra ele se correrem boatos de desonestidade posteriormente. Gostaria de saber se o Dr. Roberts nunca teve de enfrentar um caso dessa espécie.

— Acho que, de fato, não — respondeu Miss Burgess, considerando. — Jamais ouvi falar.

— Do ponto de vista estatístico, seria interessante apurar quantas mortes ocorrem numa clínica médica por ano. Como, por exemplo, a senhora já trabalha com o Dr. Roberts há...

— Sete anos.

— Sete anos. Bem, quantas mortes houve nesse período, mais ou menos?

— Francamente, é difícil dizer. — Miss Burgess demorou um pouco pra calcular. Agora tinha perdido o gelo e as desconfianças.

— Sete, oito... é claro que não lembro com exatidão... eu diria que não mais que trinta nesse período.

— Então, decerto o Dr. Roberts deve ser um médico melhor que a maioria — afirmou Battle, cordial. — Suponho, também, que grande parte de seus pacientes pertençam a classes abastadas. Que podem

arcar com cuidados pessoais.

— Ele é um médico muito procurado. Dá diagnósticos excelentes.

Battle deu um suspiro e levantou-se.

— Creio que me afastei um pouco das minhas obrigações, que consistem em estabelecer uma relação entre o doutor e esse Mr. Shaitana. A senhora está bem certa de que ele não se tratava com o doutor?

— Tenho certeza.

— Com outro nome, talvez?

Battle entregou-lhe um retrato. — Não o reconhece mesmo?

— Que criatura de aspecto mais teatral! Não, ele nunca apareceu por aqui, nem uma vez.

— Bem, então é só. — Battle suspirou. — Fico muito grato ao doutor. Foi tudo muito agradável. Diga-lhe isso de minha parte, sim? E que vou passar ao número dois. Até a vista, Miss Burgess, e obrigado pelo auxílio.

Apertou-lhe a mão e retirou-se. Caminhando pela rua, tirou do bolso uma pequena agenda e tomou várias anotações na letra R.

Mrs. Graves? Pouco provável.

Mrs. Craddock?

Nenhuma herança.

Sem esposa. (Lástima).

Investigar mortes de pacientes. Difícil.

Fechou o livrinho e entrou na filial do Banco London & Wessex em Lancaster Gate.

A exibição de seu cartão oficial levou-o a uma entrevista particular com o gerente.

— Bom dia. Soube que um de seus depositantes é um certo Dr. Geoffrey Roberts.

— Exato, Superintendente.

— Necessito algumas informações sobre a conta desse senhor de um determinado número de anos pra cá.

— Vou ver o que posso fazer.

Seguiu-se uma meia hora complicada. Finalmente Battle, com um suspiro, guardou uma folha de algarismos a lápis.

— Encontrou o que queria? — indagou o gerente do banco, curioso.

— Não encontrei, não. Nenhum dado interessante. De qual quer forma, obrigado.

Nesse mesmo instante, o Dr. Roberts, lavando as mãos em seu consultório, perguntava por cima do ombro a Miss Burgess:

— Que tal o nosso imperturbável detetive? Deixou tudo de pernas pro ar e virado pelo avesso?

— Posso garantir-lhe que de mim ele não arrancou muita coisa — respondeu Miss Burgess, apertando os lábios.

Minha cara, você não precisava se comportar como uma ostra. Eu lhe pedi pra dizer a ele tudo o que ele quisesse saber. Por falar nisso, o que era mesmo que ele queria saber?

— Ah, não parou de perguntar se o senhor conhecia esse tal de Shaitana... até sugeriu que ele talvez tivesse vindo cá pra consultar com um nome diferente. Mostrou-me a fotografia. Um homem de aspeto tão teatral!

— O Shaitana? Ah, é, gostava muito de bancar o Mefistófeles moderno. No conjunto até que não ficava mal. Que mais que o Battle perguntou?

— Quase nada, mesmo. Salvo... ah, sim, alguém andou falando pra ele uns troços ridículos sobre a Mrs. Graves... o senhor sabe, sobre aquelas manias dela.

— Graves? Graves? Ah, sim, a velha Graves! Isso até que é engraçado! — O médico riu, achando bastante graça. — Engraçadíssimo, mesmo.

E saiu para almoçar, no auge do bom humor.

O Superintendente Battle estava almoçando com Hercule Poirot. O primeiro parecia desanimado, o segundo compreensivo.

— Sua manhã, então, não foi das mais bem sucedidas — comentou Poirot, pensativo.

Battle sacudiu a cabeça.

— Vai ser um trabalho difícil, Monsieur Poirot.

— Qual a sua opinião sobre ele?

— Sobre o doutor? Pois olhe, francamente, acho que o Shaitana tinha razão. Ele é um assassino. Faz-me lembrar o Westaway. E aquele advogado de Norfolk. A mesma maneira disposta e autoconfiante. A mesma popularidade. Os dois eram demônios de esperteza... e o Roberts também. Em todo caso, isso não significa que o Roberts tivesse matado o Shaitana e, pra ser sincero, acho que não foi ele. Teria avaliado muito bem o risco... melhor que um leigo... de que o Shaitana talvez acordasse e gritasse. Não, eu não creio que o Roberts o tivesse assassinado.

— Mas crê que tenha assassinado alguém?

— Provavelmente uma porção de gente. Como Westaway. Mas vai ser difícil provar. Examinei a conta bancária dele... não continha nada de suspeito... nenhuma soma considerável depositada repentinamente. Seja como for, durante os últimos sete anos ele não recebeu heranças de pacientes. O que afasta a hipótese de homicídio por lucro imediato. Jamais casou... o que é pena... pra um médico, nada mais simples e ideal que matar a própria esposa. É rico, mas afinal de contas tem uma clínica próspera, onde trata de gente rica.

— De fato, parece levar uma vida absolutamente irrepreensível... e é bem possível que leve.

— Talvez. Mas prefiro supor o pior. — Continuou. — Há uma insinuação de escândalo em torno de uma mulher... uma das pacientes... chamada Craddock. Acho que vale a pena investigar. Vou pôr logo alguém pra cuidar disso. A mulher na verdade morreu no Egito, de uma doença comum lá, portanto não creio que aí tenha havido qualquer coisa... mas pode ser que lance um pouco de luz sobre o caráter e a moral dele, de modo geral.

— Era casada.

— Era. O marido morreu de antraz.

— Antraz?

— E. Na época havia uma porção de pincéis de barba baratos... alguns infeccionados. Fizeram até certo escândalo a respeito.

— Propício — sugeriu Poirot.

— Foi o que pensei. Se o marido andasse com ameaças de provocar uma briga... Mas aí, são meras conjecturas. Não temos nenhum ponto de apoio pra nos basearmos.

— Coragem, meu amigo. Conheço a paciência que o senhor tem. No fim, terá tantos que nem saberá qual escolher.

— E cairei dentro de um buraco de tanto me preocupar com eles — sorriu Battle.

Depois perguntou com curiosidade:

— E o senhor, Monsieur Poirot? Não me quer dar uma mão?

— Sou bem capaz de visitar o Dr. Roberts.

— Nós dois no mesmo dia? Ele vai acabar desconfiando.

— Ah, serei discretíssimo. Não o interrogarei sobre sua vida pregressa.

— Gostaria de saber exatamente a linha que o senhor vai adotar — disse Battle, curioso, — mas não querendo não precisa revelar.

— Du tout... du tout. Não tenho motivo pra ocultar. Conversarei um pouco sobre bridge, mais nada.

— Outra vez o bridge. O senhor insiste nisso, hem, Monsieur Poirot.

— Acho o assunto muito oportuno.

— Bem, cada louco com sua mania. Não me interessa muito por esses sistemas complicados. Não combinam com meu estilo.

— Qual é o seu estilo, Superintendente?

O Superintendente respondeu ao brilho malicioso dos olhos de Poirot com outro olhar de malícia.

— Um oficial direto, honesto, zeloso, cumprindo seu dever da maneira mais esforçada... esse é o meu estilo. Nenhuma pretensão. Nenhum trabalho complicado. Só o suor honesto. Imperturbável e meio burro... o meu programa é esse. Poirot ergueu o copo.

— Aos nossos métodos respectivos... e que o êxito coroe os nossos esforços conjuntos.

— Tomara que o Coronel Race apure algo de valor sobre o Despard — disse Battle. — Ele dispõe de várias e excelentes fontes de informação.

— E Mrs. Oliver?

— Aí já é um pouco duvidoso. Mas até que simpatizo com aquela mulher. Fala uma porção de bobagens mas tem espírito esportivo. E as mulheres sabem descobrir coisas sobre as outras que os homens nem adivinham. Talvez apure algo de útil.

Separaram-se. Battle voltou à Scotland Yard para dar instruções sobre certas medidas a serem tomadas. Poirot partiu rumo ao número

200 de Gloucester Terrace.

As sobranceiras do Dr. Roberts arquearam comicamente ao receber o visitante.

— Dois detetives no mesmo dia? — estranhou. — Algemas logo à noite, imagino.

Poirot sorriu.

— Asseguro-lhe, Dr. Roberts, que as minhas atenções estão sendo divididas igualmente entre todos vocês quatro.

— Ah, nesse caso pode-se até respirar mais sossegado. O senhor fuma?

— Com sua licença, prefiro dos meus.

Poirot acendeu um de seus minúsculos cigarros russos.

— Muito bem. Em que posso servir-lhe? — perguntou Roberts. Poirot guardou silêncio enquanto expelia a fumaça e depois retrucou:

— O senhor é um fino observador da natureza humana, doutor?

— Não sei. Suponho que seja. Um médico precisa ser.

— Foi exatamente o meu raciocínio. Disse pra mim mesmo:

"Um médico precisa estar sempre analisando os pacientes... suas expressões, sua cor, a rapidez com que respiram, quaisquer sintomas de inquietação; um médico repara automaticamente nessas coisas, quase sem se dar conta! O Dr. Roberts é o homem que me pode ajudar."

— Estou bastante disposto a ajudar. Qual é o problema?

Poirot tirou de uma elegante carteira três contagens de bridge cuidadosamente dobradas.

— Estes são os três primeiros rubbers de anteontem à noite — explicou. — Eis aqui o primeiro, na caligrafia de Miss Meredith. Agora, o senhor pode dizer-me com isso pra lhe refrescar a memória, exatamente quais foram as declarações e como transcorreu cada mão?

Roberts fitou-o com assombro.

— O senhor está brincando, Monsieur Poirot. Como é possível que eu me vá lembrar?

— Não se lembra? Eu lhe ficaria tão grato se se lembrasse. Veja o primeiro rubber, por exemplo. O primeiro game deve ter resultado de uma declaração de copas ou de espadas, do contrário um ou outro adversário teria perdido cinquenta pontos.

— Deixe-me ver... esta foi a primeira mão. Sim, acho que eles saíram em espadas.

— E a seguinte?

— Decerto um de nós perdeu cinquenta pontos... mas não me lembro direito quem ou em que naipe foi. Francamente. Monsieur Poirot, o senhor não pode esperar que eu me vá lembrar.

— Não se lembra de nenhuma das declarações nem das mãos?

— Eu ganhei um grande slam .. disso eu me lembro. Estava dobrado, ainda por cima. E também me lembro que perdi feio, jogando três sem trunfo. Acho que foi... me multaram um bocado. Mas isso aconteceu depois.

— Não se recorda com quem estava jogando?

— Com Mrs. Lorrimer. Lembro-me de que ela parecia meio chateada. Não gostou do exagero da minha declaração no mínimo.

— E não se lembra de nenhuma das outras mãos ou declarações?

Roberts riu.

— Meu caro Monsieur Poirot, o senhor acha mesmo que eu poderia? Primeiro houve o crime... o suficiente pra tirar as mãos mais espetaculares do espírito da gente... e além disso já joguei pelo menos meia dúzia de rubbers desde então.

Poirot ficou cabisbaixo.

— Desculpe — disse Roberts.

— Não tem muita importância — retrucou Poirot, devagar.

— Eu esperava que o senhor talvez se recordasse de uma ou duas mãos, no mínimo, porque julguei que podiam servir de pontos de referência valiosos pra lembrar outras coisas.

— Que outras coisas?

— Ora, o senhor podia ter reparado, por exemplo, se o seu parceiro fez embrulhada pra jogar uma sem trunfo perfeitamente banal ou se um adversário, digamos, lhe presenteou com algumas vazas inesperadas ao deixar de sair com a carta óbvia.

O Dr. Roberts de repente ficou sério. Curvou-se para frente na cadeira.

— Ah — exclamou. — Agora sei aonde o senhor quer chegar. Perdoe-me. A princípio julguei que estivesse falando pura tolice. O senhor quer dizer que o crime... a perfeita consumação do crime... poderia ter exercido uma diferença palpável no jogo do culpado?

Poirot aquiesceu.

— O senhor entendeu perfeitamente a idéia. Seria uma pista de primeira qualidade se vocês quatro fossem jogadores que conhecessem bem o jogo de cada um. A menor variação, uma súbita

falta de brilhantismo, uma oportunidade perdida... teria sido logo notada. Infelizmente nenhum de vocês se conhecia. As variações no jogo não seriam tão fáceis de serem percebidas. Mas pense, Monsieur le docteur, por favor, pense. Não se lembra de nenhum desnível... nenhum engano flagrante, repentino... no jogo de alguém?

Houve um momento de silêncio e depois o Dr. Roberts sacudiu a cabeça.

— Não adianta. Não posso ajudá-lo — confessou com franqueza. — Simplesmente não me lembro. Já lhe disse tudo o que poderia dizer. Mrs. Lorrimer é uma jogadora de primeira ordem... nunca cometeu um deslize que desse pra eu reparar. Mostrou-se brilhante do começo ao fim. O jogo do Despard também foi uniformemente bom. De modo mais convencional... isto é, a oferta dele é estritamente convencional. Nunca se afasta das regras. É incapaz de assumir grandes riscos. Miss Meredith... — Hesitou.

— Sim? Miss Meredith? — instou Poirot.

— Lembro-me de que ela, de fato, cometeu um ou dois erros... lá pelo fim da noite. Mas isso podia ter sido simplesmente por estar cansada, não sendo jogadora experiente. A mão dela também tremia...

Estacou.

— Quando foi que a mão dela tremeu?

— Ora, quando foi mesmo? Não consigo lembrar-me... Creio que estava apenas nervosa. Monsieur Poirot, o senhor está-me fazendo imaginar coisas.

— Peço-lhe desculpas. Há um outro ponto, pro qual necessito de seus préstimos.

— Pois não.

— É difícil — começou Poirot devagar. — Eu não quero. — compreende, fazer-lhe uma pergunta capciosa. Se eu disser: o senhor não notou tal e tal coisa... bem, terei posto a resposta em sua boca. E ela não seria tão válida. Deixe-me tentar uma outra forma de abordar o problema. Será que o senhor não poderia fazer-me o favor de descrever o que havia na sala em que jogaram, Dr. Roberts? Roberts pareceu totalmente espantado.

— O que havia na sala?

— Sim, por gentileza.

— Meu caro amigo, eu simplesmente não sei por onde começar.

— Comece pelo que julgar melhor.

— Bem, havia uma porção de móveis...

— Non, non, non, seja preciso, por favor.

O Dr. Roberts suspirou. Pôs-se a falar de modo brincalhão, como se fosse um leiloeiro.

— Um amplo sofá estofado em brocado cor de marfim... outro sofá semelhante, só que em verde... quatro ou cinco poltronas. Oito ou nove tapetes persas... um conjunto de doze pequenas cadeiras douradas, estilo Império. Uma escrivaninha antiga. Estou-me sentindo um oficial de leilão. Armário chinês muito bonito. Piano de cauda. Havia outros móveis, mas acho que não reparei. Seis gravuras japonesas de primeira qualidade. Dois quadros chineses no espelho. Cinco ou seis caixas de rapés, lindíssimas. Algumas figuras japonesas de marfim netsuke, isoladas numa mesa. Um pouco de prata antiga... canecas do tempo de Carlos I, acho eu. Uma ou duas peças de esmalte Battersea...

— Bravo... Bravo... — aplaudiu Poirot.

— Dois velhos pássaros ingleses de louça... e, tenho a impressão, uma escultura do Ralph Wood. Depois havia uns troços orientais... trabalho requintado, em prata. Algumas jóias, coisa de que não entendo muito. Alguns pássaros de Chelsea. lembro-me. Ah, e umas miniaturas num escrínio... bastante boas, a meu ver. Isso de nenhum modo abrange tudo, mas é só o que recordo de momento.

— Magnífico — disse Poirot, com a devida admiração. — O senhor tem olho de verdadeiro observador.

— Incluí o objeto que tinha em mira? — perguntou o médico com curiosidade.

— Isso é o que há de interessante — retrucou Poirot. — Se o senhor tivesse mencionado o objeto que eu tinha mira, me causaria a maior surpresa. Tal como imaginei, o senhor não poderia mencioná-lo.

— Por que?

Poirot piscou.

— Talvez... porque não estava lá pra ser mencionado.

Roberts arregalou os olhos.

— Isso parece que me lembra algo. Lembra Sherlock Holmes, não é? O curioso incidente do cachorro à noite. O cachorro que não latiu. Isso é que foi curioso! Bem paciência, não estou acima de me apoderar dos truques alheios.

— Sabe, Monsieur Poirot, que me sinto totalmente desorientado, sem saber aonde o senhor quer chegar'?

— Ah, isso é ótimo. Ótimo. Cá entre nós, é assim que consigo meus pequenos efeitos.

Depois, enquanto o Dr. Roberts continuava meio estupefato. Poirot levantou-se com um sorriso e disse:

— O senhor pode ao menos compreender o seguinte: o que acaba de me contar vai-me auxiliar enormemente na minha próxima entrevista.

O médico também se levantou.

— Não vejo como, mas me fio em sua palavra — retrucou.

Apertaram-se as mãos.

Poirot desceu as escadas da casa do médico e acenou para um táxi que ia passando.

— 111, Cheyne Lane, Chelsea — pediu ao motorista.

11

MRS. LORRIMER

O 111 de Cheyne Lane era uma casinha de aspeto limpíssimo e correto, situada em rua silenciosa. A porta estava pintada de preto, os degraus especialmente bem lavados, o metal da aldrava e da maçaneta cintilava no sol da tarde.

Uma criada velhusca, de touca e avental impecavelmente brancos, abriu a porta. Em resposta à indagação de Poirot, informou que a patroa estava em casa. E tomou a dianteira para subir a escada estreita.

— Seu nome, por favor.

— Monsieur Hercule Poirot.

Foi introduzido numa sala de estar, em forma de L, como sempre. Poirot olhou em torno, reparando nos detalhes. Boa mobília, bem envernizada, no velho estilo de família. Chita vistosa nas poltronas e sofás. Um punhado de molduras de prata com retratos, à moda antiga. Além disso, uma agradável quantidade de espaço e luz, e alguns crisântemos realmente lindos arrançados num vaso alto.

Mrs. Lorrimer adiantou-se para recebê-lo. Apertou-lhe a mão sem denotar nenhuma surpresa especial em vê-lo, indicou uma poltrona, instalou-se noutra, e comentou favoravelmente o tempo.

Houve uma pausa.

— Espero, madame — disse Hercule Poirot, — que me perdoe esta visita.

Olhando diretamente para ele, Mrs. Lorrimer perguntou:

— É uma visita profissional?

— Confesso que sim.

— O senhor há de compreender, imagino, Monsieur Poirot, que embora eu dê naturalmente ao Superintendente Battle e à polícia oficial toda espécie de informação e auxílio que possam pedir, não estou de modo algum obrigada a fazer o mesmo com investigadores não credenciados?

— Estou perfeitamente cômico desse fato, madame. Se a senhora quiser mandar-me embora, irei em seguida.

Mrs. Lorrimer teve um leve sorriso.

— Ainda não estou preparada a chegar a tais extremos, Monsieur Poirot. Posso conceder-lhe dez minutos. Terminado esse prazo, tenho que sair pra uma partida de bridge.

— Dez minutos são mais que suficientes pro meu objetivo. Eu queria que a madame me descrevesse a sala em que jogaram bridge anteontem à noite... a sala em que Mr. Shaitana foi assassinado.

As sobrancelhas de Mrs. Lorrimer arquearam.

— Que pergunta extraordinária! Não vejo a finalidade dela.

— Madame, se, quando estavam jogando bridge, alguém lhe tivesse dito: Por que jogou esse ás ou por que colocou o valete, que perde pra dama, e não o rei, que teria ganho a vaza? Se as pessoas fossem formular perguntas desse tipo, as respostas levariam muito tempo e seriam tediosas, não lhe parece?

Mrs. Lorrimer sorriu de leve.

— O que significa que neste jogo o senhor é a autoridade e eu sou a principiante. Perfeitamente. — Refletiu um instante. — Era uma sala espaçosa. Havia uma porção de coisas nela.

— Dá pra senhora me descrever algumas?

— Havia umas flores de vidro... modernas... bastante lindas. E acho que uns quadros chineses ou japoneses. E um vaso com pequenas tulipas vermelhas... incrivelmente fora de tempo.

— Mais nada?

— Creio que não reparei nos pormenores.

— A mobília... não se lembra da cor dos móveis estofados?

— Qualquer coisa de seda, acho eu. É só o que posso dizer.

— Não reparou em nenhum objeto pequeno?

— Creio que não. Havia tantos. Sei que me deu impressão de ser exatamente a sala de um colecionador.

Houve um instante de silêncio.

— Receio não ter sido de grande ajuda — acrescentou Mrs. Lorrimer com sorriso fugaz.

— Tem mais uma coisa. — Mostrou as contagens de bridge.

— Os três primeiros rubbers jogados. Eu queria saber se a senhora não me auxiliaria, com a ajuda deles, a reconstruir as mãos.

— Deixe-me ver — Mrs. Lorrimer parecia interessada. Debruçou-se sobre as contagens. — Este foi o primeiro rubber. Miss Meredith e eu estávamos jogando contra os dois homens. O primeiro game foi feito em quatro de espadas. Nós ganhamos, com uma vaza extra Depois a mão seguinte foi fixada em duas de ouros e o Dr. Roberts foi multado numa vaza. Houve uma porção de ofertas na terceira lembro-me. Miss Meredith passou. O Major Despard declarou uma de copas. Eu passei. O Dr. Roberts aumentou a declaração pra três de paus. Miss Meredith declarou três de espadas. O Major Despard declarou quatro de ouros. Eu dobrei. O Dr. Roberts declarou quatro de ouros. Eles foram multados numa vaza.

— Épatant — exclamou Poirot — Que memória!

Mrs. Lorrimer foi adiante, sem lhe dai atenção.

— Na outra mão, o Major Despard passou e eu declarei uma sem trunfo. O Dr. Roberts declarou três de copas. Minha parceira não disse nada. O Despard aumentou a declaração do parceiro dele pra quatro. Eu dobrei e eles foram multados em duas vazas. Depois eu dei as cartas e ganhamos com uma declaração de quatro espadas. — Pegou a contagem seguinte.

— Essa é difícil — avisou Poirot. — O Major Despard tem o sistema de anotar riscando.

— Tenho a impressão de que ambos os lados perderam cinquenta pontos logo de início... depois o Dr. Roberts aumentou pra cinco de ouros, nós dobramos e o multamos em três vazas. Aí então oferecemos três de paus, mas os outros imediatamente fizeram game em espadas. Nós fizemos o segundo game em cinco de paus. Aí nos multaram cem pontos. Os outros declararam uma de copas, nós duas sem trunfo e finalmente ganhamos o rubber com uma oferta de quatro de paus.

Levantou a contagem seguinte.

— Este rubber foi uma verdadeira peleja, lembro-me. Começou meio

sem graça. A declaração do Major Despard e de Miss Meredith era de uma de copas. Aí fomos multados em cinquenta pontos duas vezes, oferecendo quatro de copas e quatro de espadas.

Depois os outros fizeram game em espadas... não adiantava nem querer atrapalhá-los. Perdemos em três mãos consecutivas a partir daí, mas sem dobrar. Depois ganhamos o segundo game com sem trunfo. Foi então que começou a peleja. Cada lado foi multado por sua vez. O Dr. Roberts exagerou na declaração mas, apesar de perder muitos pontos umas duas vezes, sua declaração compensou porque em mais de uma ocasião deixou a Miss Meredith com tanto medo que ela não se arriscou a fazer oferta. Aí ele comecem declarando duas de espadas, e eu lhe respondi com três de ouros, ele ofereceu quatro sem trunfo, eu respondi com cinco de espadas e de repente ele saltou pra sete de ouros. Tinham-nos dobrado, é lógico. Ele não tinha nada que fazer uma oferta dessas. Por uma espécie de milagre, ganhamos. Nunca pensei que pudéssemos quando vi a mão que ele baixou. Se os outros houvessem saído em copas, teríamos perdido três vazas. Acontece que saíram com o rei de paus, o que nos deu a vitória. Foi de fato muito empolgante.

— Je crois bien... um grande slam vulnerável em dobro. Isso causa emoções! Quanto a mim, confesso que não tenho coragem pra tentar os slams. Contento-me com o game.

— Ah, mas não devia — retrucou Mrs. Lorrimer com energia. — É preciso jogar direito.

— Arriscar-se, quer dizer?

— Não existe risco se a declaração for correta. Deveria ser uma certeza matemática. Infelizmente, poucas pessoas fazem bem a oferta. Sabem as declarações de abertura, mas depois perdem a cabeça. Não conseguem diferenciar uma mão que tem cartas vitoriosas de outra com cartas fracas... mas não devo fazer-lhe uma preleção sobre bridge. Monsieur Poirot.

— Tenho certeza de que melhoraria meu jogo, madame.

Mrs. Lorrimer retomou a análise da contagem.

— Depois dessa mão empolgante, as outras perderam a graça. O senhor tem aí a quarta contagem? Ah, sim. Uma luta parelha... nem um dos lados conseguiu diminuir os pontos do adversário.

— Em geral é o que acontece quando a noitada está chegando ao fim.

— Sim, a gente começa sem entusiasmo e depois as cartas

melhoram.

Poirot recolheu as contagens e fez uma pequena medida.

— Madame, meus parabéns. A senhora possui uma memória excepcional pra cartas... simplesmente excepcional! Lembra-se, por assim dizer, de cada carta que foi jogada!

— Creio que sim.

— A memória é um dom privilegiado. Com ela, o passado deixa de ser passado. Eu imagino, madame, que pra senhora ele se desdobre dia a dia, cada incidente claro como ontem. Não é mesmo?

Ela o olhou rapidamente. Possuía olhos grandes, escuros. Foi só um instante — logo tornou a adotar sua maneira de mulher experiente, mas Hercule Poirot não teve dúvidas. O tiro havia acertado no alvo.

Mrs. Lorrimer levantou-se.

— O senhor me desculpe, mas agora tenho que sair. Sinto muito, mas realmente não posso atrasar-me.

— Claro que não... evidentemente. Peço-lhe desculpas por ter abusado do tempo que me concedeu.

— Foi uma pena que não pudesse ajudá-lo mais.

— Mas a senhora ajudou — disse Hercule Poirot.

— Não vejo como. — Falava com decisão.

— Mas sim. Esclareceu uma coisa que eu queria saber.

Não perguntou qual era.

Ele lhe estendeu a mão.

— Obrigado pela sua paciência, madame.

Apertando-a, ela respondeu:

— O senhor é um homem extraordinário, Monsieur Poirot.

— Sou como o bom Deus me criou, madame.

— Somos todos assim, suponho.

Nem todos, madame. Alguns tentam melhorar a obra divina. Mr. Shaitana, por exemplo.

— Em que sentido?

— Ele tinha um gosto refinado pra objets de vertus e antiguidades; devia ter-se contentado com isso. Em vez disso, colecionava outras coisas.

— Que espécie de coisas?

— Bem... digamos... sensações?

— E o senhor não acha que isso estava *dam son caractère*?

Poirot sacudiu gravemente a cabeça.

— Ele interpretava o papel do diabo com demasiado êxito. Mas não era o diabo. Aufond, não passava de um tolo. E por isso... morreu.

— Por que era tolo?

— É o pecado sem absolvição e que nunca deixa de ser punido, madame.

Houve um silêncio. Depois Poirot disse:

— Devo ir andando. Mil agradecimentos por sua amabilidade, madame. Só voltarei aqui se a senhora me chamar.

As sobrancelhas dela arquearam.

— Santo Deus, Monsieur Poirot, por que haveria de chamá-lo?

— Não sei. É apenas uma idéia. Se chamar, virei. Não se esqueça disso.

E com outra mesura, saiu da sala. Na rua, disse consigo mesmo:

— Descobri... tenho certeza de que sim... tem que ser isso!

12

ANNE MEREDITH

Mrs. Oliver conseguiu sair do assento da direção de seu pequeno carro de dois lugares com certa dificuldade. Para começar, os fabricantes de automóveis modernos pressupõem que só um par de joelhos de sílfide hão de instalar-se sob a roda do volante. Está em voga, também, sentar baixo. Sendo assim, uma mulher de meia-idade, de generosas proporções, precisa fazer um esforço sobre-humano para abandonar o lugar da direção. Para piorar a situação, o assento vizinho estava atulhado de vários mapas, uma bolsa, três romances e um grande saco de maçãs. Mrs. Oliver tinha fraco por maçãs, e chegavam inclusive a dizer que depois de ter comido três quilos sem parar enquanto redigia a complicada trama de *A Morte pelo Cano de Esgoto*, havia voltado a si com sobressalto e uma incipiente dor de estômago, setenta minutos depois da hora marcada para um importante almoço oferecido em sua honra.

Com um último impulso resoluto e um violento empurrão do joelho contra a porta recalcitrante, Mrs. Oliver alcançou meio depressa demais a calçada do lado de fora do portão de *Wendon Cottage*, derramando simultaneamente uma profusão de sementes de maçã ao

seu redor.

Soltou um profundo suspiro, puxou para trás o chapéu de campo num ângulo deselegante, examinou com agrado o costume de mescla que tinha-se lembrado de vestir, franziu um pouco a testa ao ver que, por distração, esquecera de trocar os sapatos de verniz que costumava usar em Londres e, abrindo o portão de Wendon Cottage, subiu o caminho de lajes que conduzia à porta de entrada. Tocou a campainha e executou um alegre rá-tá-tá-tá na aldrava — exótica fantasia em forma de cabeça de sapo.

Como nada acontecesse, repetiu a façanha.

Depois de outra espera de minuto e meio. Mrs. Oliver contornou rapidamente a parte lateral da casa numa viagem de exploração.

Havia um pequeno jardim à moda antiga, com margaridas de São Miguel e crisântemos dispersos atrás do chalé e, mais além, um campo. Do outro lado do campo ficava o rio. Para um dia de outono, o sol estava quente.

Duas moças cruzavam o campo em direção ao chalé. Ao entrar no portão do jardim, a que vinha na frente estacou de súbito.

Mrs. Oliver adiantou-se.

— Como vai, Miss Meredith? Não se lembra mais de mim?

— Ah... Mas, sim, naturalmente.

Anne Meredith estendeu-lhe a mão às pressas. Seus olhos pareciam arregalados e assustados. Depois se refez.

— Esta é a amiga que mora comigo. Miss Dawes. Rhoda, esta é Mrs. Oliver.

A outra moça era alta, morena, e de aspeto vigoroso.

— Ah, a senhora é a Mrs. Oliver'? — perguntou entusiasmada.

— A Ariadne Oliver?

— Sou — confirmou Mrs. Oliver, e acrescentou a Anne: — Agora vamos sentar em qualquer lugar, minha cara, porque tenho uma porção de coisas a conversar com você.

— Naturalmente. E vamos tomar chá...

— O chá pode esperar — retrucou Mrs. Oliver.

Anne abriu caminho até um pequeno grupo de cadeiras de lona e de vime, todas em estado bastante precário. Mrs. Oliver escolheu com certo cuidado a que parecia mais forte — havia tido diversas experiências infelizes com frágeis móveis de verão.

— Agora, minha cara — disse com vivacidade, — não percamos tempo com rodeios. É sobre o crime de anteontem à noite.

Temos que nos mexer e fazer alguma coisa.

— Fazer alguma coisa? — estranhou Anne.

— Evidentemente — respondeu Mrs. Oliver. — Não sei o que você pensa, mas não tenho a mínima dúvida sobre quem foi. Aquele médico. Como era o nome dele? Roberts. Isso mesmo! Roberts. Um nome galês! Nunca me fio nos galeses! Tive uma babá galesa que um dia me levou pra Harrogate e foi pra casa, esquecendo-se por completo de mim. Muito volúvel. Mas deixemo-la de lado. O Roberts cometeu o crime... a questão é essa, e temos que juntar nossas forças e provar que foi ele.

Rhoda Dawes de repente riu; depois corou.

— Desculpe. Mas a senhora é tão... tão diferente do que eu imaginava.

— Decepionei-a, no mínimo — retrucou Mrs. Oliver, imperturbável. — Estou acostumada. Não faz mal. O que precisamos fazer é provar que foi o Roberts.

— De que jeito? — perguntou Anne.

— Ah, não seja tão derrotista, Anne — exclamou Rhoda Dawes. — Acho Mrs. Oliver fabulosa. Claro que ela conhece tudo sobre essas coisas. Vai proceder exatamente como o Sven Hjerson.

Corando de leve ao ouvir o nome do seu célebre detetive finlandês, Mrs. Oliver prosseguiu:

— Isso tem que ser feito e já lhe explico por que, minha filha. Você não há de querer que os outros pensem que foi você, não é?

— Por que pensariam que fui eu? — reclamou Anne, enrubescendo.

— Você sabe como eles são! — retrucou Mrs. Oliver. — Os três inocentes serão tão suspeitos quanto o culpado.

— Mesmo assim, não compreendo bem por que a senhora veio à minha procura, Mrs. Oliver — disse Anne Meredith lentamente.

— Porque na minha opinião os outros dois não interessam!

Mrs. Lorrimer é dessas mulheres que jogam bridge em clubes especializados o dia todo. As mulheres dessa espécie tem que ser feitas de blindagem: são perfeitamente capazes de se defenderem sozinhas! E seja como for, ela é uma velha. Não teria importância que alguém julgasse que tivesse sido ela. Já uma moça é diferente. Tem toda a vida pela frente.

— E o Major Despard? — perguntou Anne.

— Ora! — respondeu Mrs. Oliver. — Ele é homem! Nunca me

preocupo com os homens. Eles sabem cuidar-se. E se você quiser saber de uma coisa, eles se cuidam maravilhosamente bem. De mais a mais, o Major Despard se acostumou a uma vida de perigo. Está-se divertindo em casa, em vez de no Irrawaddy... ou será que é o Limpopo? Você sabe o que eu quero dizer... aquele rio amarelo na África de que os homens tanto gostam. Não, eu é que não vou amofinar-me por causa daqueles dois.

— E muita bondade sua — disse Anne, fleumática.

— Que coisa mais estúpida pra acontecer — exclamou Rhoda. — Deixou Anne alquebrada, Mrs. Oliver. Ela é tremendamente sensível. E acho que a senhora tem toda a razão. Nem há dúvida de que seria muito melhor fazer qualquer coisa do que ficar simplesmente sentada aqui, só pensando naquilo.

— Lógico que seria — concordou Mrs. Oliver. — Pra ser franca, eu nunca tinha deparado antes com um crime verdadeiro. E pra continuar com a franqueza, tenho a impressão de que os crimes verdadeiros não estão muito de acordo comigo. Já me habituei tanto a falsear os dados... não sei se me entendem. Mas eu é que não pretendo ficar de fora e deixar aqueles três se divertindo sozinhos. Sempre afirmei que se uma mulher ocupasse a chefia da Scotland Yard...

— Sim? — disse Rhoda, curvando-se para frente, os lábios entreabertos. — Se a senhora ocupasse a chefia da Scotland Yard, o que faria?

— Mandaria prender o Dr. Roberts imediatamente...

— Sim?

— No entanto não estou na chefia da Scotland Yard — lembrou Mrs. Oliver, recuando do terreno perigoso. — Sou uma pessoa de vida privada...

— Ah, a senhora não é isso — protestou Rhoda, confusamente lisonjeira.

— Cá estamos nós — continuou Mrs. Oliver, — três pessoas de vida privada... todas mulheres. Vejamos o que se pode fazer juntando as nossas forças.

Anne Meredith aquiesceu, pensativa. Depois perguntou:

— Por que a senhora acha que foi o Dr. Roberts?

— Ele é dessa espécie de homem — replicou Mrs. Oliver prontamente.

— Mas não lhe parece... — Anne hesitou. — Um médico não... digo, qualquer coisa como o veneno seria tão mais fácil pra ele.

— De modo algum. O veneno... as drogas... de todo gênero, indicariam logo um médico. Veja como estão sempre deixando caixas de drogas perigosas em carros por tudo quanto é canto de Londres, expondo-se a roubos. Não, justamente por ser médico, ele tomaria o máximo cuidado de não usar nada relacionado com a medicina.

— Compreendo — disse Anne, ainda em dúvida. E tornou a perguntar: — Mas por que a senhora supõe que ele queria matar o Mr. Shaitana? Tem alguma idéia?

— Idéia? Tenho idéias pra dar e vender. De fato, a dificuldade é exatamente essa. Sempre luto com essa dificuldade. Nunca consigo pensar numa só história de cada vez. Sempre penso pelo menos em cinco, e depois é aquela agonia pra escolher entre elas. Posso

imaginar seis motivos perfeitos pro crime. O pior é que não tenho nenhum meio de saber qual estaria certo. Pra começar, o Shaitana talvez emprestasse dinheiro a juros. Tinha todo o aspeto untuoso do agiota. O Roberts estava nas garras dele e matou-o porque não conseguiu a soma pra saldar o empréstimo. Ou talvez o Shaitana arruinasse a filha ou a irmã dele. Ou possivelmente o Roberts é bigamo e o Shaitana soubesse. Ou então o Roberts casou com a prima segunda do Shaitana e vai herdar todos os bens do Shaitana por intermédio dela. Ou... quantas já temos?

— Quatro — respondeu Rhoda.

— Ou... e esta é realmente ótima... suponhamos que o Shaitana conhecesse algum segredo do passado do Roberts. Você talvez não reparou, minha cara, mas o Shaitana fez uma observação bastante estranha durante o jantar, pouco antes de uma pausa meio esquisita.

Anne curvou-se para tocar de leve numa lagartixa.

— Acho que não me lembro — retrucou.

— Que foi que ele disse? — perguntou Rhoda.

— Qualquer coisa a respeito... como era mesmo... de um acidente e veneno. Você não se lembra?

A mão esquerda de Anne apertou o vime da cadeira.

— Vagamente — respondeu, calma.

De repente Rhoda exclamou:

— Minha querida, você devia pôr um casaco. Não se esqueça de que não estamos no verão. Vá buscar um.

Anne sacudiu a cabeça.

— Não estou com frio.

Mas tremeu de leve ao responder.

— Entendeu minha teoria? — prosseguiu Mrs. Oliver. — Eu diria que um dos pacientes do Roberts se envenenou por acidente, mas claro que, na verdade, foi tudo obra do doutor. Eu diria que ele já matou uma porção de gente desse modo.

As faces de Anne ficaram repentinamente rosadas.

— Será que os médicos em geral querem assassinar os pacientes a torto e a direito? — perguntou. — Isso não teria um efeito meio negativos sobre as suas clínicas?

— Teria de haver um motivo, é lógico — respondeu Mrs. Oliver, de maneira vaga.

— Acho a idéia absurda — afirmou Anne, com firmeza totalmente melodramática e absurda.

— Anne! — exclamou Rhoda, numa agonia de embaraço. Olhou para Mrs. Oliver. Seus olhos, bastante parecidos com os de um spaniel inteligente, davam impressão de tentar dizer algo assim: — "Procure compreender. Procure compreender", diziam.

— Acho a idéia magnífica, Mrs. Oliver — declarou Rhoda, convicta.— E um médico poderia conseguir algo que não deixasse nenhum vestígio, não é?

— Ah! — exclamou Anne.

As duas voltaram-se para ela.

— Lembrei-me de uma coisa — disse. — Mr. Shaitana mencionou algo a respeito das oportunidades de um médico num laboratório. Decerto queria insinuar alguma coisa com aquilo.

— Não foi Mr. Shaitana que mencionou isso — Mrs. Oliver sacudiu a cabeça. — Foi o Major Despard.

— Uma pisada nas lajes do jardim a fez virar a cabeça.

— Ora vejam — exclamou. — Falou no diabo!

O Major Despard acabava de aparecer no canto da casa.

O SEGUNDO VISITANTE

Ao enxergar Mrs. Oliver, o Major Despard pareceu meio desapontado. Uma cor viva de tijolo transpareceu sob a pele bronzeada. O constrangimento alterou-lhe o passo. Dirigiu-se a Anne.

— Desculpe-me Miss Meredith—disse.—Eu toquei a campainha. Ninguém atendeu. Ia passando por aqui. Lembrei-me de fazer-lhe uma visita.

— Sinto muito pela campainha — retrucou Anne. — Estamos sem empregada... só com uma mulher que vem de manhã.

Apresentou-o a Rhoda.

— Vamos tomar um pouco de chá — sugeriu Rhoda animada. —O tempo está esfriando. É melhor entrarmos.

Passaram ao interior da casa. Rhoda desapareceu na cozinha.

— Mas que coincidência... — comentou Mrs. Oliver. — nós todos nos encontramos aqui.

— Pois é — concordou Despard, com voz arrastada.

Pousou os olhos nela — olhos pensativos, avaliadores.

— Eu estava dizendo a Miss Meredith — explicou Mrs. Oliver, que se divertia imensamente, — que devíamos estabelecer um plano de ação. A respeito do crime, quero dizer. É lógico que foi o doutor. O senhor não concorda comigo?

Não sei dizer. Há muito pouco em que se basear. Mrs. Oliver adotou sua expressão "bem típico de homem". Uma certa atmosfera de embaraço se formou entre os três.

Mrs. Oliver logo se deu conta. Quando Rhoda trouxe o chá, levantou-se e anunciou que precisava voltar à cidade. Não. era muita bondade delas, mas não podia ficar para o chá.

— Vou deixar-lhe meu cartão — disse. — Cá está ele, com meu endereço. Não deixe de me visitar quando for à cidade, pra gente combinar tudo e ver se conseguimos encontrar algum expediente engenhoso pra sondar o fundo da coisa.

— Eu a acompanho até o portão — disse Rhoda.

Enquanto percorriam o caminho, Anne Meredith saiu às pressas da casa e alcançou-as.

— Estive pensando no que conversamos — disse.

Seu rosto pálido assumira uma resolução insólita.

— Sim, minha cara?

— A senhora foi extraordinariamente delicada, Mrs. Oliver, em se dar a todo esse trabalho. Mas eu de fato preferiria não fazer absolutamente nada. Quero dizer... foi tudo tão horrível. Só quero esquecer o que se passou.

— Minha filha, o problema é: será que você conseguirá?

— Ah, eu compreendo muito bem que a polícia não vai deixar a

coisa esfriar. No mínimo virão aqui me fazer uma porção de perguntas... estou preparada pra isso. Mas eu me refiro à parte pessoal. Não quero mais pensar no assunto... nem de forma alguma lembrá-lo. Eu diria que sou covarde, mas é assim que me sinto.

— Oh, Anne! — exclamou Rhoda Dawes.

— Eu compreendo como você se sente, mas não estou absolutamente certa de que você esteja procedendo bem — retrucou Mrs. Oliver. — A polícia, sozinha, provavelmente jamais descobrirá a verdade.

Anne Meredith deu de ombros.

— No fundo, que diferença faz?

— Que diferença faz? — espantou-se Rhoda. — Claro que faz. E muita, não é. Mrs. Oliver?

— Não tenho a menor dúvida — concordou Mrs. Oliver, impassível.

— Pois discordo — disse Anne, obstinada. — Quem me conhece jamais pensará que fui eu. Não vejo nenhum motivo pra me intrometer. Apurar a verdade é problema da polícia.

— Ah, Anne. como você é desanimada — reclamou Rhoda.

— Seja como for. é assim que me sinto — repetiu Anne. Estendeu a mão. — Muito obrigada, Mrs. Oliver. A senhora foi muito gentil em se incomodar.

— Claro que se é assim que você se sente, não há mais nada a dizer — retrucou Mrs. Oliver, em tom jovial. — Eu, de qualquer forma, não pretendo ficar de braços cruzados. Passe bem, minha cara. Procure-me em Londres, caso mude de idéia.

Entrou no carro e ligou o motor, abanando alegremente para as duas.

De repente Rhoda aproximou-se rápida do automóvel que já estava em movimento.

— O que a senhora disse... a respeito de procurá-la em Londres

— perguntou ofegante. — Referia-se somente à Anne, ou também a mim?

Mrs. Oliver apertou o freio.

— Às duas, naturalmente.

— Ah, obrigada. Não pare. Eu... talvez um dia eu apareça. Tem uma coisa... Não, não pare. Eu posso saltar.

Foi o que fez, e acenando com a mão, voltou ao portão onde Anne estava esperando.

— Que diabo...? — começou Anne.

— Ela não é um amor? — perguntou Rhoda, entusiasmada.

— Gosto imensamente dela. Estava com umas meias esquisitas, você não reparou? Tenho certeza de que é terrivelmente esperta. Deve ser, pra escrever todos aqueles livros. Que divertido, se descobrisse a verdade e a polícia e os outros ficassem embasbacados.

— Por que ela veio cá? — inquiriu Anne.

Os olhos de Rhoda se arregalaram.

— Mas meu bem, ela lhe explicou...

Anne fez um gesto impaciente.

— Temos que entrar. Ah, esqueci-me. Deixei-o totalmente sozinho.

— O Major Despard? Anne, ele é tremendamente bonito, não é?

— Suponho que seja.

Subiram o caminho lado a lado. O Major Despard estava de pé, junto da lareira, de xícara de chá na mão. Atalhou logo o pedido de desculpas de Anne por tê-lo deixado sozinho.

— Miss Meredith, eu quero explicar-lhe por que irrompi por aqui desse jeito.

— Oh... mas...

— Eu disse que ia passando por acaso. Não é bem verdade. Vim cá de propósito.

— Como descobriu o endereço? — perguntou Anne, hesitante.

— Através do Superintendente Battle.

Notou que ela se encolheu de leve ao ouvir esse nome. Continuou logo:

— Battle já está a caminho daqui. Eu o encontrei por acaso na estação de Paddington. Peguei o carro e vim na frente. Sabia que dava pra ganhar facilmente do trem.

— Mas por quê?

Despard vacilou apenas um instante.

— Talvez seja presunção minha, porém tive a impressão de que a senhora estava, por assim dizer, o que se chama de "sozinha no mundo".

— Ela conta comigo — disse Rhoda.

Despard lançou-lhe um rápido olhar, simpatizando com a galante figura juvenil apoiada à lareira, que acompanhava suas palavras com tanta intensidade. As duas formavam um par atraente.

— Estou seguro de que ela não poderia ter amiga mais dedicada que a senhora, Miss Dawes — afirmou, cortês. — mas me pareceu que numa circunstância toda própria como a atual, o conselho de alguém que tem certa experiência do mundo talvez não calhasse mal. A

situação, francamente, é a seguinte. Miss Meredith está sob suspeita de ter cometido um crime. O mesmo se aplica a mim e às duas outras pessoas que se encontravam naquela sala anteontem à noite. Uma situação dessas não tem nada de agradável... e apresenta suas dificuldades e perigos, que uma criatura tão jovem e inexperiente como a senhora, Miss Meredith, é capaz de não perceber. Na minha opinião, a senhora deveria entregar-se às mãos de um advogado absolutamente categorizado. Quem sabe já o fez?

Anne Meredith sacudiu a cabeça.

— Nunca pensei isso.

— Exatamente como supus. Não conhece ninguém... em Londres, em quem pudesse confiar?

Anne tornou a sacudir a cabeça.

— Acho que jamais precisei de advogado.

— Tem o Mr. Bury — sugeriu Rhoda. — Mas deve estar com mais de cem anos e totalmente gagá.

— Se me permite um conselho, Miss Meredith, eu lhe recomendaria o Mr. Myherne, o meu próprio advogado. Jacob, Peel & Jacobs é o nome da firma pra quem ele trabalha. São pessoas do mais alto nível, que conhecem todos os recursos.

Anne tinha empalidecido. Sentou-se.

— Crê que seja mesmo indispensável? — perguntou em voz baixa.

— Eu diria enfaticamente que sim. Existe toda a espécie de arapucas legais.

— Essa gente é muito... cara?

— Isso não tem a menor importância — atalhou Rhoda. — Acho que convém perfeitamente, Major Despard. Tudo o que o senhor diz é a pura verdade. A Anne precisa ser protegida.

— Os honorários deles serão, a meu ver, bastantes razoáveis — afirmou Despard. — Eu de fato — acrescentou, bem sério, — creio ser a medida mais prudente, Miss Meredith.

— Está bem — disse Anne, meio vacilante. — Já que pensa assim, concordo.

— Ótimo.

— O senhor teve um gesto tremendamente simpático, Major Despard — declarou Rhoda com ardor. — Simpaticíssimo, mesmo.

— Obrigado — acrescentou Anne.

Hesitou um pouco e aí perguntou:

— O senhor falou que o Superintendente Battle estava a caminho

daqui?

— Sim. Mas não se alarme por causa disso. E inevitável.

— Ah, eu sei. Pra ser franca, já o esperava.

— Pobre querida... — exclamou Rhoda, impulsiva. — Esse negócio está quase matando-a. É uma verdadeira vergonha, uma injustiça terrível.

— Estou de pleno acordo — disse Despard. — parece-me abominável envolver uma moça em casos desse gênero. Se alguém queria enfiar uma faca no Shaitana, poderia ter escolhido outro lugar e outra ocasião.

— Quem o senhor acha que foi... — perguntou Rhoda, direta,

— O Dr. Roberts ou a tal de Mrs. Lorrimer?

Um sorriso quase imperceptível fremiu o bigode de Despard.

— Quanto a isso, podia ter sido até eu.

— Ah, não — protestou Rhoda. — Anne e eu sabemos que não foi o senhor.

Contemplou-as com bondade.

Que bonito par de garotas. Tão cheias de fé e confiança que chegava a ser comovente. Que criaturinha mais tímida, essa Miss Meredith. Não faz mal, o Myherne saberá orientá-la. A outra é uma batalhadora. Duvido que ficasse abalada como a amiga, se estivesse no lugar dela. Moças decentes... gostaria de conhecê-las melhor.

Esses pensamentos lhe passaram como relâmpago pela idéia.

— Nunca se fie de coisa alguma, Miss Dawes — disse, em voz alta.

— Eu dou menos valor à vida humana do que a maioria das pessoas. Todo esse escarcéu histórico que se faz em torno dos atropelamentos fatais-, por exemplo. O homem vive em perigo... por causa do trânsito, dos micróbios, de mil outras coisas. No fundo, morrer de uma ou de outra maneira redundante sempre no mesmo. A partir do momento em que a gente começa a se cuidar, adotando "o seguro morreu de velho" como lema. mais valeria estar debaixo de sete palmas, na minha opinião.

— Ah, concordo plenamente — exclamou Rhoda. — Eu acho que se deve levar uma vida tremendamente perigosa... se houver oportunidade, bem entendido. Mas viver, de modo geral, é uma coisa tão sem graça.

— Tem seus momentos.

— Sim, pro senhor, que anda por lugares exóticos, é estropiado por tigres, atira numa porção de coisas, fica cheio de bichos-de-pé,

picado por insetos, onde tudo é tremendamente desconfortável, mas espantosamente eletrizante.

— Ora, Miss Meredith também teve seus momentos de emoção. Não acho que seja muito freqüente pra uma pessoa estar na mesma sala em que se comete um crime...

— Ah, pare, por favor! — suplicou Anne.

— Desculpe — apressou-se a dizer.

Mas Rhoda, com um suspiro, insistiu:

— Claro que foi um horror, mas também foi sensacional!

Tenho a impressão de que Anne não avalia bem isso. O senhor sabe, eu acho que Mrs. Oliver está profundamente maravilhada por ter estado presente anteontem à noite.

— Mrs... Ah, a sua amiga gorda que escreve os livros sobre o finlandês impronunciável. Ela agora se dedica a ser detetive na vida real?

— Pelo menos pretende.

— Pois tomara que tenha sorte. Seria engraçado se ela passasse a perna no Battle & Cia.

— Que tal é o Superintendente Battle? — perguntou Rhoda, curiosa.

— É um homem extraordinariamente astuto — respondeu o Major Despard com gravidade. — Um homem de notável capacidade.

— Oh! — exclamou Rhoda. — Anne disse que ele parecia meio burro.

— Isso, no meu entender, faz parte do jogo do Battle. Mas não devemos enganar-nos. O Battle não tem nada de bobo.

Levantou-se.

— Bem, tenho que ir andando. Há só mais outra coisa que gostaria de dizer.

Anne também tinha-se levantado.

— Sim? indagou, enquanto estendia-lhe a mão.

Despard fez uma pausa, escolhendo cuidadosamente as palavras. Apertou a mão dela, retendo-a. Mirou fixamente os grandes e belos olhos cinzentos.

— Não Se ofenda — preveniu. — Quero apenas dizer-lhe o seguinte. É humanamente possível que haja algum aspeto de sua relação com o Shaitana que a senhora não deseja que venha à tona. Nesse caso... não fique zangada, por favor — sentiu o recuo instintivo da mão, — a senhora tem todo o direito de se recusar a responder a quaisquer perguntas que o Battle possa fazer-lhe fora da presença de

seu advogado.

Anne retirou a mão. Os olhos arregalaram, escurecendo de raiva a parte cinzenta.

— Não há nada... nada... Eu mal conhecia aquele homem abominável.

— Desculpe — disse o Major Despard. — Julguei que devia mencionar esse detalhe.

— É a pura verdade — afirmou Rhoda. — A Anne nem sequer o conhecia direito. Ela não gostava muito dele, mas o fato é que oferecia festas tremendamente boas.

— Isso — retrucou o Major Despard ferozmente, — parece ter sido a única justificativa prà existência do falecido Mr. Shaitana.

— O Superintendente Battle pode perguntar-me tudo o que quiser — disse Anne numa voz fria. — Não tenho nada a esconder... nada.

— Perdoe-me, por favor — pediu Despard com toda a delicadeza. Ela olhou para ele. Sua raiva diminui. Sorriu — um sorriso muito doce.

— Não tem importância — disse. — Sei que não fez por mal.

Estendeu-lhe novamente a mão. Ele a tomou e replicou:

— Estamos no mesmo barco, bem sabe. Devemos ser amigos.

Foi Anne quem o acompanhou ao portão. Quando voltou, Rhoda estava olhando pela janela e assobiando. Virou-se à entrada da amiga na sala.

— Que homem mais bonito, Anne!

— É simpático, não é?

— Muito mais que simpático. Estou absolutamente apaixonada por ele. Por que não fui àquele maldito jantar em vez de você? Eu teria adorado o rebuliço... a rede se fechando em torno de mim... a sombra do cadafalso...

— Não, você não gostaria. Não diga bobagens, Rhoda.

A voz de Anne era ríspida. Depois atenuou-a:

— Foi gentil da parte dele vir até aqui... afinal, um estranho... uma moça que encontrou apenas uma vez.

— Ora, ele está caidinho por você. É óbvio. Os homens não fazem gentilezas sem interesse. Ele não teria chegado todo cambaleante se você fosse vesga e cheia de espinhas.

— Acha que não?

— Acho sim, sua grande idiota. Mrs. Oliver é uma pessoa muito mais desinteressada.

— Não simpatizo com ela — retrucou Anne abruptamente.
— Deu-me uma espécie de pressentimento. Só queria saber por que foi mesmo que veio cá!
— As habituais suspeitas femininas. Então nesse caso eu diria que o Major Despard tinha um interesse pessoal pra vir aqui.
— Tenho certeza de que não — exclamou Anne com fervor.
Aí corou, enquanto Rhoda Dawes caía na gargalhada.

14

O TERCEIRO VISITANTE

O Superintendente Battle chegou a Wallingford por volta das seis da tarde. Era sua intenção recolher o máximo possível de informações através de inocentes mexericos locais antes de entrevistar Miss Anne Meredith.

Não foi difícil, por assim dizer. Sem se comprometer definitivamente com qualquer declaração, o Superintendente mesmo assim causou várias impressões diferentes quanto à sua posição social e ocupação.

Duas pessoas, no mínimo, teriam afirmado com toda a segurança que ele era um construtor londrino que viera providenciar uma nova ala a ser acrescentada ao chalé; outra diria que se tratava de "um desses tipos que passam o fim-de-semana querendo alugar um chalé mobiliado", e outras duas seriam capazes de jurar que sabiam, sem sombra de dúvida, que era o representante de uma firma especializada em quadras de tênis. As informações que o Superintendente colheu foram inteiramente favoráveis.

Wendon Cottage? Sim, é isso mesmo... na Marlbury Road. Não pode enganar-se. É, duas moças, a Miss Dawes e a Miss Meredith. Moças muito simpáticas, por sinal. Do tipo quieto.

Aqui há anos? Ah, não, não faz tantos assim. Pouco mais de dois. Chegaram em fins de setembro. Compraram o chalé de Mr. Pickersgill. De qualquer maneira ele nunca o usou muito, depois que a mulher morreu.

O informante do Superintendente Battle jamais tinha ouvido falar que elas fossem de Northumberland. Achava que eram de Londres. Populares na vizinhança, apesar de alguns retrógrados que opinavam

que duas moças não deviam morar sozinhas. Mas quanto a serem quietas, lá isso eram. Nada dessa história de coquetéis no fim de semana. Miss Rhoda era a mais impetuosa. Miss Meredith tendia pra discrição. Sim. era Miss Dawes que pagava as contas. Que tinha o dinheiro.

As investigações do Superintendente afinal o levaram, inevitavelmente, a Mrs. Astwell, que trabalhava pras moças em Wendon Cottage. Mrs. Astwell era uma mulher loquaz.

— Pois olha. moço. eu tenho a impressão de que elas não vão querer vender. Pelos menos tão cedo. Chegaram há apenas dois anos. Trabalho pra elas desde o começo, sim, senhor. Das oito até o meio-dia, esse é o meu horário. Moças muito boas, animadas, sempre prontas pra uma brincadeira ou um pouco de diversão. Não são nada pretensiosas.

"Bem, é lógico que não sei dizer se é a mesma Miss Dawes que o senhor conheceu, moço... a mesma família, quero dizer. Até acho que a casa dela fica em Devonshire. De vez em quando ela manda buscar creme e fala que isso lhe dá saudades de casa, portanto tenho a impressão de que deve ser de lá.

"É como o senhor diz, moço, de fato é triste que tantas moças precisem trabalhar pra viver hoje em dia. Essas que moram ali não são o que se poderia chamar de ricas, mas levam uma vida bem agradável. Quem tem dinheiro, naturalmente, é a Miss Dawes. Miss Anne, por assim dizer, lhe faz companhia. Pelo menos é o que parece. O chalé pertence a Miss Dawes.

"Eu realmente não saberia dizer de que região veio a Miss Anne. Já a ouvi mencionar a Ilha de Wight, e sei que não gosta do norte da Inglaterra, e ela e a Miss Rhoda estiveram juntas em Devonshire, porque já ouvi as duas pilheriando sobre as montanhas e conversando sobre as lindas praias e recôncavos.

E por aí afora. A cada instante o Superintendente Battle tomava notas mentais. Mais tarde, uma que outra palavra enigmática foi lançada em sua agenda.

Às oito e meia da noite estava subindo o caminho até a porta de Wendon Cottage. Foi-lhe aberta por uma morena alta, de vestido de cretone laranja.

— Miss Meredith mora aqui? — perguntou o Superintendente Battle.

Parecia totalmente impassível e marcial.

— Mora, sim.
— Gostaria de falar com ela, por favor. O Superintendente Battle.
Foi imediatamente contemplado com um olhar penetrante.
— Entre — disse Rhoda Dawes, recuando da soleira da porta.
Anne Meredith estava sentada numa poltrona perto da lareira, tomando café. Trajava um elegante pijama bordado de crepe da China.
— É o Superintendente Battle — anunciou Rhoda, fazendo passar o visitante.
Anne levantou e adiantou-se de mão estendida.
— Um pouco tarde pra visitas — desculpou-se Battle. — Mas eu queria encontrá-la em casa e, depois, o dia estava tão bonito.
Anne sorriu.
— Aceita uma xícara de café, Superintendente? Rhoda, traga mais uma.
— Ora, é muita gentileza sua, Miss Meredith.
— Nós achamos que fazemos um café bastante bom — disse Anne.
Indicou uma poltrona e o Superintendente Battle sentou-se. Rhoda veio com a xícara e Anne serviu o café. O fogo estalava e as flores nos vasos causaram uma impressão agradável ao Superintendente.
Era uma simpática atmosfera caseira. Anne parecia senhora de si, à vontade, e a outra moça continuava a fitá-lo com interesse voraz.
— Nós já o esperávamos — explicou Anne.
O tom era quase de censura. "Porque demorou tanto?" parecia dizer.
— Desculpe, Miss Meredith. Tive uma porção de trabalhos de rotina pra fazer.
— Satisfatórios?
— Não especialmente. Mas tudo tem que ser feito. Virei o Dr. Roberts pelo avesso, por assim dizer. E o mesmo aconteceu com a Mrs. Lorrimer. E agora vim cá fazer o mesmo com a senhora, Miss Meredith.
Anne sorriu.
— Estou pronta.
— E o Major Despard? — perguntou Rhoda.
— Ah, ele não será esquecido. Isso eu lhe garanto — respondeu Battle.
Pousou sua xícara de café e olhou para Anne. Ela se empertigou um pouco na poltrona.

— Estou inteiramente às suas ordens, Superintendente. O que é que o senhor quer saber?

— Bem, mais ou menos, tudo a seu respeito, Miss Meredith.

— Sou uma pessoa completamente respeitável — retrucou Anne, sorrindo.

— Que também levou uma vida irrepreensível — adiantou Rhoda. — Posso responder por isso.

— Bem, isso é ótimo — disse o Superintendente Battle alegremente.

— Então faz muito tempo que conhece a Miss Meredith?

— Estivemos juntas no colégio — respondeu Rhoda. — Parece que foi há séculos, não é, Anne?

— Tanto assim que mal se lembra, suponho — disse Battle, sufocando o riso. — Pois olhe, Miss Meredith, tenho a impressão de que vou ser meio parecido com esses formulários que a gente tem que preencher pra tirar passaporte.

— Eu nasci... — começou Anne.

— De pais pobres, porém honestos — completou Rhoda.

O Superintendente Battle ergueu uma mão levemente reprovadora.

— Ah, por favor, moça — disse.

— Rhoda, meu bem — retrucou Anne, gravemente. — Isso é sério.

— Desculpe — pediu Rhoda.

— Agora, Miss Meredith, a senhora nasceu... onde?

— Em Quetta, na Índia.

— Ah, é? Sua família era gente do Exército?

— Sim. Meu pai foi o Major John Meredith. Minha mãe morreu quando eu tinha onze anos. Papai se aposentou quando eu estava com quinze e foi morar em Cheltenham. Morreu quando eu tinha dezoito e não deixou praticamente nada de herança.

Battle sacudiu a cabeça, compreensivo.

— Deve ter sido um choque pra senhora, imagino.

— Bastante. Sempre soube que não éramos ricos, mas descobrir que não tínhamos praticamente nada... bem, é diferente.

— O que é que a senhora fez, Miss Meredith?

— Tive de procurar emprego. Minha instrução não era lá essas coisas e eu não era inteligente. Não sabia bater à máquina, nem estenografia, nem nada. Uma amiga em Cheltenham me arranjou emprego com amigos dela... pra cuidar de dois meninos pequenos que passavam as férias em casa, além de serviços gerais.

— Nome, por favor?

— Isso foi a Mrs. Eldon, "The Larches", Ventnor. Fiquei dois anos lá e depois os Eldons foram pro estrangeiro. Aí então fui pra casa da Mrs. Deering.

— Minha tia — informou Rhoda.

— É, a Rhoda me conseguiu o emprego. Fiquei contentíssima. A Rhoda às vezes aparecia por lá, demorava algum tempo e nos divertíamos à beca.

— Que fazia ali? Servia de dama de companhia?

— Sim, no fundo era isso.

— Mais uma espécie de auxiliar de jardineiro — disse Rhoda. E explicou:

— A minha tia Emily é simplesmente louca por jardinagem.

A Anne passava a maior parte do tempo arrancando ervas daninhas ou plantando cebolas.

— E deixou a Mrs. Deering?

— Ela piorou de saúde e precisou de uma enfermeira profissional.

— Ficou com câncer — adiantou Rhoda. — Pobrezinha, tem que tomar morfina e coisas assim.

— Foi muito boa pra mim. Fiquei com uma pena enorme de ir embora — continuou Anne.

— Eu andava à procura de um chalé — disse Rhoda, — e queria alguém pra morar junto. Papai casou de novo... não é meu estilo, de jeito nenhum. Convidei a Anne pra vir pra cá comigo e desde então ela ficou aqui.

— É, sem dúvida, parece uma vida irrepreensível — admitiu Battle. — Vamos deixar as datas bem claras. A senhora passou dois anos com a Mrs. Eldon, segundo diz. Por falar nisso, qual é o endereço dela atualmente?

— Ela está na Palestina. O marido tem uma missão oficial por lá... não sei bem qual.

— Bem, paciência, depois eu descubro. E foi em seguida pra casa da Mrs. Deering?

— Fiquei três anos com ela — respondeu Anne prontamente. — O endereço é Marsh Dene, Little Hembury, Devon.

— Ah, sim — disse Battle. — Quer dizer que a senhora está agora com vinte e cinco anos, Miss Meredith. Só mais uma coisa... o nome e o endereço de duas pessoas em Cheltenham que conheceram a senhora e seu pai.

Anne forneceu-os.

— Agora, quanto à tal viagem à Suíça... onde encontrou o Mr. Shaitana. A senhora foi pra lá sozinha, ou a Miss Dawes foi junto?

— Fomos juntas. Numa caravana de outras pessoas. Éramos oito, ao todo.

— Conte-me o seu encontro com o Mr. Shaitana.

Anne franziu as sobrancelhas.

— Não há realmente nada pra contar. Ele simplesmente estava lá. Nós o conhecemos assim como se conhece qualquer pessoa num hotel. Ele tirou o primeiro prêmio no Baile de Fantasias. Estava de Mefistófeles.

O Superintendente Battle suspirou.

— Sim, sempre foi seu disfarce favorito.

— Ele de fato estava maravilhoso — disse Rhoda. — Quase nem precisava de maquiagem.

O Superintendente olhou de uma para outra.

— Qual das duas o conhecia melhor?

Anne hesitou. Rhoda respondeu:

— Para começar, uma conhecia tanto quanto a outra. Pouquíssimo, quer dizer. O senhor vê, a nossa turma vivia esquiando e ficávamos ao ar livre fazendo correrias o dia todo e dançando juntos de noite. Mas aí então o Shaitana parece que se tomou de simpatia pela Anne. Sabe como é, interrompia o que estava fazendo pra cumprimentá-la e tudo mais. Sempre mexíamos com ela por causa disso.

— Inclusive achei que ele fazia aquilo pra me chatear — disse Anne. — Porque eu não gostava dele. Tenho a impressão de que se divertia em me deixar contrafeita.

Rhoda riu:

— Nós dissemos pra Anne que seria um ótimo casamento de conveniência pra ela. Ela ficou simplesmente danada conosco.

— Quem sabe — perguntou Battle, — daria pra senhora me dizer o nome das outras pessoas do grupo?

— O senhor não é o que se pode chamar de um homem que se fia na gente — disse Rhoda. — Pensa que cada palavra que lhe dizemos é uma rematada mentira?

O Superintendente Battle pestanejou.

— De qualquer forma farei o possível pra me certificar de que não seja — respondeu.

— Como o senhor é desconfiado! — exclamou Rhoda.

Rabiscou alguns nomes num pedaço de papel e entregou-lhe.

Battle levantou-se.

— Bem, muito obrigado, Miss Meredith — disse. — Como diz a Miss Dawes, a senhora parece ter levado uma vida especialmente irrepreensível. Não creio que precise preocupar-se muito. É estranho o modo com que o Mr. Shaitana mudou de comportamento com a senhora. Desculpe-me a pergunta, mas ele não lhe pediu pra se casarem... ou... hum... importunou-lhe com atenções de outro tipo?

— Ele não tentou seduzi-la — ajudou Rhoda. — se é isso que o senhor está insinuando.

Anne corou.

— De jeito nenhum — respondeu. — Mostrou-se sempre extremamente cortês e... e... formal. Eram só as maneiras floridas dele que me deixavam embaraçada.

— E pequenas coisas que ele dizia ou insinuava?

— Sim... isto é... não. Ele nunca insinuou nada.

— Desculpe. Às vezes esses conquistadores costumam... Bem, boa noite, Miss Meredith, e muito obrigado. O café estava ótimo. Boa noite, Miss Dawes.

— Pronto — disse Rhoda, quando Anne voltou à sala depois de fechar a porta da rua. Acabou-se e não foi tão horrível assim. Ele é um homem simpático, paternal, e evidentemente não alimenta a mínima suspeita contra você. Tudo se passou muitíssimo melhor do que eu esperava.

— Anne afundou na poltrona com um suspiro.

— De fato, foi até bem fácil — disse. — Fui uma boba em me preocupar tanto. Pensei que ele fosse intimidar-me... feito os procuradores da Coroa no palco.

— Parece atilado — disse Rhoda. — Teria logo de ver que você não tem tipo de assassina.

Hesitou e depois perguntou:

— Escute aqui, Anne, você não mencionou que esteve em casa dos Croftways. Foi esquecimento?

— Julguei que não valesse a pena — respondeu Anne, devagar. — Só estive lá alguns meses. E não existe mais ninguém pra dar informações a meu respeito. Se você acha que é importante, posso escrever e contar pra ele, mas tenho certeza de que não é Deixemos de lado.

— Está bem, você é quem sabe.

Rhoda levantou-se e ligou o rádio.

Uma voz rouca anunciou:

— Acabaram de ouvir o Núbio Negro executando Por que você me prega mentiras, meu bem?

15

O MAJOR DESPARD

O Major Despard saiu do Albany, dobrou rapidamente na Regent Street, e tomou um ônibus.

Era a hora calma do dia; a parte superior do ônibus tinha pouquíssimos lugares ocupados. Despard adiantou-se pelo corredor e sentou no banco da frente.

Havia tomado o ônibus já em movimento. Na parada seguinte entraram novos passageiros e o carro prosseguiu pela Regent Street.

Um deles subiu a escada, avançou também pelo corredor e sentou no banco da frente do lado oposto.

Despard não reparou no recém-chegado, mas ao cabo de alguns instantes uma voz murmurou, tentativa:

— Enxerga-se um belo panorama de Londres da parte de cima de um ônibus, não é mesmo?

Despard virou a cabeça. Pareceu intrigado por um momento, mas logo sua fisionomia se desanuviou.

— Peço-lhe perdão, Monsieur Poirot. Não vi que era o senhor. Sim, de fato, a gente tem uma excelente visão panorâmica do mundo daqui do alto. Mas antigamente era melhor, quando não havia todo esse negócio de ficar encerrado numa gaiola de vidro.

Poirot suspirou.

— Tout de même, nem sempre era agradável em dia de chuva, quando a parte interna ficava lotada. E neste país, dia de chuva é o que não falta.

— Chuva? A chuva nunca fez mal a ninguém.

— O senhor se engana — retrucou Poirot. — Muitas vezes provoca uma fluxion de poitrine.

Despard sorriu.

— Pelo que vejo, o senhor pertence à escola dos bem agasalhados, Monsieur Poirot.

Poirot realmente sempre andava preparado contra qualquer traição imprevista do outono. Usava manta e casacão.

— Que coincidência encontrá-lo desta maneira — disse Despard.

Não viu o sorriso dissimulado pela manta. Não havia nenhuma coincidência naquele encontro. Tendo-se assegurado sobre a hora mais provável em que Despard sairia do quarto. Poirot ficara à sua espera. Por prudência, não se arriscou a tomar o ônibus em movimento, preferindo correr até a próxima parada e tomá-lo ali.

— É verdade, não nos vimos mais desde aquela noite em casa do Mr. Shaitana — replicou.

— O senhor não está dando uma mão nesse negócio? — perguntou Despard.

Poirot cocou delicadamente a orelha.

— Eu raciocino — explicou. — Raciocino muito. Andar de um lado pro outro, fazendo investigações, isso não. Não convém à minha idade, ao meu temperamento, nem á minha constituição.

— Raciocina, é? — retrucou Despard inesperadamente. — Bem, podia ser pior. Hoje em dia as pessoas se afobam demais. Se ficassem sentadas e refletissem um pouco antes de agir, haveria menos confusão por aí.

— É assim que o senhor procede na vida, Major Despard?

— Geralmente — confirmou o outro com simplicidade. — A gente precisa ver onde pisa, descobrir um caminho, pesar os prós e os contras, tomar uma decisão... e manter-se nela.

Apertou a boca com decisão.

— E depois disso, nada o faz desviar da rota traçada, não é? — perguntou Poirot.

— Ah! Não digo isso. Não adianta ser cabeçudo. Quando se comete um erro, é melhor admitir logo.

— Mas eu imagino que o senhor não deve cometer muitos erros. Major Despard.

— Todos nós cometemos, Monsieur Poirot.

— Todos não, alguns — frisou Poirot, com certa frieza, provavelmente devida ao pronome que o outro tinha usado. — Há quem cometa menos que os demais.

Despard olhou para ele, sorriu de leve, e perguntou:

— O senhor nunca teve um fracasso. Monsieur Poirot?

— A última vez foi há vinte e oito anos — respondeu Poirot, com dignidade. — E mesmo assim, houve circunstâncias... mas pouco importa.

— Parece um recorde muito bom — disse Despard. E acrescentou:— E que me diz da morte do Shaitana? Isso não conta, suponho, já que oficialmente não é problema seu.

— Não... não é problema meu, não. Mas em todo o caso, insulta meu amour propre. Considero uma impertinência, compreende, que se cometa um crime nas minhas próprias barbas... e que o culpado zombe da minha capacidade de solucioná-lo!

— Não só nas suas próprias barbas — retrucou Despard, secamente. — Nas do Departamento de Investigação Criminal também.

— Isso provavelmente foi um grande erro — afirmou Poirot, sério. — O nosso bom e honesto Superintendente Battle pode parecer impassível, mas não tem nada de passividade na cabeça... de jeito nenhum.

— Concordo — disse Despard. — Aquela apatia não passa de pose. É um funcionário inteligentíssimo e muito competente.

— E acho que está bem ativo no caso.

— Ah, quanto a isso não há dúvida. Está vendo um sujeito simpático, discreto, com ar marcial, num dos bancos de trás?

Poirot olhou por cima do ombro.

— Agora não há ninguém aqui em cima além de nós.

— Ah, bem, então ele já desceu. Nunca me perde de vista.

Sujeito muito eficiente. De vez em quando também muda de aparência. Um verdadeiro artista do disfarce.

— Sim, mas isso não enganaria o senhor. O senhor tem o olho vivo e agudo.

— Jamais esqueço uma fisionomia... pode ser mesmo de um negro, coisa que não é qualquer um que é capaz de se vangloriar.

— O senhor é justamente a pessoa de que eu preciso — disse Poirot. — Que sorte encontrá-lo hoje! Preciso de alguém que tenha olho vivo e boa memória. Malheureusement é raríssimo encontrar as duas coisas juntas. Fiz uma pergunta ao Dr. Roberts sem êxito e o mesmo aconteceu com a Madame Lorrimer. Agora vou tentar com o senhor, pra ver se consigo o que eu quero. Procure recordar-se da sala em que jogaram cartas em casa de Mr. Shaitana e me diga o que se lembra dela.

Despard fez uma cara atônita.

— Não estou compreendendo bem.

— Dê-me uma descrição da sala... dos móveis, dos objetos que continha.

— Acho que não sirvo muito pra essa espécie de coisa — disse Despard lentamente. — A meu ver, era um tipo de sala desagradável. Não parecia sala de homem, de jeito nenhum. Uma porção de brocados, sedas e bugigangas. O tipo de sala pra um sujeito como o Shaitana.

— Mas pra especificar...

Despard sacudiu a cabeça.

— Creio que não reparei. Havia alguns tapetes ótimos. Dois de Bucara e três ou quatro persas de excelente qualidade mesmo, inclusive um de Hamada e outro de Tabriz. Uma cabeça de antiflope africano bastante boa... não, isto estava no saguão. Comprado do Rowland Ward, no mínimo.

— O senhor acha que o falecido Mr. Shaitana fosse capaz de sair à caça de animais ferozes?

— Que nada. Se alguma vez acertou alguma coisa, só pode ter sido no tiro ao alvo. Sou capaz de apostar. Que mais havia lá? Sinto muito desiludi-lo, mas de fato não lhe posso ser de grande serventia. Uma porção de quinquilharias pelos cantos. As mesas estavam atonetadas delas. A única coisa que notei foi um ídolo bastante bonito. Da Ilha da Páscoa, acho eu. Madeira extremamente envernizada. Não se vê muito por aí. Havia também uns troços da Malásia. Não, não creio que possa ajudá-lo.

— Não tem importância — disse Poirot, parecendo ligeiramente cabisbaixo. De repente continuou: — O senhor sabe, Mrs. Lorrimer possui a memória mais assombrosa pra cartas! Soube reconstituir as declarações e o carteiro de quase todas as mãos. Foi espantoso.

Despard deu de ombros.

— Algumas mulheres são assim. Talvez porque joguem sem parar o dia todo.

— O senhor não seria capaz, não é?

O outro sacudiu a cabeça.

— Só me lembro de duas mãos. Uma em que eu podia ter feito game em ouros... e o Roberts me atrapalhou. Ele também perdeu mas nós não dobramos a oferta dele, por azar. Lembro-me de uma sem trunfo, também. Negócio complicado... todas as cartas saíram erradas. Multaram-nos em duas... por sorte não foi mais ainda.

— O senhor joga muito bridge, Major Despard?
— Não, não jogo com regularidade. Mas é um ótimo jogo.
— Prefere-o ao pôquer?
— Pessoalmente, sim. O pôquer é muito arriscado.
— Acho que Mr. Shaitana não jogava nenhum jogo — comentou Poirot, pensativo. — De cartas, bem entendido.
— Só tem um jogo que o Shaitana jogava continuamente — retrucou Despard com uma carranca.
— Qual?
— Um jogo sórdido.
Poirot ficou calado e depois perguntou:
— Isso o senhor sabe ou apenas imagina!
Despard avermelhou feito tijolo.
Está querendo dizer que não se deve afirmar coisas sem citar textualmente a fonte? Suponho que tenha razão. Pois a afirmação não é ociosa. Acontece que sei. Por outro lado, não estou preparado pra revelar minha fonte. A informação me foi dada em caráter sigiloso.
— Quer dizer que se refere a uma ou várias mulheres?
— Sim. O Shaitana, sendo o canalha que era, preferia lidar com mulheres.
— Acha que ele era chantagista? Que interessante.
Despard sacudiu a cabeça.
— Não, não, o senhor me entendeu mal. De certo modo, o Shaitana era chantagista, mas não do tipo comum, extorsionista. Não andava atrás de dinheiro. Fazia chantagem espiritual, se é que possa haver uma coisa dessas.
— E... o que é que ele lucrava com isso?
— Uma maneira de se divertir. É a única explicação que encontro. Gostava de ver as pessoas se encolherem e se retraírem. Creio que assim ele se sentia menos verme e mais homem. É uma pose muito eficaz com as mulheres. Bastava insinuar que sabia algo e elas logo começavam a lhe contar coisas que ele talvez ignorasse. Isso deliciava seu senso de humor. Aí ele se punha a pavonear com aquela atitude mefistofélica de "Sei de tudo! Sou o grande Shaitana!" Era um farsante!
— Então acha que ele amedrontou a Miss Meredith dessa maneira?
— perguntou Poirot, devagar.
— A Miss Meredith? — Despard arregalou os olhos. — Não estava

pensando nela. Ela não tem tipo de quem fique com medo de um homem como o Shaitana.

— Pardon. O senhor se referia, então, à Mrs. Lorrimer?

— Não, não, não. O senhor não entendeu. Eu estava falando de modo geral. Não seria fácil assustar a Mrs. Lorrimer. E ela não é — o tipo de mulher que a gente imagine que esconda um segredo culposo. Não, eu não estava pensando em ninguém de modo especial.

— Referia-se ao método geral?

— Exatamente.

— Não resta dúvida— concordou Poirot, lentamente. — que um homem desse tipo muitas vezes tem uma compreensão inteligentíssima das mulheres. Arranca segredos delas...

Fez uma pausa. Despard atalhou, impaciente.

— É absurdo. O sujeito era um saltimbanco... não tinha nada de realmente perigoso. E no entanto as mulheres sentiam medo dele. Do jeito mais ridículo.

De repente pôs-se em pé.

— Puxa. Passei do ponto. Fiquei interessado demais no que estávamos discutindo. Até a vista Monsieur Poirot. Olhe lá pra baixo e verá minha sombra fiel deixar o ônibus quando eu sair.

Apressou-se a cruzar o corredor e desceu a escada. A campainha do condutor tilintou. Mas ouviu-se outro sinal antes que houvesse tempo de parar.

Espiando para a rua lá embaixo, Poirot avistou Despard percorrendo a calçada em largos passos. Não se preocupou em^ localizar o homem que o seguia. Outra coisa lhe interessava.

— Ninguém de modo especial — murmurou consigo mesmo. — Pois sim. Tenho minhas dúvidas.

O Sargento O'Connor era maldosamente apelidado pelos seus colegas na Scotland Yard de "O ideal das domésticas".

Não havia dúvida de que era extremamente bonito. Alto, teso, espadaúdo, não era tanto a regularidade dos traços quanto o brilho safado e afoito de seu olhar que o tornava assim irresistível ao sexo

frágil. O indiscutível é que o Sargento O'Connor obtinha resultados, e com rapidez.

Tão rápido que passados apenas quatro dias do assassinato de Mr. Shaitana, o Sargento O'Connor estava sentado nas localidades de três xelins e seis pence da revista Por Bem ou por Mal, ao lado de Miss Elsie Batt, ex-criada de Mrs. Craddock no número 117 da North Audley Street.

Depois de lançar cuidadosamente a rede de aproximação, o Sargento O'Connor acabava de iniciar a grande ofensiva.

— Isso me faz lembrar — ia dizendo — o jeito que um dos meus expatões costumava agir. Chamava-se Craddock. Era danado como o quê.

— Craddock — disse Elsie. — Uma vez trabalhei pra uma família com esse nome.

— Ué, que engraçado. Será que foi a mesma?

— Eles moravam na North Audley Street — continuou Elsie.

— A minha vinha de muda pra Londres quando saí — confirmou O'Connor prontamente. — É, creio que era a North Audley Street. Mrs. Craddock tinha uma certa mania por homens.

Elsie atirou a cabeça para trás, desdenhosa.

— Ela me tirava a paciência. Sempre se queixando e resmungando. Nada que a gente fizesse estava direito.

— O marido também levava a dele, não é?

— Ela vivia queixando-se de que ele não ligava pra ela... que não a compreendia. E andava sempre dizendo que estava mal de saúde, ofegando e gemendo. Se quer saber a minha opinião, não tinha nada de doente!

O'Connor deu uma palmada no joelho.

— Lembrei-me! Não houve um troço qualquer entre ela e um tal de médico? Não eram carne e unha ou coisa que o valha?

— Você diz o Dr. Roberts? Ah, que ele era uma simpatia, lá isso era.

— Vocês, mulheres, são todas iguais — retrucou o Sargento O'Connor. — Basta um sujeito não valer nada pra que logo se unam pra defendê-lo. Conheço a laia dele.

— Não conhece, não, e está completamente enganado a respeito dele. Não houve nada dessa espécie em relação a ele. Por acaso tinha culpa que a Mrs. Craddock vivesse mandando chamar ele? O que é que um médico pode fazer? Quer saber de uma coisa? Ele nem ligava

pra ela, a não ser como paciente. Ela é que insistia. Não o deixava em paz, que esperança.

— Estava tudo muito bem, Elsie... não se importa que a chame de Elsie, não é? Sinto-me como se tivesse conhecido você a vida inteira.

— Pois não conheceu, não! Elsie! Era só o que faltava.

Atirou a cabeça para trás.

— Bom, então está bem. Miss Batt — Lançou-lhe um olhar. — Como eu ia dizendo, está tudo muito bem, mas mesmo assim o marido deu bronca, não deu?

— Um dia ele ficou meio invocado — admitiu Elsie. — Mas quer saber de uma coisa? Naquele tempo ele já andava doente. Morreu logo em seguida, sabe?

— Lembro-me... morreu de um negócio esquisito, não foi?

— É, qualquer coisa japonesa... tudo por causa de um pincel de barba novo que tinha comprado. Que horror, não é? Não sei por que não tomam mais cuidado. Eu nunca mais quis nada que fosse japonês.

— Compre tudo inglês, é meu lema — afirmou o Sargento O'Connor, sentencioso. — E você ia dizendo que ele e o médico tiveram uma briga?

Elsie confirmou com a cabeça, divertindo-se em recapitular escândalos passados.

— O negócio foi feio — disse. — Pelo menos por parte do patrão. O Dr. Roberts ficou bem quietinho. Só respondeu: "Que bobagem". E depois: "Como é que você meteu isso na cachola?"

— Tudo aconteceu em casa, decerto?

— Tudo. A patroa tinha mandado chamar ele. Aí então ela e o patrão começaram de bate-boca e no meio da história chegou o Dr. Roberts e o patrão se virou contra ele.

— Que foi que ele disse, exatamente?

— Ora eu, é lógico, não devia ter escutado. O negócio foi lá em cima, no quarto da patroa. Achei que estava havendo alguma coisa, então peguei a pá do lixo e comecei a limpar a escada. Eu é que não ia perder aquilo nem por nada.

O Sargento O'Connor apoiava calorosamente esse sentimento, refletindo na sorte que tivera em abordar Elsie extra-oficialmente. Se fosse interrogada pelo Sargento O'Connor da polícia, teria virtuosamente protestado que não havia escutado absolutamente nada.

— Como eu disse — prosseguiu Elsie, — o Dr. Roberts ficou bem quietinho... o patrão é que fazia toda a gritaria.

— Que é que ele dizia? — perguntou O'Connor, aproximando-se pela segunda vez do ponto vital.

— Xingava o doutor pra valer — respondeu Elsie, deliciada.

— Como assim?

Será que essa moça nunca chegaria a reproduzir palavras e frases?

— Ora, muita coisa eu não entendi — reconheceu Elsie. — Havia uma porção de palavras complicadas, "conduta pouco profissional" e "aproveitando-se" e coisas assim... e ouvi ele dizer que ia mandar tirar o Dr. Roberts da... Ordem dos Médicos, será que foi isso? Qualquer coisa parecida.

— Está certo — confirmou O'Connor. — Queixar-se ao Conselho Médico.

— É, ele falou uma coisa dessas. E a patroa estava tendo uma espécie de histeria, gritando: "Você nunca se importou comigo. Não liga pra mim. Me deixa sozinha ." E eu ouvi ela dizer que o Dr. Roberts tinha sido um anjo de bondade pra ela.

"Depois o doutor entrou no quarto de vestir com o patrão, e fechou a porta do dormitório... eu escutei e ele disse bem assim: "Meu bom amigo, você não percebe que sua mulher é uma histérica? Ela não sabe o que está dizendo. Pra confessar a verdade, isso tem sido um caso difícilimo e exasperante, que eu já teria abandonado há muito tempo, se achasse... com...com... uma palavra complicada... ah, sim, compatível... isso mesmo... compatível com meu dever." Foi o que ele disse. Falou também qualquer coisa sobre não ultrapassar os limites... é... entre o médico e a paciente. Conseguiu que o patrão se acalmasse um pouco e aí então ele disse: "Você vai chegar atrasado no escritório, sabe? É melhor ir de uma vez. Reflita sobre tudo com calma. Acho que você verá que a história toda não passa de um equívoco. Eu vou só lavar as mãos antes de ir visitar meu próximo doente. Agora pense bem, meu caro amigo. Eu lhe garanto que tudo isso é obra da imaginação tresloucada de sua esposa."

"E o patrão respondeu: "Não sei o que pensar." "E saiu... eu, naturalmente, estava escovando com toda a força, mas ele nem reparou em mim. Mais tarde achei que estava com cara de doente. O doutor ficou assobiando, todo alegre, enquanto lavava as mãos no quarto de vestir, onde tinha água quente e fria. Não demorou muito, também saiu com a maleta dele, falou comigo com a delicadeza e a jovialidade de sempre, e desceu a escada bem animado e disposto, com a maior naturalidade. Portanto, como vê, eu tenho certeza de que

ele não havia feito nada de mal. Foi tudo coisa dela.

— E aí então o Craddock pegou o tal antraz?

— Sim, eu acho até que eleja tinha pegado. A patroa cuidou dele com muita dedicação, mas ele morreu, Ah, veio cada coroa linda pro enterro!...

— E depois? O Dr. Roberts não apareceu mais na casa?

— Não apareceu, não, seu abelhudo! Você está com má vontade pra cima dele. Estou-lhe dizendo que não houve nada de mais. Se houvesse, ele teria casado com ela quando o patrão morreu, não é? E ele não casou. Não ia ser besta. Já sabia como ela era, direitinho. Mas ela telefonava pra ele sem parar, mas não sei por que ele nunca mais apareceu. Aí depois ela vendeu a casa, despediu todo mundo e foi-se embora pro Egito.

— E durante esse tempo todo você não enxergou o Dr. Roberts.

— Não. Ela sim, porque foi no consultório dele pra fazer a tal de... como é que se chama... vacina contra o tifo. Voltou com o braço todo dolorido. Quer saber de uma coisa? Pra mim ele deixou bem claro que não adiantava insistir. Ela não telefonou mais pra ele e embarcou feliz da vida, com uma porção de roupas novas e bonitas... tudo em cores claras e alegres, embora fosse em pleno inverno, mas ela disse que lá ia estar fazendo sol e calor.

— De fato — concordou o Sargento O'Connor. — Ouvei dizer que às vezes é quente até demais. Ela morreu lá. Você já sabia, não é?

— Não, palavra que não. Ora, vejam só! Talvez andasse pior do que eu pensava, coitada. — E com um suspiro acrescentou: — Que será que fizeram com todas aquelas roupas bonitas? Lá todo mundo é negro, portanto não iam poder usar.

— Acho que você ia ficar um estouro nelas — disse o Sargento O'Connor.

— Descarado — ralhou Elsie.

— Bem, você não terá que suportar o meu descaramento por muito mais tempo — retrucou o Sargento O'Connor. — Vou ter que fazer uma viagem de negócios pra minha firma.

— Pretende demorar?

— Talvez precise ir pro exterior — respondeu o Sargento.

Elsie ficou com a cara no chão.

Embora desconhecesse o famoso poema de Lord Byron: Nunca Amei uma Terna Gazela, naquele momento seus sentimentos eram idênticos. Pensou consigo mesma: Que gozado, todos os que são de

fato atraentes nunca dão em nada. Ah, paciência, sempre tem o Fred.

O que é um alívio, pois mostra que a súbita incursão do Sargento O'Connor na vida de Elsie não a afetou de maneira permanente. Fred talvez até tivesse saído lucrando!

17

O TESTEMUNHO DE RHODA DAWES

Rhoda Dawes saiu do Debenham e estacou pensativa na calçada. Em seu rosto lia-se a indecisão. Tinha fisionomia expressiva, cada emoção fugaz revelando-se numa expressão rapidamente cambiante.

Nesse momento, de forma bem nítida, o rosto de Rhoda dizia:

— Vou ou não vou? Eu gostaria de... Mas talvez não deva.

— Táxi, senhorita? — perguntou-lhe o porteiro, pressuroso.

Rhoda sacudiu a cabeça.

Uma mulher volumosa, sobraçando embrulhos com expressão ansiosa de quem faz-compras-de-Natal-com-antecedência no semblante, investiu como uma bala de canhão contra ela. Mesmo assim, porém, Rhoda continuou imóvel, tentando resolver o que faria.

Fragmentos caóticos de idéias passavam feito relâmpagos pela sua cabeça. Afinal, por que não? Ela me convidou... Mas vai ver que diz a mesma coisa pra todo mundo. Não espera que a levem a sério... Ora, afinal de contas, a Anne não quis que eu fosse junto. Deixou bem claro que preferia ir visitar o advogado sozinha com o Major Despard... E por que não? Quem é que não sabe que três é demais... E eu realmente não tenho nada a ver com a história. E depois não é que eu fizesse questão de encontrar o Major Despard... Mas é tão simpático... Acho que deve ter ficado caidinho pela Anne, Os homens não se dão a tanto incômodo, a menos que... Quero dizer, nunca se trata apenas de gentileza.

Um garoto de recados esbarrou em Rhoda e em tom de censura pediu-lhe:

— Perdão, senhorita.

Ah, meu Deus, pensou Rhoda. Não posso ficar parada aqui o dia inteiro. Só porque sou tão idiota que não consigo decidir-me... tenho a impressão de que aquele casaco vai combinar incrivelmente bem com

aquela saia. Será que marrom não seria mais prático que verde? Não, acho que não. Ora, anda de uma vez, vou ou não vou? Três e meia... a hora não pode ser mais oportuna... quer dizer, não parece que estou filando uma refeição ou sei lá o quê. Seja como for, bem que eu podia ir só pra ver.

Atravessou a rua, dobrou à direita e depois à esquerda, subiu a Harley Street, parando finalmente à altura do prédio de apartamentos que Mrs. Oliver sempre descrevia vagamente como "no meio das casas de saúde".

Afinal, ela não me vai comer, pensou Rhoda, entrando resoluta no prédio.

O apartamento de Mrs. Oliver ficava no último andar. Um funcionário de uniforme a fez entrar no elevador, deixando-a num elegante tapete novo diante de uma porta verde clara.

Que horror, pensou Rhoda. Pior que ir ao dentista. Mas agora tenho que ir até o fim.

Corada de constrangimento, apertou a campainha.

A porta foi aberta por uma empregada velhusca.

— A Mrs... será que eu... a Mrs. Oliver está em casa? — perguntou Rhoda.

A empregada recuou. Rhoda entrou; foi conduzida a uma sala de estar na mais completa desordem.

— Que nome devo anunciar, por favor? — perguntou a empregada.

— Ah... hum... Miss Dawes... Miss Rhoda Dawes.

A empregada retirou-se. Depois do que a Rhoda pareceu mais ou menos um século mas na verdade durou exatamente um minuto e quarenta e cinco segundos, voltou.

— Quer passar por aqui, senhorita?

Mais corada do que nunca, Rhoda acompanhou-a. Cruzaram um corredor, dobraram ao fundo e uma porta se abriu. Toda nervosa, ela entrou no que a princípio, a seus olhos estarecidos, deu impressão de ser uma selva africana!

Pássaros — uma porção de pássaros, papagaios, araras, pássaros não classificados pela ornitologia, misturavam-se para dentro e para fora do que parecia uma floresta primeva. No meio dessa balbúrdia de pássaros e vida vegetal, Rhoda percebeu uma precária mesa de cozinha, com a máquina de escrever em cima, pilhas de papel datilografado espalhadas pelo soalho, e Mrs. Oliver, toda escabelada, levantando-se de uma cadeira periclitante.

— Minha cara, que prazer em vê-la — exclamou Mrs. Oliver estendendo a mão suja de papel carbono e tentando, com a outra, arrumar o cabelo, proeza totalmente impossível.

Uma sacola de papel, atingida pelo seu cotovelo, caiu da escrivaninha e maçãs rolaram com estrépito por todos os lados.

— Não faz mal, minha cara, não se incomode, alguém depois junta tudo qualquer hora dessas.

Um tanto ofegante, Rhoda levantou-se da posição curvada, com cinco maçãs nas mãos.

— Ah, obrigada... não, eu não devo colocá-las de novo na sacola. Acho que se rasgou. Ponha em cima da lareira. Isso mesmo. Muito bem: agora sente-se e vamos conversar.

Rhoda aceitou uma segunda cadeira precária e focou os olhos na dona da casa.

— Puxa, sinto imensamente. Não estou interrompendo ou coisa que o valha? — perguntou, ainda sem fôlego.

— Bem, está e não está — respondeu Mrs. Oliver. — Eu estou trabalhando, como vê. Mas esse meu horrível finlandês se meteu numa enrascada dos diabos. Fez uma dedução tremendamente inteligente com um prato de vagens e, agora que ele acaba de descobrir veneno letal no recheio de salva e cebola do ganso pra festa de São Miguel é que fui lembrar-me que na festa de São Miguel não há mais vagens.

Eletrizada por essa espreitadela no mundo íntimo da criação dos romances policiais, Rhoda sugeriu ofegante:

— Podiam ser enlatadas.

— Claro que podiam — concordou Mrs. Oliver, em dúvida.

— Mas isso, de certo modo, estragaria a questão. Estou sempre me atrapalhando com a horticultura e coisas assim. As pessoas me escrevem e dizem que misturei todas as flores na época errada. Como se importasse... e afinal qualquer loja de Londres expõe todas juntas.

— Lógico que não importa — afirmou Rhoda lealmente. — Ah, Mrs. Oliver, escrever deve ser uma maravilha.

Mrs. Oliver esfregou a testa com o dedo sujo de papel carbono e perguntou:

— Por quê?

— Oh — fez Rhoda, meio desapontada. — Porque sim. Deve ser maravilhoso simplesmente sentar e escrever um livro inteiro.

— Não é bem assim que acontece — retrucou Mrs. Oliver. — A

gente realmente tem que pensar, sabe? E pensar é sempre maçante. E é preciso planejar as coisas. E depois, de vez em quando, a gente se mete num beco sem saída que parece que nunca mais tem fim... mas tem! Escrever não é especialmente divertido. É um trabalho duro como qualquer outro.

— Não dá impressão de ser — comentou Rhoda.

— Pra você — disse Mrs. Oliver, — porque não está obrigada a fazê-lo! Pra mim é um trabalho danado. Há dias em que só consigo ir adiante me repetindo uma porção de vezes a quantidade de dinheiro que vou ganhar pelos direitos do meu próximo folhetim. Isso estimula a gente, sabe? O mesmo acontece com a conta bancária, quando se vê que está sem fundos.

— Nunca supus que a senhora mesma datilografasse seus livros — disse Rhoda. — Julguei que tivesse secretária.

— Ah, mas eu já tive uma, pra quem eu tentava ditar, mas ela era tão competente que sempre me deprimia. Eu achava que ela sabia muito mais sobre inglês, gramática, parágrafos e ponto e vírgula do que eu; até me dava uma espécie de complexo de inferioridade. Depois procurei conseguir outra, totalmente incompetente, mas como é natural, também não deu certo.

— Deve ser maravilhoso poder imaginar coisas — disse Rhoda.

— Imaginar pra mim não é difícil — retrucou Mrs. Oliver, faceira. — O que incomoda é ter de escrevê-las. Eu sempre penso que já terminei e depois, quando faço a contagem, descubro que só escrevi trinta mil palavras em vez de sessenta e aí tenho que inventar outro crime e dar um jeito pra que a heroína seja raptada de novo. É tudo muito maçante.

Rhoda não retrucou. Fitava Mrs. Oliver com a reverência que a juventude sente pelas celebridades — com um leve ressaibo de decepção.

— Gosta do papel da parede? — perguntou Mrs. Oliver, acenando vagamente com a mão. — Sou tremendamente louca por pássaros. A folhagem é pra ser tropical. Me dá impressão de que o dia está quente, mesmo quando está gelido. Não sou capaz de fazer nada se não me sinto extremamente agasalhada. Mas o Sven Hjerson quebra gelo ao tomar banho todas as manhãs!

— Acho tudo formidável — disse Rhoda. — E a senhora é tremendamente gentil em dizer que não estou interrompendo.

— Vamos tomar um pouco de café com torrada — sugeriu Mrs.

Oliver. — Café bem preto e torradas bem quentes. Estou sempre disposta a comer a qualquer hora.

Foi até a porta, abriu-a, e chamou. Depois voltou e perguntou:

— O que a trouxe à cidade? Veio fazer compras?

— Sim, estive fazendo algumas.

— A Miss Meredith também veio?

— Veio, mas foi ver um advogado com o Major Despard.

— Advogado, é? — as sobrancelhas de Mrs. Oliver arquearam, inquisitivas.

— É. Sabe, o Major Despard disse que ela devia contratar um. Ele tem sido tremendamente gentil... realmente.

— Eu também fui — lembrou Mrs. Oliver, — mas parece que não deu muito bom resultado, não foi? De fato, acho até que sua amiga ficou meio ressentida com minha visita.

— Ah, não ficou, não... tenho certeza de que não — Rhoda remexeu-se na cadeira, num paroxismo de embaraço. — Foi realmente uma das razões por que eu quis vir hoje... pra explicar. A senhora vê, eu logo notei que a senhora havia interpretado mal. Ela de fato parecia estar muito indelicada, mas não se tratava disso. Quero dizer, não tinha nada a ver com sua chegada. Foi por causa de uma coisa que a senhora disse.

— Uma coisa que eu disse?

— É, claro que a senhora não podia adivinhar. Foi apenas um comentário desastroso.

— Que foi que eu disse?

— Tampouco espero que se lembre. Foi só a maneira de dizer. A senhora falou qualquer coisa a respeito de acidente e veneno.

— Falei?

— Eu sabia que provavelmente não ia se lembrar. Sim, a senhora veja, a Anne uma vez teve uma experiência pavorosa. Estava numa casa onde uma mulher tomou um pouco de veneno... tinta pra chapéu, acho eu... confundindo com outra coisa. E morreu. É lógico que isso foi um choque terrível pra Anne. Ela não suporta pensar ou falar naquilo. E seu comentário, naturalmente, lhe reavivou a lembrança. Ela esfriou e ficou toda empertigada e esquisita, como sempre, aliás. E eu vi que a senhora havia notado. E não podia explicar nada na frente dela. Mas queria que a senhora soubesse que não era o que a senhora imaginou. Não se tratava de ingratidão da parte dela.

Mrs. Oliver olhou para o rosto corado e ansioso de Rhoda.

— Entendo — retrucou, devagar.

— A Anne é incrivelmente sensível — continuou Rhoda. — E não gosta de... bem, de enfrentar as coisas. Se algo a contraria, prefere não tocar no assunto... embora isso de fato não seja nada bom... pelo menos eu acho que não é. Falando ou deixando de falar, os problemas continuam de pé. Fingindo que não existem, a gente apenas se esquia deles.. Gosto muito mais de discutir tudo abertamente, por mais penoso que seja.

— Ah — exclamou Mrs. Oliver baixinho, — mas você. minha cara. é um soldado. A sua Anne não é.

Rhoda avermelhou.

— A Anne é um amor.

Mrs. Oliver sorriu.

— Eu não disse que ela não era — retrucou. — Disse apenas que não tinha o seu tipo especial de coragem.

Soltou um suspiro e depois, de maneira bastante inesperada para a moça, perguntou:

— Você acredita no valor da verdade, minha cara, ou não?

— Claro que acredito — respondeu Rhoda, de olhos arregalados.

— Sim, você diz isso, mas talvez não tenha pensado bem antes de responder. A verdade às vezes dói... e destrói as ilusões da gente.

— Mesmo assim, prefiro-a — afirmou Rhoda.

— Eu também. Mas não sei se nossa resolução é sábia.

— Por favor — pediu Rhoda, bem séria, — não diga à Anne que lhe contei, sim? Ela podia não gostar.

— Eu certamente nem sonharia em fazer uma coisa dessas. Isso foi há muito tempo?

— Há cerca de quatro ou cinco anos. É estranho, não é, como as mesmas coisas vivem repetindo-se prà gente. Eu tive uma tia que estava sempre em naufrágios. E eis aqui a Anne, metida em duas mortes repentinas... só que, naturalmente, essa última é muito pior. Um assassinato é bastante horrível, não é?

— É, sim.

O café preto e a torrada quente com manteiga apareceram nesse instante. Rhoda comeu e bebeu com prazer infantil. Era emocionante partilhar da refeição íntima de uma celebridade.

Quando terminaram, levantou-se e disse:

— Espero sinceramente não ter interrompido demais. Será que não se importaria... digo, a senhora não se incomodaria muito se eu lhe

mandasse um de seus livros pra autografá-lo?

Mrs. Oliver riu.

— Oh, eu posso fazer pra você algo melhor do que isso. — Abriu um armário no outro lado da sala. — Qual que você prefere? Eu tenho um fraco todo especial pelo “O Caso do Segundo Peixinho Dourado”. Não é uma droga tão irremediável quanto o resto.

Meio escandalizada de escutar uma autora descrever desse modo os rebentos de sua pena, Rhoda aceitou prontamente. Mrs. Oliver pegou o livro, abriu-o, inscreveu sua assinatura com um floreio exagerado, e entregou-o á Rhoda.

— Cá está.

— Muito agradecida. Não imagina como me diverti. Tem certeza de que não se importou com a minha visita?

— Eu queria que você viesse — afirmou Mrs. Oliver. E depois de uma ligeira pausa acrescentou: — Você é uma criança simpática. Passe bem. Cuide bem de você, minha cara.

— Ué, por que disse isso? — murmurou consigo mesma, enquanto a porta fechava-se atrás da visitante.

Sacudiu a cabeça, despenteou o cabelo e voltou à magistral dissecação do recheio de salva e cebola de Sven Hjerson.

18

INTERVALO PARA O CHÁ

Mrs. Lorrimer saiu de determinada porta na Harley Street. Hesitou um instante no alto da escada e depois desceu lentamente os degraus.

Havia uma expressão curiosa em seu rosto — muito de feroz determinação e estranha indecisão. Curvou um pouco a testa, como se quisesse concentrar-se nalgum problema totalmente absorvente.

Foi então que avistou Anne Meredith na calçada oposta. Anne estava parada, contemplando um grande prédio de apartamentos logo na esquina.

Mrs. Lorrimer vacilou e por fim cruzou a rua.

— Como vai, Miss Meredith?

Anne teve um sobressalto e virou-se.

— Ah, como vai a senhora?

— Ainda em Londres? — indagou Mrs. Lorrimer.

— Não. Vim só por hoje. Pra resolver uma questão legal. Seus olhos continuavam desviando-se para o grande prédio de apartamentos.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Mrs. Lorrimer. Anne assustou-se de maneira culposa.

— Alguma coisa? Oh, não, que podia ter acontecido?

— Você está olhando como se estivesse com algum problema.

— Não estou, não... bem, quer dizer, estar eu estou... mas não é nada importante; uma coisa bem tola. Riu um pouco.

— E só que — continuou, — achei que tinha visto a minha amiga... a moça com quem eu moro... entrar ali, e fiquei pensando se não teria ido visitar a Mrs. Oliver.

— É ali que mora a Mrs. Oliver? Não sabia.

— Pois c. Outro dia ela esteve lá em casa, nos deu o endereço e convidou pra irmos visitá-la. Fiquei pensando se era a Rhoda que eu vira ou não.

— Não quer entrar pra ver?

— Não. prefiro não fazer isso.

— Venha tomar chá comigo — convidou Mrs. Lorrimer. — Há uma confeitaria bem perto daqui que eu conheço.

— É muita gentileza de sua parte — agradeceu Anne, hesitante.

Desceram a rua lado a lado e dobraram numa lateral. Numa pequena pastelaria serviram-lhes chá com bolinhos. Não conversaram muito. Cada uma delas parecia achar o silêncio da outra repousante.

De repente Anne perguntou.

— Mrs. Oliver não foi visitá-la?

Mrs. Lorrimer sacudiu a cabeça.

— Ninguém esteve lá em casa... com exceção de Monsieur Poirot.

— Não pretendi... — começou Anne.

— Ah, não? Pois pensei — atalhou Mrs. Lorrimer.

A moça ergueu os olhos — um olhar rápido, assustado. Viu qualquer coisa na fisionomia de Mrs. Lorrimer que pareceu tranquilizá-la.

— Ele não foi procurar-me — disse devagar.

Houve uma pausa.

— O Superintendente Battle não esteve em sua casa? — perguntou Anne.

— Oh, sim, naturalmente — respondeu Mrs. Lorrimer.

— Que espécie de coisas ele queria saber? — indagou Anne.

hesitante.

Mrs. Lorrimer soltou um suspiro de exaustão.

— As coisas de costume, suponho. Perguntas de rotina. Ele se mostrou muito simpático em relação a tudo.

— Imagino que tenha entrevistado todo mundo.

— Creio que sim.

Houve outra pausa.

— Mrs. Lorrimer — perguntou Anne, — a senhora acha... que eles algum dia vão descobrir quem foi?

Tinha os olhos pregados no prato. Não viu a expressão de curiosidade no olhar da mulher mais velha ao contemplar a cabeça pendida.

— Não sei respondeu Mrs. Lorrimer baixinho.

— Não é lá... muito agradável, não é? — murmurou Anne.

O rosto de Mrs. Lorrimer registrou aquele mesmo olhar de avaliação curiosa e no entanto compreensiva.

— Que idade você tem. Anne Meredith? — perguntou.

— Eu... eu? — gaguejou a moça. — Vinte e cinco.

— E eu, sessenta e três — disse Mrs. Lorrimer. E depois, lenta: — Você tem toda a vida pela frente.

Anne estremeceu.

— Posso ser atropelada por um ônibus ao voltar pra casa — retrucou.

— Sim, é verdade. Ao passo que eu... talvez não.

Mrs. Lorrimer disse isso de um jeito estranho. Anne olhou-a com espanto.

— A vida é um negócio difícil — continuou Mrs. Lorrimer.

— Você vai ver, quando chegar a minha idade. Exige uma coragem infinita e muita resignação. E no fim a gente se pergunta: "Valeu a pena?"

— Oh, não, por favor! — exclamou Anne.

Mrs. Lorrimer riu, retomando a costumeira pose autoritária.

— É meio vulgar dizer coisas lúgubres sobre a vida — opinou.

Chamou a garçonete e pagou a conta.

Ao cruzarem a porta, um táxi ia passando devagar e Mrs. Lorrimer fez sinal para que parasse.

— Não quer uma carona? — perguntou. — Vou pro lado sul do Hyde Park.

O rosto de Anne se iluminou.

— Não, obrigada. Estou vendo minha amiga dobrar a esquina. Fico-lhe muito grata, Mrs. Lorrimer. Até logo.

— Até logo. Felicidades — disse a mais velha.

O táxi saiu rodando e Anne apressou o passo.

O rosto de Rhoda iluminou-se ao deparar com a amiga, mas logo mudou para uma expressão ligeiramente culpada.

— Rhoda, você foi visitar a Mrs. Oliver? — interpelou Anne.

— Olhe, pra falar a verdade, fui.

— E eu acabo de pegá-la em flagrante.

— Não sei o que você quer dizer com isso. Vamos descer por aqui e tomar o ônibus. Você saiu sozinha com seu namorado. Julguei que ao menos ele fosse convidar você pra tomar chá.

Anne ficou um instante calada — uma voz retinha em seus ouvidos: "Não daria pra gente ir buscar sua amiga nalgum lugar pra tomarmos chá todos juntos?"

E a resposta que dera — afobada, sem levar tempo para pensar: "Agradeço-lhe imensamente, mas já nos comprometemos a tomar chá com outras pessoas."

Uma mentira — e uma mentira tão tola. A maneira idiota com que se diz a primeira coisa que ocorre à cabeça, em vez de demorar dois minutos para pensar. Poderia ter dito perfeitamente: "Obrigada, mas a minha amiga tem que sair pra comer." Isto é, caso não quisesse, como não queria, que Rhoda também fosse junto.

Que coisa estranha, a maneira como não havia querido a companhia de Rhoda. Queria, definitivamente, guardar Despard só para si. Tinha sentido ciúmes. Ciúmes de Rhoda. Rhoda era tão inteligente, tão disposta a conversar, tão cheia de entusiasmo e de vida. Na outra noite o Major Despard olhara como se achasse Rhoda simpática. Mas era ela, Anne Meredith, que fora visitar. Rhoda era assim. Não fazia de propósito, mas deixava a gente em segundo plano. Não, positivamente, não queria que Rhoda fosse junto.

Mas tinha manobrado a coisa da maneira mais idiota, ficando atarantada daquele jeito. Se tivesse sido mais hábil, a essa hora estaria talvez tomando chá com o Major Despard no clube dele ou noutro lugar qualquer.

Sentia-se definitivamente aborrecida com Rhoda. Rhoda era um estorvo. E a troco do quê fora visitar Mrs. Oliver?

— Por que você foi visitar a Mrs. Oliver? — perguntou em voz alta.

— Ora, ela nos convidou.

— Sim, mas não supus que estivesse falando realmente sério. Acho que ela sempre diz isso.

— Pois estava falando sério mesmo. Foi tremendamente simpática... não podia ser mais. Deu-me um de seus livros. Veja.

Rhoda exibiu o troféu.

— Sobre o que vocês conversaram? — indagou Anne, desconfiada. — Não sobre mim, espero?

— Espiem só que pretensão! Não.

— Mas vocês falaram? Falaram sobre o... o crime?

— Só sobre os crimes dela. Ela está escrevendo um onde entra veneno na salva e nas cebolas. Foi incrivelmente humana... e disse que escrever dava muito trabalho, explicou que se atrapalhava toda com as tramas, e tomamos café preto com torradas quentes na manteiga — concluiu numa explosão de triunfo.

Depois acrescentou:

— Oh, Anne, você quer o seu chá.

— Não quero, não. Já tomei, com a Mrs. Lorrimer.

— Com a Mrs. Lorrimer? Não é a que... que também estava lá?

Anne confirmou.

— Onde você a encontrou? Foi visitá-la?

— Não. Passei por ela na Harley Street.

— Como é que ela se portou?

— Não sei — respondeu Anne, devagar. — Estava... meio esquisita. Muito diferente daquela noite.

— Você ainda acha que foi ela? — perguntou Rhoda.

Anne ficou uns instantes em silêncio. Depois respondeu:

— Sei lá. Não falemos mais nisso, Rhoda! Você sabe que eu detesto discutir essas coisas.

— Está bem, querida. Que tal o advogado? Todo secarrão e jurídico?

— Bastante esperto.

— Parece ótimo. — Esperou e por fim indagou: — E o Major Despard?

— Fbi muito delicado.

— Ele está apaixonado por você, Anne. Tenho certeza.

— Rhoda, não diga bobagens.

— Pois você vai ver.

Rhoda começou a cantarolar sozinha. Pensou: Claro que está apaixonado por ela. A Anne é tremendamente bonita. Mas meio sem

sal... Nunca será capaz de tomar a iniciativa. Sou capaz de apostar que, se visse uma cobra, começaria logo a gritar. Os homens sempre se engraçam com mulheres que não lhes convém.

Depois disse em voz alta:

— Esse ônibus nos deixa em Paddington. Vamos chegar bem na hora de pegar o trem das quatro e quarenta e oito.

19

CONFERÊNCIA

O telefone tocou na sala de Poirot e uma voz respeitosa se fez ouvir:

— O Sargento O'Connor. O Superintendente Battle envia-lhe cumprimentos e pergunta se não daria pra Mr. Hercule Poirot passar na Scotland Yard às onze e meia?

Poirot respondeu pela afirmativa e o Sargento O'Connor desligou.

Eram 11 h30m em ponto quando Poirot desceu do táxi à porta da Nova Scotland Yard — para ser logo agarrado por Mrs. Oliver.

— Monsieur Poirot. Que ótimo! Quer vir em minha ajuda?

— Enchanté, madame. Que posso fazer?

— Pagar o táxi pra mim. Não sei como foi mas saí com a bolsa onde guardo o dinheiro quando viajo pro estrangeiro e o homem simplesmente se recusa a aceitar francos, liras ou marcos!

Poirot tirou galantemente um pouco de troco miúdo do bolso e depois entrou junto com Mrs. Oliver no prédio.

Foram levados à sala particular de Battle. O Superintendente estava sentado atrás de uma mesa, com aspeto mais impassível do que nunca.

— Tal qual uma peça de escultura moderna — cochichou Mrs. Oliver a Poirot.

Battle levantou-se, apertou a mão de ambos e todos sentaram.

— Achei que já era hora de fazer uma pequena reunião — disse Battle. — Vocês gostariam de saber como me saí e eu gostaria de saber como vocês se saíram. Estamos só esperando pelo Coronel Race e aí então...

Mas nesse momento a porta abriu e o Coronel apareceu.

— Desculpe o atraso. Battle. Como vai a senhora, Mrs. Oliver? Alô. Monsieur Poirot. Sinto muito se os fiz esperar. Mas devo embarcar amanhã e tive uma porção de coisas a fazer.

— Pra onde o senhor vai? — perguntou Mrs. Oliver.

— Uma pequena excursão de caça... lá pelo Baluchistão.
Poirot sorriu irônico.

— Não anda havendo uma série de revoltas naquela região? Vai ter que tomar cuidado.

— É o que pretendo — retrucou Race, sério, mas seus olhos piscaram.

— O senhor apurou alguma coisa pra nós? — indagou Battle.

— Apurei a informação que você queria a respeito do Despard. Cá está... — empurrou-lhe uma pilha de papéis. — Aí tem uma porção de datas e lugares. A maioria sem a mínima importância, a meu ver. Nada contra ele. É um sujeito sólido. Folha corrida totalmente irrepreensível. Segue á risca a disciplina. Os nativos de todas as partes gostam e confiam nele. Um dos apelidos embaraçosos que lhe deram na África, onde têm mania por essas coisas, é "O homem que mantém a boca calada e julga com imparcialidade". Na opinião geral das raças brancas. Despard é um Pucka Saihib'. Esplêndida pontaria. Cabeça fria. Geralmente sagaz e digno de confiança. Autêntico cavalheiro.

Sem se comover com esses elogios, Battle perguntou:

— Nenhuma morte súbita relacionada com ele?

— Frisei esse ponto de modo especial. Ele tem um magnífico socorro pro seu crédito. Salvou um amigo das garras de um leão.

Battle suspirou.

— Não é de socorros que eu preciso.

— Você é um camarada persistente, Battle. Só há um incidente que logrei apurar que talvez se enquadrasse no que você procura. Uma viagem ao interior da América do Sul. O Despard acompanhou o Professor Luxmore, o célebre botânico, e a mulher dele. O professor morreu de febre e foi enterrado num lugar qualquer lá pelo Amazonas.

— Febre... é?

— Febre. Mas vou fazer jogo honesto com você. Um dos carregadores nativos, que foi despedido por roubo, por sinal contou uma história de que o professor não tinha morrido de febre mas sim de um tiro. O boato nunca foi levado a sério. Talvez tivesse chegado a hora de levá-lo.

Race sacudiu a cabeça.

— Estou-lhe expondo os fatos. Você os pediu e tem o direito de sabê-los, mas eu seria capaz de jurar que não foi o Despard quem fez a sujeira da outra noite. Ele é um homem branco. Battle.

— Incapaz de assassinar, quer dizer?

O Coronel Race hesitou.

— Incapaz do que eu chamaria de assassinar... sim — respondeu.

— Mas não incapaz de matar um homem pelo que a ele pareceriam motivos justos e suficientes, não é assim?

— Em tal caso seriam motivos justos e suficientes!

Battle sacudiu a cabeça.

— Não se pode deixar os seres humanos julgarem outros seres humanos e fazerem justiça pelas próprias mãos.

— Isso acontece, Battle... isso acontece.

— Mas não devia... aí é que está. O que é que o senhor acha, Monsieur Poirot?

— Concordo com você. Battle. Sempre desaprovei o assassinato.

— Que maneira mais deliciosa de colocar a questão — retrucou Mrs. Oliver. — Até parece que se trata de caça à raposa ou de matar aigrettes pra fazer chapéu. O senhor não acha que existem pessoas que deviam ser assassinadas?

— E bem possível.

— Pois então!

— A senhora não compreende. Não é tanto a vítima que me preocupa. É o efeito que causa no caráter do assassino.

— E que me diz da guerra?

— Na guerra não se exerce o direito do julgamento particular. Isso é que é perigoso. Quando um homem se convence de que sabe quem deve continuar vivendo e quem não deve... então já está a caminho de se tornar o criminoso mais perigoso que existe, o assassino arrogante que não mata por lucro, mas por um ideal. Ele usurpa as funções de le bon Dieu.

O Coronel Race levantou-se.

— Lamento não poder ficar. Tenho muito que fazer. Gostaria de ver o fim desse negócio. Não me surpreenderia se não houvesse nenhum. Ainda que vocês descubram quem foi, vai ser quase impossível provar. Eu lhes dei os fatos que queriam mas na minha opinião o Despard não é o culpado. Não creio que jamais tenha cometido um crime. O Shaitana talvez tivesse ouvido falar nalgum boato truncado sobre a morte do Professor Luxmore, mas não acredito que fosse mais do que isso. O Despard é um homem branco, e não creio que jamais tenha assassinado alguém. Essa é minha opinião. E conheço algo sobre os homens.

— Como é a Mrs. Luxmore? — perguntou Battle.

— Ela mora em Londres, portanto você pode verificar por si mesmo. Encontrará o endereço no meio desses papéis. Fica lá por South Kensington. Mas repito. Despard não é o culpado.

O Coronel Race saiu da sala com o silencioso passo saltitante do caçador.

Battle meneou a cabeça, pensativo, enquanto a porta se fechava.

— Ele provavelmente tem razão — disse. — Claro que o Coronel Race conhece os homens. Mas mesmo assim a gente não se pode fiar em nada.

Deu uma olhada na pilha de documentos que Race tinha depositado em cima da mesa, de vez em quando tomando uma nota a lápis no bloco a seu lado.

— Como é, Superintendente Battle — perguntou Mrs. Oliver

— o senhor não nos vai dizer o que andou fazendo?

Ele ergueu a cabeça e sorriu, um sorriso tímido que lhe tendeu o rosto impassível de lado a lado.

— Isso tudo é muito irregular, Mrs. Oliver. Espero que compreenda.

— Bobagem — retrucou Mrs. Oliver. — Nem por um momento supus que o senhor nos fosse contar algo que não quisesse.

Battle sacudiu a cabeça.

— Não — declarou com firmeza. — Cartas na mesa. Esse é o lema pra esse negócio. Pretendo fazer jogo limpo.

Mrs. Oliver puxou a cadeira para mais perto.

— Conte logo — implorou.

— Antes de mais nada — começou o Superintendente Battle, — direi o seguinte: no que diz respeito ao verdadeiro assassino de Mr. Shaitana, o que sei não vale nada. Não há o mínimo indício ou pista de qualquer espécie entre os papéis dele. Quanto aos outros quatro, mandei segui-los, naturalmente, mas sem nenhum resultado palpável. Mas isso já era de esperar. Não, como diz o Monsieur Poirot, só resta uma esperança ... o passado. Descobrir que crime exatamente, se houver, essas pessoas cometeram... e isso talvez revele quem cometeu esse último.

— E então, o senhor descobriu alguma coisa?

— Obtive informação sobre um deles.

— Qual?

— O Dr. Roberts.

Mrs. Oliver olhou-o empolgada pela expectativa.

— Como o Monsieur Poirot aqui sabe. experimentei todos os tipos de teorias. Estabeleci o fato bem claro de que nenhum parente próximo do doutor havia sofrido morte súbita. Explorei ao máximo todos os ângulos e tudo se reduz a uma única possibilidade... e mesmo assim bastante remota. Alguns anos atrás, o Roberts deve ter cometido uma imprudência, no mínimo, com uma de suas pacientes. Talvez não houvesse nada na coisa... provavelmente não houve, mas a mulher era do gênero emotivo histérico que gosta de fazer cenas, ou então o marido ficou sabendo do que se passava ou a esposa confessou. Seja como for, ia haver o diabo pro lado do médico. O marido indignado, ameaçando denunciá-lo ao Conselho Geral de Medicina... o que provavelmente significaria a ruína de sua carreira profissional.

— Que aconteceu? — perguntou Mrs. Oliver ofegante.

— Pelo jeito, o Roberts conseguiu acalmar temporariamente a indignação do marido... que morreu de antraz quase logo em seguida.

— Antraz? Mas isso não é doença de gado?

O Superintendente sorriu.

— Exatamente, Mrs. Oliver. Não se trata de veneno de flechas de índios sul-americanos que não deixam rastro! A senhora talvez se lembre, naquele tempo todo mundo andou bastante apavorado por causa de uns pincéis de barba de fabricação barata que estavam infeccionados. Ficou provado que a causa da infecção do Craddock foi um desses pincéis.

— E foi o Dr. Roberts quem tratou dele?

— Oh, não. Ele é muito sabido pra cair numa dessas. Eu diria que o Craddock, de qualquer maneira, não concordaria que fosse ele. A única prova que obtive... insignificante, por sinal... é que entre os pacientes do doutor houve um caso de antraz mais ou menos pela mesma época.

— Quer dizer que o médico infeccionou o pincel dele?

— Essa é a grande idéia. Mas note-se que é apenas uma idéia, não há nada, absolutamente nada, que a comprove. Mera conjectura Mas pode ser.

— Ele não casou com a Mrs. Craddock posteriormente?

— Ah, meu Deus. não. Tenho a impressão de que a afeição foi sempre por parte da dama. Ouvi dizer que ela ficou danada, mas de repente foi-se embora, toda feliz, pra passar o inverno no Egito. Morreu lá. Em caso de envenenamento obscuro qualquer do sangue. De nome complicado, mas não creio que significasse grande coisa pra

vocês. Muito raro por aqui. mas bastante comum entre os egípcios.

— De modo que o doutor não podia tê-la envenenado?

— Não sei — respondeu Battle, cauteloso. — Estive falando com um bacteriologista amigo meu... tremendamente difícil conseguir respostas diretas dessa gente. Nunca sabem dizer sim ou não. É sempre "é possível, em determinadas condições"... "depende da situação patológica do paciente"... "já se registraram casos"... "depende muito da psicologia individual"... toda essa espécie de coisa. Mas pelo que pude deduzir com minha insistência, o negócio é o seguinte: o micróbio, ou micróbios, suponho, talvez já tivessem sido inoculados no sangue dela antes de partir da Inglaterra. Os sintomas só se manifestariam depois de certo tempo.

— Mrs. Craddock não foi imunizada contra o tifo antes de ir pro Egito? — perguntou Poirot. — Ao que me consta, a maioria das pessoas é.

— Bravo. Monsieur Poirot.

— E o Dr. Roberts fez a vacina?

— Exatamente. E cá estamos de novo... não dá pra provar nada. Ela recebeu as duas doses habituais... e, pelo que sabemos, podiam ter sido vacinas contra tifo. Ou uma seria a vacina contra tifo e a outra... algo diferente. Não sabemos. Nunca saberemos. A coisa toda é pura hipótese. Só se pode dizer: talvez fosse.

Poirot concordou pensativo.

— Concorda muito bem com certas observações que me foram feitas por Mr. Shaitana. Ele estava exaltando o assassino vitorioso, o homem capaz de praticar um crime de que nunca poderia ser acusado.

— Então como é que o Mr. Shaitana ficaria sabendo? — perguntou Mrs. Oliver.

Poirot deu de ombros.

— Isso nunca se descobrirá. Ele próprio esteve certa vez no Egito. Sabemos disso, porque conheceu a Mrs. Lorrimer lá. Talvez tivesse ouvido um médico local comentar os aspetos curiosos do caso de Mrs. Craddock... uma conjetura sobre a origem da infecção.

Noutra ocasião qualquer, talvez tivesse ouvido mexericos a respeito do Roberts e de Mrs. Craddock. É possível que achasse graça em fazer uma observação enigmática ao doutor e notado nos olhos dele um sobressalto traidor... tudo isso nunca se saberá. Algumas pessoas têm um dom incrível pra adivinhar segredos. Mr. Shaitana era uma delas. Nada disso nos interessa. Só podemos dizer... ele adivinhou. Será que

acertou?

Pois acho que sim — retrucou Battle. — Tenho a impressão de que o nosso alegre e cordial doutor não teria muitos escrúpulos. Já conheci uns dois que nem ele... é fantástico como certos tipos se parecem. Na minha opinião não há dúvida de que é um assassino. Matou o Craddock. Talvez tivesse matado a Mrs. Craddock, se ela estivesse começando a ser uma amolação e a causar escândalo. Mas terá matado o Shaitana? Essa é que é a pergunta. E comparando os crimes, duvido muito. No caso dos Craddocks, ele usou métodos profissionais em ambas as vezes. As mortes pareciam ser devidas a causas naturais. Na minha opinião, se tivesse matado o Shaitana, teria feito de uma maneira profissional. Usaria o micróbio e não o punhal.

— Nunca pensei que fosse ele — disse Mrs. Oliver. — Nem por um minuto. Em certo sentido, é óbvio demais.

— Sai de cena o Roberts — murmurou Poirot. — E os outros?

Battle teve um gesto de impaciência.

— Não consegui apurar absolutamente nada. Mrs. Lorrimer enviuvou há vinte anos. Quase sempre residiu em Londres, indo de vez em quando passar o inverno no estrangeiro. Lugares civilizados... a Riviera, o Egito, esse tipo de coisa. Não pude descobrir nenhuma morte misteriosa relacionada com ela. Parece ter levado vida normal, perfeitamente respeitável, a vida de uma mulher independente. Todo mundo parece respeitá-la e ter a opinião mais elevada sobre seu caráter. O pior que se pode dizer dela é que não suporta tolos de bom grado! Não me importo de confessar que nesse sentido esquadrinhei todos os cantos. E no entanto tem que haver alguma coisa! O Shaitana achou que havia.

Suspirou de modo desanimado.

— Depois temos a Miss Meredith. Conheço todos os detalhes da história dela. A velha chapa de sempre. Filha de oficial do Exército. Herdou pouquíssimo dinheiro. Teve de ganhar a vida. Falta de treino adequado pra qualquer serviço. Verifiquei os primeiros tempos que passou em Cheltenham. Tudo perfeitamente em ordem. Todo mundo sentiu muita pena da coitada. A princípio, foi morar com uma família lá na Ilha de Wight... misto de babá-preceptora e governanta. A mulher com quem ela morou vive agora na Palestina, mas conversei com a irmã dela, que diz que a Mrs. Eldon gostava imensamente da moça. Nenhuma morte misteriosa, nem nada desse gênero, com certeza. Quando Mrs. Eldon partiu pro exterior, Miss Meredith foi pra

Devonshire, assumindo o cargo de dama de companhia da tia de uma colega de colégio. A colega é a moça com quem ela mora agora... Miss Rhoda Dawes. Ficou lá mais de dois anos, até que Mrs. Deering adoeceu gravemente e teve de contratar uma enfermeira profissional. Câncer, eu acho. Ainda está viva, mas muito vaga. Mantém-se à custa de morfina, praticamente, imagino. Tive uma entrevista com ela. Lembrou-se de Anne, disse que era muito boazinha. Falei também com uma vizinha, que seria mais capaz de se lembrar dos acontecimentos dos últimos anos. Nenhuma morte na paróquia, salvo umas duas de velhos moradores do lugar, com quem, ao que me consta, a Anne Meredith nunca entrou em contato. "Desde então, houve a Suíça. Julguei que talvez encontrasse a pista de algum acidente fatal por lá, mas nada feito. E não há nada tampouco em Wallingford.

— De modo que a Anne Meredith está livre de suspeitas? — perguntou Poirot.

Battle hesitou.

— Eu não diria isso. Há qualquer coisa. Ela tem um aspecto assustadiço que não pode ser explicado só por medo do Shaitana. É precavida demais. Está sempre de sobreaviso. Sou capaz de jurar que houve alguma coisa. Mas aí é que está... Ela tem levado uma vida perfeitamente irrepreensível.

Mrs. Oliver respirou fundo — de puro prazer.

— E mesmo assim — comentou, — a Anne Meredith esteve em casa de uma mulher que tomou veneno por engano e morreu.

Não poderia queixar-se do efeito que suas palavras produziram. O Superintendente Battle girou por completo na cadeira e olhou-a fixamente, assombrado.

— Isso é verdade, Mrs. Oliver? Como a senhora sabe?

— Andei bancando a detetive — respondeu Mrs. Oliver. — Sei lidar com moças. Fui fazer uma visita às duas e inventei uma história, dizendo que suspeitava do Dr. Roberts. A tal Rhoda foi muito amável... ah, e bastante impressionada, pensando que eu fosse uma celebridade. A pequena Meredith detestou minha chegada e demonstrou claramente. Ficou desconfiada. A troco do que, se não tem nada pra esconder? Convidei ambas a virem visitar-me em Londres. A Rhoda veio, e deixou escapar todo o segredo... Como a Anne havia sido grosseira comigo no outro dia por causa de uma coisa que eu tinha dito, que lhe lembrou um incidente penoso, e depois

passou a descrever o incidente.

— Ela contou quando e onde aconteceu?

— Há quatro ou cinco anos, em Devonshire.

O Superintendente resmungou qualquer coisa em voz baixa e rabisçou no bloco. Sua calma impassível estava abalada. Mrs. Oliver ficou saboreando o triunfo. Era um momento de grande encanto para ela.

Battle recobrou a serenidade.

— Tiro meu chapéu pra senhora, Mrs. Oliver — disse. — Desta vez temos que marcar um ponto a seu favor. Isso é uma informação valiosíssima. E também serve pra demonstrar como é fácil deixar escapar um detalhe.

Franziu um pouco a testa.

— Ela não pode ter-se demorado lá... onde quer que fosse... muito tempo. Dois meses, no máximo. Deve ter sido entre a Ilha de Wight e a mudança pra Mrs. Deering. Sim, com toda a certeza foi isso. A irmã da Mrs. Eldon, naturalmente, só se lembra de que ela partiu pra um lugar em Devonshire... não se lembra com exatidão pra casa de quem nem aonde.

— Diga-me uma coisa — atalhou Poirot. — essa tal de Mrs. Eldon era uma mulher relaxada?

Battle dirigiu-lhe um olhar estranho.

— Que observação mais curiosa, Monsieur Poirot. Não vejo como pôde adivinhar. A irmã era uma pessoa bastante meticulosa. Durante a conversa, lembro que ela comentou: "Minha irmã é horrivelmente relaxada e descuidada." Mas como que o senhor sabia?

— Porque ela precisa de uma governanta — respondeu Mrs. Oliver.

Poirot sacudiu a cabeça.

— Não, não, não foi por causa disso. De momento não vem ao caso. Estava apenas curioso. Continue, Superintendente Battle.

— Do mesmo modo — prosseguiu Battle. — me fiei que ela tivesse ido pra casa de Mrs. Deering diretamente da Ilha de Wight. Ela é esperta, aquela moça. Tapeou-me direitinho. Mentindo o tempo todo.

— Mentir nem sempre é sinal de culpa — disse Poirot.

Eu sei, Monsieur Poirot. Há o mentiroso congênito. Pra ser franco, eu diria que é o que ela é. Sempre fala aquilo que fica melhor. Mas em todo caso é um risco bastante grave pra assumir. ocultar fatos que nem esse.

— Ela não podia saber que o senhor tivesse alguma idéia de crimes

anteriores — observou Mrs. Oliver.

— Maior razão pra não suprimir uma informaçãozinha dessas. Decerto foi aceito como autêntico caso de morte acidental, portanto não tinha nada a temer... a menos que fosse culpada.

— Sim, a menos que fosse culpada da morte de Devonshire — concordou Poirot.

Battle virou-se para ele.

— Ah, já sei. Ainda que aquela morte não resulte tão acidental assim, não se deduz que ela tenha assassinado Shaitana. Mas esses outros homicídios também são crimes. Eu quero conseguir provar a existência de um crime e relacioná-lo com a pessoa responsável por ele.

— Segundo Mr. Shaitana, isso é impossível — frisou Poirot.

— No caso do Dr. Roberts, sim. Resta ver se no da Miss Meredith também. Amanhã irei a Devonshire.

— O senhor sabe aonde tem que ir? — perguntou Mrs. Oliver.

— Eu não quis pedir maiores detalhes à Rhoda.

— Não, a senhora fez muito bem. Não vou encontrar grandes dificuldades. Deve ter havido inquérito. Eu procuro no registro de investigações. É trabalho de rotina da polícia. Até amanhã de manhã terei tudo o que preciso.

— E o Major Despard? — perguntou Mrs. Oliver. — Não descobriu nada sobre ele?

— Fiquei esperando o relatório do Coronel Race. Mandeí que o seguissem, naturalmente. Uma coisa bastante interessante: ele foi visitar a Miss Meredith em Wallingford. Vocês decerto se lembram de que ele disse que nunca a tinha encontrado antes daquela noite.

— Mas ela é uma moça muito bonita — murmurou Poirot.

Battle riu.

— Sim, tomara que seja só por causa disso. A propósito, o Despard não está disposto a correr riscos. Já consultou advogado. Dá impressão de que anda á espera de encrencas.

— É um homem previdente — disse Poirot. — Que se prepara pra qualquer contingência.

— E por conseguinte, não é tipo de cravar um punhal às pressas — retrucou Battle com um suspiro.

— A não ser que fosse a única solução — disse Poirot. — Ele sabe agir com presteza, lembre-se.

Battle olhou-o do outro lado da mesa.

— Agora, Monsieur Poirot, onde estão suas cartas? Ainda não vi a sua mão deitada na mesa.

Poirot sorriu.

— É que quase não tenho nada. Julga que oculto fatos? Não é isso. Não apurei muita coisa. Conversei com o Dr. Roberts, com a Mrs. Lorrimer, com o Major Despard; ainda tenho que falar com a Miss Meredith. E o que foi que descobri? O seguinte: que o Dr. Roberts é um observador arguto; que a Mrs. Lorrimer, em compensação, possui um poder de concentração simplesmente extraordinário, mas que, em consequência, fica quase cega pro que a cerca. Porém gosta muito de flores. O Despard só repara nas coisas que lhe' atraem... tapetes, troféus esportivos. Não tem nem o que eu chamo de visão exterior, pra enxergar pormenores que se encontram ao seu redor... o que se denomina uma pessoa observadora, sem visão íntima... concentração, a convergência do espírito pra um único objeto. Ele possui uma visão deliberadamente limitada. Vê apenas o que lhe interessa e se harmoniza com a inclinação do seu espírito.

— Com que então, isso é o que você chama de fatos, é? — perguntou Battle, com curiosidade.

— E são fatos. Coisas muito insignificantes, talvez.

— E quanto à Miss Meredith?

— Deixei-a por último. Mas também vou interrogá-la, pra ver o que se lembra de ter visto naquela sala.

— Que estranho método de trabalho — comentou Battle pensativo. — Puramente psicológico. Suponhamos que o estejam ludibriando!

Poirot sacudiu a cabeça com um sorriso.

— Não, seria impossível. Se tentarem estorvar ou ajudar, tanto faz. Terminam forçosamente revelando um tipo de mentalidade.

— Não há dúvida de que é interessante — disse Battle pensativo. — Mas eu não poderia trabalhar desse modo.

— Tenho a impressão — retrucou Poirot, ainda sorridente, — de que consegui pouquíssimo em comparação com o senhor e a Mrs. Oliver... e o Coronel Race. As minhas cartas, que coloco na mesa, são muito baixas.

Battle piscou-lhe o olho.

— Quanto a isso, Monsieur Poirot, o dois de trunfo é carta baixa, mas vence qualquer dos três ases. Em todo caso, vou-lhe pedir pra fazer uma coisa bem prática.

— A saber?

— Quero que entreviste a viúva do Professor Luxmore.
— E por que o senhor mesmo não o faz?
— Porque, como acabo de dizer, vou até Devonshire.
— Por que o senhor mesmo não o faz? — repetiu Poirot.
— O senhor não desiste, hem? Pois, vou dizer a verdade.
Acho que o senhor há de conseguir arrancar mais coisas dela do que eu.
— Meus métodos sendo menos diretos?
— Pode dar essa explicação, se quiser — concordou Battle, sorrindo. — Já ouvi o Inspetor Japp dizer que o senhor possui uma mentalidade tortuosa.
— Como a do falecido Mr. Shaitana?
— Crê que ele conseguiria arrancar coisas dela?
— Acho até que conseguiu! — respondeu Poirot devagar.
— Que o leva a pensar isso? — perguntou Battle abruptamente.
— Uma observação casual do Major Despard.
— Então ele se traiu? Não parece coisa dele.
— Ah, meu caro amigo, é impossível não se trair... a não ser que nunca se abra a boca! A fala é a maneira mais fatídica de revelar as coisas.
— Mesmo que as pessoas preguem mentiras? — perguntou Mrs. Oliver.
— Sim, madame, porque logo se percebe que pregam um determinado tipo de mentira.
— O senhor está-me deixando muito mal à vontade — retrucou Mrs. Oliver, levantando-se.
O Superintendente acompanhou-a aporta e apertou-lhe cordialmente a mão.
— A senhora se saiu muito bem, Mrs. Oliver — disse. — Foi muito melhor detetive que aquele seu desconjuntado lapão magricela.
— Finlandês — corrigiu Mrs. Oliver. — Ele é um idiota, claro. Mas os leitores gostam dele. Passe bem.
— Também tenho que ir — disse Poirot.
Battle rabiscou um endereço num pedaço de papel e meteu-o na mão de Poirot.
— Aí está. Vá-se atracar com ela.
Poirot sorriu.
— E o que é que o senhor quer que eu descubra?
— A verdade sobre a morte do Professor Luxmore.

— Mon cher Battle! Será que alguém sabe a verdade sobre alguma coisa?

— Pois eu vou apurar esse negócio em Devonshire — afirmou o Superintendente com determinação.

— Só quero ver — murmurou Poirot.

20

O TESTEMUNHO DE MRS. LUXMORE

A criada que abriu a porta no endereço de Mrs. Luxmore em South Kensington examinou Hercule Poirot com profunda reprovação. Não mostrou a menor disposição para deixá-lo entrar na casa. Imperturbável Poirot deu-lhe um cartão.

— Entregue isso a sua patroa. Creio que ela me receberá.

Era um de seus cartões mais pretensiosos. As palavras Detetive Particular estavam impressas num canto. Tinha-as mandado gravar especialmente a fim de obter entrevistas com o chamado sexo frágil. Quase todas as mulheres, cômicas da própria inocência ou não, ficavam ansiosas para conhecer um detetive particular e descobrir o que ele queria.

Abandonado da maneira mais humilhante no tapete de entrada, Poirot analisou a aldrava da porta com manifesta repugnância pela sua falta de polimento.

— Ah! se eu tivesse um pouco de Brasso e um pedaço de pano — murmurou consigo mesmo.

Transida de emoção, a criada reapareceu, convidando Poirot a entrar.

Conduziu-o a uma sala no primeiro andar — uma sala meio escura, cheirando a flores murchas e cinzeiros não esvaziados. Havia farta quantidade de almofadas de seda de cores exóticas, todas necessitando de limpeza. As paredes eram de um verde esmeralda e o teto de uma imitação de cobre.

Uma mulher alta, bastante bonita, estava parada junto à lareira. Adiantou-se e perguntou numa voz rouca e grossa:

— Monsieur Hercule Poirot?

Poirot fez uma mesura. Adotou um comportamento que não era bem o seu. Mostrou-se não só estrangeiro como ostensivamente

estrangeiro. Seus gestos eram positivamente barrocos. Lembravam de leve, muito de leve. as maneiras do falecido Mr. Shaitana.

— Por que o senhor queria falar comigo?

Poirot fez nova mesura.

— Permite que me sente? Vai levar um pouco de tempo...

Ela indicou-lhe um sofá com impaciência e depois sentou-se também, na beirada.

— Sim? Então?

— E que sou eu, madame, quem faz as investigações... as investigações particulares, compreende?

Quanto mais deliberada a técnica, maior a ansiedade dela.

— Sim... sim?

— Faço investigações sobre a morte do falecido Professor Luxmore.

Ela deixou escapar uma exclamação surda. Sua consternação era flagrante.

— Mas por quê? Como assim? O que c que isso tem que ver com o senhor'?

Poirot observou-a cautelosamente antes de prosseguir.

—É que, a senhora compreende, estão escrevendo um livro. Uma biografia de seu ilustre marido. O escritor, naturalmente, está ansioso pra apurar todos os fatos com exatidão. Quanto à morte dele. por exemplo.

Ela interrompeu logo.

— Meu marido morreu de febre... no Amazonas...

Poirot recostou-se na cadeira. Devagar, da maneira mais lenta possível, sacudiu a cabeça de um lado para outro — um movimento enlouquecedor, monótono.

— Madame, madame... —protestou.

— Mas eu sei! Eu estava junto na ocasião.

— Ah. sim. certamente. A senhora estava lá. Sim, coincide com minha informação.

— Que informação?! —exclamou.

Examinando-a atentamente. Poirot respondeu:

— A informação que me foi fornecida pelo falecido Mr. Shaitana.

Ela recuou como se tivesse sido chicoteada.

— Shaitana? — murmurou.

— Um homem — disse Poirot, — que possuía um verdadeiro cabedal de conhecimentos. Uma criatura notável. Sabia de vários segredos.

— Suponho que sim — sussurrou ela, umedecendo os lábios

ressequidos com a língua.

Poirot curvou-se para a frente. Conseguiu dar um tapinha no joelho dela.

— Sabia, por exemplo, que seu mando não morreu de febre.

Ela arregalou os olhos. Pareciam loucos de desespero. Ele encostou-se no assento e observou o efeito de suas palavras. Ela se recompôs com certo esforço.

— Eu não... eu não sei o que o senhor quer dizer.

Isso foi dito da maneira menos convincente possível.

— Madame — disse Poirot. — Deixemos de rodeios. Vou colocar sorriu — minhas cartas na mesa. Seu marido não morreu de febre. Ele morreu de uma bala!

— Oh! — exclamou ela.

Cobriu o rosto com as mãos. Sacudiu-se para frente e para trás. Estava numa angústia terrível. Mas num recanto qualquer, nalguma fibra recôndita de seu ser, deliciava-se com as próprias emoções. Poirot tinha certeza disso.

—E portanto — continuou Poirot, no tom mais natural, — é melhor que me conte a história toda.

Ela descobriu o rosto.

— Não foi nada do que o senhor está pensando — afirmou.

Poirot tornou a curvar-se para a frente; e bateu-lhe no joelho de novo.

— A senhora não me entendeu: não me entendeu de jeito nenhum — disse. — Sei muito bem que não foi a senhora que atirou nele. Foi o Major Despard. Mas a senhora foi a causa.

— Eu não sei. Eu não sei. Suponho que fui. Foi tudo tão medonho. Há uma espécie de fatalidade que me persegue.

— Ah, como é verdade! — exclamou Poirot. — Quantas vezes já vi isso? Existem mulheres assim. Aonde quer que vão, as tragédias as acompanham. Elas não têm culpa. Essas coisas acontecem a despeito de si mesmas.

Mrs. Luxmore respirou fundo.

— O senhor compreende. Vejo que compreende. Tudo aconteceu de maneira tão natural.

— Viajaram juntos pro interior, não foi?

— Sim. Meu marido estava escrevendo um livro sobre várias plantas raras. O Major Despard nos foi apresentado como uma pessoa que conhecia as condições locais e providenciaria a expedição

necessária. Meu marido simpatizou muito com ele. Nós partimos.

Houve uma pausa. Poirot deixou que durasse cerca de minuto e meio e depois murmurou, como que para si mesmo.

— Sim, até parece que estou vendo. O rio sinuoso... a noite tropical... o zumbido dos insetos... o homem forte, marcial... a mulher linda...

Mrs. Luxmore suspirou.

— Meu marido era, evidentemente, vários anos mais velho do que eu. Casei muito criança, sem saber o que estava fazendo.

Poirot sacudiu a cabeça, tristonho.

— Sei. Sei. Quantas vezes isso não ocorre?

— Nenhum de nós dois queria admitir o que estava acontecendo — continuou Mrs. Luxmore. — John Despard nunca disse nada. Era o paradigma da honra.

— Mas uma mulher sempre adivinha — incitou Poirot.

— Como tem razão. Sim. uma mulher adivinha. Mas nunca lhe demonstrei que sabia. Fomos o Major Despard e a Mrs. Luxmore, um pro outro, até o fim. Estávamos determinados a observar as regras do jogo.

Calou-se, perdida de admiração por aquela nobre atitude.

— É verdade — murmurou Poirot. — A gente deve jogar o críquete. Como um de seus poetas tão bem exprimiu: "Não poderia te amar, querida, tanto, não amasse eu o críquete ainda mais."

— A honra — corrigiu Mrs. Luxmore. franzindo de leve a testa.

— Claro... claro... a honra. "Não amasse eu a honra ainda mais."

— Essas palavras podiam ter sido escritas pra nós — murmurou Mrs. Luxmore. — Por mais que nos custasse, estávamos ambos resolvidos a nunca pronunciar a palavra fatal. E aí então...

— E aí então... — incitou Poirot.

— Aquela noite horrorosa. — Mrs. Luxmore teve um cala frio.

— Sim?

— Creio que devem ter discutido... o John e o Timothy, quero dizer. Saí da minha barraca... saí da minha barraca...

— Sim... sim?

Os olhos de Mrs. Luxmore estavam arregalados e sombrios. Via a cena como se estivesse se repetindo diante dela.

— Saí da minha barraca — repetiu. — O John e o Timothy estavam Oh! — estremeceu. — Não me lembro direito. Eu me interpus entre eles. Disse: "Não... não. não é verdade!" O Timothy não quis escutar.

Ameaçava o John. O John teve que atirar... em autodefesa. Ah! — Deu um grito e cobriu o rosto com as mãos. — Caiu morto... completamente morto... alvejado no coração.

— Que momento terrível pra senhora, madame.

— Jamais esquecerei. O John foi nobre. Insistiu em entregar-se à polícia. Eu me recusei a ouvir uma coisa dessas. Discutimos a noite inteira. "Faça isso por mim", eu repetia sem parar. No fim ele concordou. Não podia, naturalmente, me deixar sofrendo. A horrível publicidade. Pense nas manchetes. Dois Homens e Uma Mulher na Selva. Paixões Primitivas.

Depois de uma pausa, continuou:

— Expliquei tudo ao John. No fim cedeu. Os empregados não tinham visto nem ouvido nada. O Timothy andava com um pouco de febre. Nós dissemos que tinha morrido disso. E o enterramos lá, nas margens do Amazonas.

Um fundo suspiro torturado sacudiu-lhe a silhueta.

— E depois... de volta à civilização... pra se separar pra sempre.

— Era indispensável, madame?

— Sim, sim. O Timothy morto se interpunha entre nós dois tal como quando estava vivo... mais ainda. Despedimo-nos... para sempre. Às vezes encontro o John Despard por aí. Sorrimos um pro outro, falamos polidamente; ninguém jamais suspeitaria de que houve algo entre nós. Mas eu vejo nos olhos dele... e ele nos meus... que nunca esqueceremos.

Houve uma longa pausa. Poirot prestou homenagem à cena final não interrompendo o silêncio.

Mrs. Luxmore tirou do bolso uma pozeira e retocou o nariz. O encanto se desfez.

— Que tragédia —disse Poirot. mas num tom mais cotidiano.

— Como o senhor vê, Monsieur Poirot — retrucou Mrs. Luxmore, bem séria, — a verdade nunca poderá ser revelada.

— Seria doloroso...

— Seria impossível. Esse seu amigo, esse escritor... ele com certeza não há de querer arruinar a vida de uma mulher completamente inocente?

— Ou mesmo enforcar um homem totalmente inocente? — murmurou Poirot.

— É assim que o senhor encara? Como me alegro. Ele estava inocente. Um crime passionnel não é realmente um crime. E em —

todo caso. foi em legítima defesa. Ele teve que atirar. Então o senhor de fato compreende, Monsieur Poirot, que o mundo deve continuar pensando que o Timothy morreu de febre?

— Os escritores às vezes são curiosamente insensíveis — murmurou Poirot.

— Seu amigo odeia as mulheres? Quer-nos fazer sofrer? Mas o senhor não deve permitir isso. Eu não permitirei. Se necessário, assumirei a própria culpa. Direi que eu matei o Timothy.

Tinha-se levantado. A cabeça estava jogada para trás. Poirot também se levantou.

— Madame — disse, ao tomar-lhe a mão. — um auto-sacrifício tão magnífico é desnecessário. Farei o possível pra que os verdadeiros fatos jamais venham a público.

Um doce sorriso feminino passou pelo rosto de Mrs. Luxmore. Ergueu de leve a mão, para que Poirot, mesmo que não quisesse, se visse forçado a beijá-la.

— Uma mulher desventurada lhe agradece. Monsieur Poirot — disse ela.

Foi a última palavra de uma rainha perseguida ao cortesão favorito — nitidamente uma deixa para a saída de cena. Poirot logo compreendeu. Ao se encontrar de novo na rua, respirou a plenos pulmões o ar livre.

21

O MAJOR DESPARD

— Quelle femme! — murmurou Hercule Poirot. — Ce pauvre Despard! Ce quil a dú souffrir! Quel voyage épouvantable!

E de repente começou a rir.

Agora estava caminhando pela Brompton Road. Parou, tirou o relógio do bolso e fez um cálculo.

— Mas, sim. dá tempo. Em todo caso. esperar não lhe fará mal. Posso agora tratai de outra questãozinha. O que era mesmo que meu amigo da força policial inglesa costumava cantar...há quantos anos... quarenta? "Um torrãozinho de açúcar pro passarinho."

Cantarolando uma melodia há muito esquecida. Hercule Poirot entrou numa loja de aspeto suntuoso, dedicada especialmente a roupas e ao embelezamento geral das mulheres, e dirigiu-se ao balcão de

meias. Escolhendo uma caixa de aspeto simpático e não demasiado altaneiro, explicou o que queria.

— Meias de seda? Oh, sim, temos umas aqui que são ótimas. Seda pura, garantida.

Poirot menosprezou-as com um gesto. Tornou-se mais eloquente.

— Meias de seda francesas? Com os direitos de alfândega, o senhor sabe, ficam muito caras.

Uma nova série de caixas foi mostrada.

— Muito bonitas, mademoiselle, mas estou procurando algo ainda mais delicado.

— Certamente. Temos algumas extra-finas, mas custam uma verdadeira fortuna. E não duram nada. Lógico. São que nem teias de aranha.

— Cest ça. Cest ça exactment.

Desta vez a ausência da jovem foi demorada.

Finalmente voltou.

— Lindas, não? — Retirou-as delicadamente de um envelope diáfano — as meias mais frágeis, mais finas do mundo.

— Enfim... é exatamente isto!

— Bonitas, não? Quantos pares vai levar?

— Eu quero... deixe-me ver... dezenove pares.

A jovem só faltou cair atrás do balcão, mas o longo treinamento no desprezo conseguiu mantê-la a prumo.

— Levando duas dúzias tem desconto — preveniu, com a voz sumida.

— Não, eu quero dezenove pares. De cores ligeiramente diferentes, por favor.

A moça separou-as, obediente, arrumou-as numa pilha e tirou a nota.

Quando Poirot saiu com sua compra, a outra moça no balcão comentou:

— Só queria saber quem é a felizarda! Deve ser um velhote antipático. Ah, paciência, ela parece que aprendeu a manobrá-lo direitinho. Meias a esse preço, francamente!

Inconsciente do mau juízo que faziam de seu carácter, Poirot saiu andando para casa.

Fazia mais ou menos meia hora que havia chegado quando escutou a campainha da porta. Poucos instantes depois o Major Despard entrava na sala. Era óbvio que vinha controlando a raiva com dificuldade.

— Por que diabo o senhor foi visitar a Mrs. Luxmore? — perguntou.

Poirot sorriu.

— Eu queria saber, o senhor vê, a verdadeira história da morte do Professor Luxmore.

— A verdadeira história? Julga-a, então, capaz de contar a verdade sobre o que quer que seja? — retrucou Despard indignado.

— Eh bien, de fato, eu de vez em quando fiquei pensando — confessou Poirot.

— Espero. Aquela mulher é doida.

Poirot protestou.

— De modo algum. É romântica, simplesmente.

— Romântica qual nada. É uma mentirosa descarada. Às vezes acho até que acredita nas próprias mentiras que prega.

— É bem possível.

— Ela é de estarrecer. Sofri o diabo por causa dela lá no Amazonas.

— Isso eu também posso acreditar perfeitamente.

Despard de repente sentou.

— Escute aqui, Monsieur Poirot, eu vou-lhe contar a verdade.

— Quer dizer que me vai dar sua versão da história?

— A minha será a versão verdadeira.

Poirot não replicou. Despard continuou, impassível:

— Eu compreendo muito bem que não posso reivindicar nenhum mérito em revelar uma coisa dessas. Vou contar a verdade porque é a única solução a esta altura. Não posso obrigá-lo a acreditar em mim. Não tenho nada que prove que minha história é a verdadeira.

Parou um instante e depois começou:

— Eu planejei a viagem pros Luxmores. Ele era um velhote simpático, completamente maluco por musgos, plantas e coisas assim. Ela era uma... ora, era o que o senhor sem dúvida teve oportunidade de ver! A viagem foi um pesadelo. Eu não estava dando a mínima bola pra mulher... pra falar a verdade, até antipatizava com ela. Era do tipo intenso, emotivo, que sempre me deixa irritado de tão constrangido. Nos primeiros quinze dias tudo se passou muito bem. Depois nós todos pegamos um pouco de febre. Pra ela e pra mim foi leve. O velho Luxmore ficou malíssimo. Uma noite... agora o senhor tem de ouvir com a máxima atenção... eu estava sentado do lado de fora da minha barraca. De repente vi o Luxmore ao longe cambaleando, pronto pra se embrenhar pela mata à beira do rio. Estava bem delirante e totalmente inconsciente do que estava fazendo. Em poucos segundos cairia dentro do rio, e naquele lugar seria fatal pra ele. Não havia

possibilidade de salvá-lo. Não dava tempo de correr atrás dele, só se podia fazer alguma coisa. Eu tinha a minha espingarda, como sempre, a meu lado. Agarrei-a. Tenho boa pontaria. Estava certo de que poderia derrubar o velhote... acertando na perna. E aí, no momento exato em que atirei, essa burra quadrada da mulher jogou-se não sei donde em cima de mim, aos berros: "Não atire. Pelo amor de Deus, não atire." Pegou-me pelo braço e meio que o desviou, bem de leve, justamente na hora em que apertei o gatilho... com o resultado de que a bala acertou nas costas, matando-o instantaneamente!

"Vou-lhe contar, foi uma cena simplesmente horrível. E essa maldita idiota, mesmo assim, não compreendeu o que fez. Em vez de perceber que tinha sido a responsável pela morte do marido, acreditou piamente que eu estivesse tentando atirar no velhote a sangue-frio... por amor a ela, imagine só! Tivemos uma discussão infernal, ela insistindo que devíamos dizer que ele havia morrido de febre. Fiquei com pena dela, principalmente ao ver que não se dava conta do que havia feito. Mas ela teria que tomar consciência disso, se a verdade viesse a público. E depois a certeza absoluta dela de que eu estava perdidamente apaixonado por ela me causou um efeito meio desagradável. A situação ia ficar muito difícil se saísse por aí espalhando isso aos quatro ventos. No fim concordei em fazer o que ela queria... em parte pra ter um pouco de paz, confesso. Afinal de contas, febre ou acidente, não parecia fazer grande diferença. E eu não queria arrastá-la a uma porção de coisas desagradáveis, ainda que fosse uma maldita idiota. No dia seguinte informei que o professor tinha morrido de febre, e o enterramos. Os carregadores sabiam de tudo é lógico, mas eram muito afeiçoados a mim e logo vi que, se fosse necessário, seriam capazes de jurar que eu havia dito a verdade. Enterramos o coitado do velho Luxmore e voltamos à civilização. Desde então, tenho passado uma boa quantidade de tempo evitando essa mulher.

Fez uma pausa e depois acrescentou, em voz baixa:

— Essa é a minha história, Monsieur Poirot.

— Foi a esse incidente que o Mr. Shaitana se referiu no jantar daquela noite? — perguntou Poirot devagar. — Ou o senhor pensou que fosse?

Despard confirmou.

— Ele deve ter ouvido da Mrs. Luxmore. E bastante fácil arrancar-lhe a história. Esse tipo de coisa o teria divertido.

— Podia ter sido uma história perigosa... pro senhor... nas mãos de

um homem como o Shaitana.

Despard deu de ombros.

— Nunca tive medo dele.

Poirot não retrucou.

Despard prosseguiu em voz baixa:

— Também nisso o senhor precisa acreditar na minha palavra. É bem verdade, suponho, que eu tivesse uma espécie de motivo pra morte de Shaitana. Mas agora o senhor sabe de tudo: tire suas próprias deduções.

Poirot estendeu a mão.

— Já tirei, Major Despard. Não tenho a mínima dúvida de que as coisas na América do Sul aconteceram exatamente como o senhor descreveu.

O rosto de Despard se iluminou.

— Obrigado — disse, lacônico.

E apertou a mão de Poirot com calor.

22

O TESTEMUNHO DE COMBEACRE

O Superintendente Battle encontrava-se na delegacia de polícia de Combeacre. O Inspetor Harper, com o rosto bastante vermelho, falava com voz arrastada, agradável, típica de Devonshire.

— Foi assim que a coisa se passou. Superintendente. Tudo parecia estar exatamente em ordem. O médico declarou-se satisfeito.

Todo mundo se conformou. Por que não?

— Conte-me de novo os fatos sobre as duas garrafas. Quero entender bem direito.

— Xarope de figo... a garrafa era disso. Parece que ela tomava regularmente. Depois tinha a tal tinta de chapéus que andava usando, ou então era a moça. a dama de companhia, que usava pra ela. Pra clarear um chapéu de jardim. Havia sobrado uma boa quantidade, a garrafa quebrou, e a própria Mrs. Benson mandou: "Bota naquela garrafa velha... a do xarope de figo".

Quanto a isso não há dúvida. As empregadas ouviram. A moça. a Miss Meredith, a arrumadeira e a copeira... todas concordam nesse ponto. A tinta de chapéus foi posta na garrafa velha de xarope de ligo e

guardada na prateleira superior do banheiro, no meio de outras bugigangas.

— Não trocaram o rótulo?

— Não. Descuido, naturalmente: o encarregado do inquérito comentou esse fato.

— Continue.

— Nessa determinada noite, a falecida entrou no banheiro, apanhou a garrafa de xarope de figo, serviu-se de uma boa dose, e tomou. Percebeu o que tinha feito e mandou chamar logo o médico.

Ele estava fora, atendendo outro caso, e levou algum tempo até que o localizassem. Fizeram todo o possível mas ela morreu.

— Ela própria acreditou que fosse acidente?

— Ah, sim; todo mundo pensou a mesma coisa. Parece evidente que as garrafas, de certo modo, foram confundidas.

Alguém sugeriu que a arrumadeira, ao tirar o pó, as tivesse trocado de lugar, mas ela jura que não foi ela.

O Superintendente Battle ficou calado, pensando. Uma coisa tão fácil. Uma garrafa tirada de uma prateleira superior, posta no lugar de outra. Tão difícil de relacionar um engano desses com sua origem. Praticado com luvas, provavelmente, e de toda maneira as últimas impressões digitais seriam as da própria Mrs. Benson. Sim, tão fácil — tão simples. Mas, ainda assim, homicídio! O crime perfeito.

Mas por quê? Isso o intrigava — por quê?

— Essa tal moça, essa Miss Meredith, ela não herdou nada com a morte da Mrs. Benson? — perguntou.

O Inspetor Harper sacudiu a cabeça.

— Não. Fazia só umas seis semanas que estava lá. Emprego difícil, a meu ver. De modo geral as moças não duravam muito.

Battle continuava intrigado. As moças não duravam muito tempo. Uma mulher difícil, evidentemente. Mas se Anne Meredith se sentisse insatisfeita, podia ter ido embora, como as precedentes. Não precisava matar — a menos que se tratasse de puro e insensato espírito de vingança. Sacudiu a cabeça. A idéia não lhe parecia verossímil.

— Quem ficou com o dinheiro da Mrs. Benson?

— Não sei dizer, Superintendente. Os sobrinhos, creio. Mas não seria muito... depois da partilha... e ouvi falar que a maior parte da renda dela provinha de uma dessas aposentadorias.

Nada ali, portanto. Mas Mrs. Benson tinha morrido, e Anne Meredith não lhe havia dito que estivera em Combeacre. Era tudo

profundamente insatisfatório.

Fez sindicâncias diligentes e meticulosas. O médico foi claro e enfático. Nenhum motivo para acreditar que não se tratasse de simples acidente. A Miss... não se lembrava mais do nome dela. moça simpática, mas meio atarantada... tinha ficado muito nervosa e angustiada. Falou com o pastor. Ele se lembrava da última dama de companhia... uma moça simpática, de aspeto modesto. Sempre vinha à igreja com Mrs. Benson. A Mrs. Benson tinha sido... não difícil... mas um pouco severa com a mocidade. Era do tipo rígido de cristã.

Battle tentou duas outras pessoas, mas não descobriu nada de valor. Quase ninguém se lembrava de Anne Meredith. Tinha vivido poucos meses entre eles... isso era tudo... e sua personalidade não era suficientemente vivida para causar impressão duradoura. ?Uma coisinha simpática", parecia ser a descrição aceita.

A lembrança de Mrs. Benson ainda pairava com certa clareza. Uma mulher farisaica, com espírito de granadeiro, obrigando as damas de companhia a trabalharem feito escravas e trocando de empregada a toda hora. Uma mulher desagradável, mas era só.

Apesar disso, o Superintendente Battle deixou Devonshire com a nítida impressão de que, por algum motivo ignorado, Anne Meredith tinha assassinado deliberadamente a patroa.

23

O TESTEMUNHO DE UM PAR DE MEIAS DE SEDA

Enquanto o trem do Superintendente Battle cortava a Inglaterra rumo ao leste, Anne Meredith e Rhoda Dawes estavam na sala de visitas de Hercule Poirot.

Anne relutara em aceitar o convite, entregue pelo correio matutino, mas a opinião de Rhoda preponderara.

— Anne, você é covarde... covarde, sim. Não adianta comportar-se feito avestruz, metendo a cabeça na areia. Houve um assassinato e você é uma das suspeitas... a menos plausível, talvez...

— Isso é que é o pior — retrucou Anne, com um toque de humor. — A menos plausível é sempre a que cometeu o crime.

— Mas você é suspeita — continuou Rhoda, sem se incomodar com a interrupção. — E portanto é inútil andar de nariz levantado como se

o assassinato tivesse um cheiro horrível e nada a ver com você.

— E não tem — insistiu Anne. — Digo, estou perfeitamente disposta a responder todas as perguntas que a polícia quiser fazer-me, mas esse homem, esse tal de Hercule Poirot, é um intrumetido.

— E o que é que ele há de pensar se você usar de evasivas e tentar eximir-se disso? Vai pensar que você está carregada de culpa.

— De culpa é que certamente não estou carregada — retrucou Anne friamente.

— Querida, eu sei. Mesmo que você tentasse, não poderia assassinar ninguém. Mas esses horríveis estrangeiros desconfiados não sabem disso. Eu acho que nós devíamos ir direitinho à casa dele. Do contrário ele virá aqui pra procurar arrancar coisas das empregadas.

— Não temos nenhuma empregada.

— Temos a Mãe Astwell. Ela é capaz de dar com a língua nos dentes pra qualquer um! Ande Anne, vamos de uma vez. Vai ser até engraçado, mesmo.

— Não vejo por que ele quer falar comigo — Anne estava obstinada.

— Pra passar a perna na polícia oficial, lógico — disse Rhoda, impaciente. — Sempre fazem isso... os amadores, bem entendido. Pra eles, a Scotland Yard é pura burocracia sem inteligência.

— Você acha esse tal Poirot inteligente?

— Ele não me parece um Sherlock — respondeu Rhoda. — Imagino que tenha sido bastante bom em sua época. Agora já está gagá, claro. Deve andar pelos sessenta, no mínimo. Ah, ande, Anne, vamos de uma vez falar com o velhote. Ele talvez nos conte coisas horrorosas dos outros.

— Está bem — concordou Anne, e acrescentou: — Como você se diverte com tudo isso, hem, Rhoda?

— Acho que é porque não estou metida no fogo — disse Rhoda. — Você foi uma palerma, Anne, em não levantar a cabeça pra olhar bem na hora. Se tivesse feito isso, podia passar o resto da vida feito duquesa, à custa de chantagem.

De maneira que, por volta das três horas da mesma tarde, Rhoda Dawes e Anne Meredith ocupavam recatadamente suas cadeiras na sala bem arrumada de Poirot, tomando sirop de amoras, que simplesmente detestavam, mas eram bem educadas demais para recusar, em cálices antiquados.

— A mademoiselle foi muito gentil em atender meu pedido — disse

Poirot.

— Estou certa de que terei o maior prazer em ajudá-lo de todas as formas que me forem possíveis — murmurou Anne vagamente.

— É uma simples questão de memória.

— Memória?

— Sim, já fiz essas perguntas a Mrs. Lorrimer, ao Dr. Roberts e ao Major Despard. Nenhum deles, infelizmente, me deu a resposta esperada.

Anne continuou a olhá-lo com ar inquisitivo.

— Eu queria que a mademoiselle procurasse lembrar-se daquela noite na sala de estar de Mr. Shaitana.

Uma sombra de cansaço passou pelo rosto de Anne. Nunca se libertaria daquele pesadelo?

Poirot reparou na expressão.

— Eu sei, mademoiselle, eu sei — disse, com bondade. — Cest terrible, cest ce pas? É muito natural. A senhora, jovem como é entrando em contato com o horror pela primeira vez.

Provavelmente nunca tinha ouvido falar nem visto uma morte

Os pés de Rhoda se deslocaram, mal à vontade, no soalho.

— E então? — perguntou Anne.

— Procure lembrar-se. Quero que me diga o que foi que viu naquela sala.

Anne, desconfiada, olhou-o fixamente.

— Não compreendo.

— Mas, sim. As cadeiras, as mesas, a decoração, o papel da parede, as cortinas, os atizadores de fogo. A senhora viu tudo isso. Não poderia descrevê-los?

— Ah, entendo — Anne hesitou, franzindo o cenho. — E difícil. Acho que realmente não me lembro. Não saberia dizer como era o papel das paredes. Creio que eram pintadas... de uma cor discreta. Havia tapetes no soalho. E um piano. — Sacudiu a cabeça, — Realmente, acho que é só o que me lembro.

— Mas a senhora não está-se esforçando, mademoiselle. Deve recordar-se de algum objeto, de algum adorno, de alguma peça de antigüidade.

— Tinha um estojo de jóias egípcias, agora me lembro — disse Anne devagar. — Perto da janela.

— Ah, sim, na outra extremidade da sala, do lado oposto da mesa onde estava a pequena adaga.

Anne olhou para ele.

— Nunca soube que mesa era essa.

Pas si bete, comentou Poirot consigo mesmo. Mas aí, tampouco o é Hercule Poirot! Se me conhecesse melhor, logo veria que nunca armo uma piège tão óbvia assim!

— Um estojo de jóias egípcias, a senhora diz? — perguntou em voz alta.

— Sim — respondeu Anne com certo entusiasmo. — Algumas eram lindas. Azuis e vermelhas. Esmaltadas. Dois anéis muito bonitos. E escaravelhos... mas não gosto tanto assim deles.

— O Mr. Shaitana era um grande colecionador — murmurou Poirot.

— Sim, deve ter sido — concordou Anne. — A sala estava atulhada de coisas. Não se sabia o que olhar primeiro.

— De modo que não pode mencionar nada mais que lhe chamasse especialmente a atenção?

Anne sorriu de leve ao dizer:

— Só um vaso de crisântemos que estava precisando urgentemente que trocassem a água.

— Ah, sim, os criados nem sempre são muito cuidadosos nesse ponto.

Poirot ficou calado um instante.

— Creio que não notei — disse Anne timidamente, — o que o senhor queria que eu tivesse notado... seja lá o que for.

Poirot sorriu, afável.

— Não tem importância, mon enfant. Era, de fato, uma possibilidade remota. Diga-me uma coisa, não tem visto ultimamente o nosso bom Major Despard?

Viu a cor de rosa delicada que surgiu no seu rosto.

— Ele falou que em breve iria visitar-nos de novo — respondeu ela.

— Mas em todo caso não foi ele! — interveio Rhoda impetuosamente. — Anne e eu estamos absolutamente seguras disso.

Poirot piscou-lhes o olho.

— Que sorte... convencer duas moças tão encantadoras de que a gente está inocente.

Ah, meu Deus, pensou Rhoda, ele vai começar com essas maneiras francesas que me deixam tão constrangida.

Levantou-se e começou a examinar umas gravuras na parede.

— Estas são tremendamente boas — comentou.

— Não são ruins — replicou Poirot.
Hesitou, olhando para Anne.

— Mademoiselle — disse, afinal, — gostaria de lhe pedir um grande favor... oh, não tem nada a ver com o crime. É assunto inteiramente íntimo e pessoal.

Anne pareceu um pouco admirada. Poirot continuou falando de modo ligeiramente embaraçoso.

— Sabe o que é? O Natal vem aí. Tenho de comprar presentes pra várias sobrinhas e sobrinhas-netas. E é um pouco difícil adivinhar a preferência das moças nos dias de hoje. Meus gostos, infelizmente, são muito antiquados.

— Sim? — indagou Anne, com amabilidade.

— Meias de seda, agora, são um presente que se recebe com agrado?

— Ah, são, sim, sem dúvida. É sempre agradável ganhar meias.

— A senhora me deixa aliviado. Vou pedir-lhe um favor.

Adquiri algumas de cores diferentes. Tem, acho eu, cerca de quinze ou dezesseis pares. A senhora poderia fazer-me a gentileza de examiná-las e separar meia dúzia de pares que lhe pareçam mais atraentes?

— Claro que sim — respondeu Anne, rindo enquanto levantava-se.

Poirot levou-a a uma mesa numa reentrância da parede — uma mesa cuja desordem contrastava estranhamente, coisa que ela ignorava, com a famosa ordem e asseio de Hercule Poirot. Havia meias amontoadas em pilhas desarrumadas, algumas luvas forradas de pele, calendários, e caixas de bombons.

— Eu mando meus presentes muito à l'avance — explicou Poirot—
Veja, mademoiselle, cá estão as meias. Escolha pra mim, por obséquio, seis pares.

Virou-se, interceptando Rhoda que estava seguindo-o.

— Quanto à mademoiselle aqui, tenho algo especial pra lhe mostrar. Algo que, a meu ver, não interessaria em nada a Mademoiselle Meredith.

— Que é? — exclamou Rhoda.

Ele baixou a voz.

— Um punhal, mademoiselle, com o qual doze pessoas certa vez mataram um homem. Foi-me dado de lembrança pela Compagnie Internationale des Wagons Lits.

— Que horror — exclamou Anne.

— Ah! me mostre — pediu Rhoda.

Poirot saiu conversando com ela.

— A Compagnie Internationale des Wagons Lits me deu porque...
Passaram à outra sala.

Três minutos depois voltaram. Anne aproximou-se deles.

— Acho que essas seis são as mais bonitas, Monsieur Poirot.
Estas duas aqui são excelentes tonalidades pra noite, e esta mais clara seria ótima quando o verão viesse e de noite ainda houvesse a luz do dia.

— Mille remerciements, mademoiselle.

Ofereceu-lhes mais sirop, que recusaram, e finalmente acompanhou-as até a porta, sempre falando com desenvoltura. Quando afinal foram embora, voltou à sala e dirigiu-se logo à mesa em desordem. A pilha de meias continuava posta num monte confuso. Poirot contou os seis pares escolhidos e depois passou a contar os outros.

Tinha comprado dezenove pares. Agora havia apenas dezessete. Sacudiu a cabeça, lentamente.

24

A EXCLUSÃO DE TRÊS ASSASSINOS?

Ao chegar a Londres, o Superintendente Battle foi diretamente à casa de Poirot. Anne e Rhoda já haviam saído há mais ou menos uma hora.

Sem maiores cerimônias, o Superintendente narrou o resultado de suas averiguações em Devonshire.

— Estamos na pista... não há dúvida nenhuma — concluiu.

— Isso era o que Shaitana visava, com aquela história de "acidente doméstico". Mas o que me intriga é o motivo. Por que ela quis matar a mulher?

— Quanto a isso, acho que posso ajudá-lo, meu amigo.

— Fale logo, Monsieur Poirot.

— Hoje de tarde efetuei uma pequena experiência. Persuadi a mademoiselle e a amiga dela a me visitarem. Formulei-lhes as minhas perguntas habituais a respeito do que havia na sala aquela noite.

Battle olhou-o com curiosidade.

— O senhor é muito insistente nessas perguntas.

— Sim, ela é útil. Revela uma porção de coisas. Mademoiselle Meredith ficou desconfiada. Desconfiadíssima. Aquela moça não se

fia de nada. De maneira que aquele cão amestrado, Hercule Poirot, recorre a um de seus truques. Arma uma cilada primária, de amator. Mademoiselle menciona um estojo de jóias. Não estava na extremidade oposta da sala, do outro lado da mesa com o punhal? pergunto. A mademoiselle não cai na armadilha. Evita-a habilmente. Depois, fica satisfeita consigo mesma e diminui a vigilância.

Então é esse o objetivo da visita! Fazê-la confessar que sabia onde estava o punhal e que tinha reparado nele! Sua disposição se anima ao imaginar que me derrotou. Fala com grande desembaraço sobre as jóias. Notou vários detalhes. Não há mais nada na sala de que se lembre... exceto um vaso de crisântemos, que precisava ter trocada a água.

— E daí? — perguntou Battle.

— Daí que isso é significativo. Vamos supor que não soubéssemos de nada sobre essa moça. As palavras dela nos dariam uma pista sobre seu caráter. Ela repara em flores... então gosta muito de flores? Não, pois não menciona um imenso vaso de tulipas fora de estação que imediatamente atrairia a atenção de uma apreciadora de flores. Não, quem fala é a dama de companhia... a moça cujo dever tem sido pôr água fresca nos vasos... e, ao mesmo tempo, a moça que gosta e repara em jóias. Isso não é, ao menos, sugestivo?

— Ah — exclamou Battle. — Estou começando a ver aonde o senhor quer chegar.

— Exatamente. Como lhe disse outro dia, eu coloco minhas cartas na mesa. Quando o senhor contou a história dela outro dia e Mrs. Oliver fez aquela revelação assombrosa, meu espírito logo se concentrou num ponto importante. O crime não podia ter sido cometido por intuito de lucro, uma vez que Miss Meredith precisou continuar ganhando a vida depois que ele aconteceu. Por quê, então? Considerei o temperamento de Miss Meredith, tal como parecia superficialmente. Uma moça meio tímida, pobre, mas bem vestida, apreciadora de coisas bonitas. O temperamento de uma ladra, não é mesmo, em vez de uma assassina? E imediatamente perguntei se Mrs. Eldon havia sido uma mulher ordeira. O senhor respondeu que não, que não havia sido. Formei uma hipótese. Suponhamos que a Anne Meredith fosse uma moça com um traço de fraqueza no caráter... o tipo de moça que tira pequenas coisas das grandes lojas. Suponhamos que, pobre, e no entanto apreciando coisas bonitas, tivesse furtado, uma ou duas vezes, coisas da patroa. Um broche, talvez; uma meia-

coroa aqui, outra lá; um colar de contas. Mrs. Eldon, descuidada, relaxada, atribuiria esses desaparecimentos a seu próprio descuido. Não desconfiaria da delicada governantazinha.

Mas suponhamos agora um tipo diferente de patroa... uma patroa que notasse... que acusasse Anne Meredith de ladra. Isso constituiria um motivo possível pra assassinato. Como eu disse a outra noite, Miss Meredith só cometeria um crime por medo. Ela sabe que sua patroa pode provar o roubo; existe apenas uma coisa capaz de salvá-la... a patroa tem que morrer. E assim ela troca as garrafas, e Mrs. Benson morre, por incrível que pareça, convencida de que o erro foi dela mesma e sem suspeitar, nem por um instante, que aquela moça intimidada, amedrontada, tivesse algo a ver com a história.

— É possível — disse o Superintendente Battle. — Trata-se apenas de uma hipótese, mas é possível.

— É um pouco mais que possível, meu amigo, é também provável. Porque hoje de tarde eu armei uma pequena cilada, preparada com todo o carinho... a verdadeira cilada, depois que a falsa havia falhado. Se o que desconfio for verdade, a Anne Meredith nunca, jamais será capaz de resistir a um par de meias realmente caro! Peço a ela pra me ajudar. Deixo-a perceber, sutilmente, que não tenho certeza da quantidade exata de meias que comprei. Saio da sala, abandonando-a sozinha... e o resultado, meu amigo, é que agora estou com dezessete pares de meia em lugar de dezenove, e esses dois pares foram-se embora na bolsa da Anne Meredith.

— Fiu! — assobiou o Superintendente Battle. — Mas como ela se arrisca!

— Pas du tout. Do que é que ela imagina que eu a julgo capaz? De homicídio. Qual o risco, pois, em roubar um ou dois pares de meias de seda? Não ando à procura de uma ladra. E de mais a mais, a ladra, ou a cleptomaníaca, sempre age da mesma forma, convencida de que sairá ileso.

Battle concordou.

— Isso é bem verdade. Incrivelmente burra. Tantas vezes o jarro vai à fonte que um dia quebra. Bom, eu acho que nós dois chegamos à verdade com bastante clareza. A Anne Meredith é surpreendida roubando em flagrante. A Anne Meredith trocou a garrafa de uma prateleira pra outra. Sabemos que foi assassinato mas duvido que algum dia possamos provar. Crime vitorioso número dois. O Roberts sai ileso. A Anne Meredith também. Mas e o Shaitana? Foi a Anne

Meredith quem matou o Shaitana?

Permaneceu um instante calado e depois sacudiu a cabeça.

— Não dá certo — confessou, relutante. — Ela não é de se arriscar. Trocar duas garrafas, ainda vá. Sabia que ninguém iria atribuir a ela. Era absolutamente seguro, porque qualquer pessoa podia ter feito o mesmo! Lógico, talvez desse tudo errado. Mrs. Benson podia ter notado antes de beber o negócio, ou até não morrer daquilo. Foi o que eu chamo homicídio esperançoso. Tanto podia dar certo como não. Na realidade deu. Já o Shaitana era um caso totalmente diverso. Aquilo foi crime deliberado, audacioso, proposital.

Poirot aquiesceu com a cabeça.

— Concordo com o senhor. Os dois tipos de crime não são iguais.

Battle cocou o nariz.

— De modo que, no que diz respeito ao Shaitana, parece que ela está eliminada. O Roberts e a moça, ambos riscados da nossa lista. E o Despard? Teve sorte com a tal Luxmore?

Poirot descreveu suas aventuras na tarde anterior. Battle sorriu.

— Conheço o gênero. Não se consegue diferenciar entre o que lembram e o que inventam.

Poirot continuou. Descreveu a visita de Despard e a história que este último lhe contara.

— Acredita nele? — perguntou Battle abruptamente.

— Acredito, sim.

Battle suspirou.

— Eu também. Não é tipo pra matar um homem só por querer a mulher dele. Afinal, pra que existe o tribunal de divórcio? Todo mundo corre pra lá, e ele não é um sujeito de profissão definida; não o arruinaria, nem nada semelhante. Não, sou da opinião que o nosso pranteado Mr. Shaitana se enganou redondamente nesse caso. O assassino número três, no fim das contas, não era nenhum criminoso.

Olhou para Poirot.

— De modo que resta...?

— A Mrs. Lorrimer — respondeu Poirot.

O telefone tocou. Poirot levantou-se e foi atender. Disse algumas palavras, esperou, e tornou a falar. Depois pendurou o fone no gancho e voltou para junto de Battle.

Estava seríssimo.

— Era a Mrs. Lorrimer — explicou. — Pediu-me pra ir falar com ela... agora.

Os dois se entreolharam. O Superintendente sacudiu lentamente a cabeça.

— Ou muito me engano, ou o senhor já esperava algo parecido?

— Não sei — retrucou Hercule Poirot. — Gostaria de saber. Mas não sei.

— É melhor ir de uma vez — aconselhou Battle. — Talvez consiga, enfim, apurar a verdade.

25

MRS. LORRIMER FALA

O dia não estava ensolarado e a sala de Mrs. Lorrimer dava impressão de escura e sombria. Ela própria mostrava-se circunspecta e parecia bem mais velha do que na ocasião da última visita de Poirot.

Recebeu-o com a habitual segurança sorridente.

— O senhor foi muito amável em vir tão prontamente, Monsieur Poirot. Sei que é uma pessoa ocupada.

— Às suas ordens, madame — disse Poirot, com uma pequena mesura.

Mrs. Lorrimer apertou a campainha perto da lareira.

— Vão trazer-nos o chá. Não sei sua opinião, mas sempre acho mal entrar logo em confidências sem antes preparar um pouco o terreno.

— Trata-se, pois, de confidências, madame?

Mrs. Lorrimer não respondeu porque nesse momento a empregada atendeu o chamado. Depois de receber o pedido e tornar a sair, Mrs. Lorrimer continuou, impassível:

— Se bem me lembro, da última vez que estive aqui, o senhor disse que viria se eu o chamasse. Imagino que faça idéia do motivo que me levou a mandar chamá-lo?

Por enquanto, era só. Trouxeram o chá. Mrs. Lorrimer serviu-o, discorrendo inteligentemente sobre vários tópicos do dia.

Aproveitando uma pausa, Poirot observou:

— Soube que a senhora e a pequena Miss Meredith tomaram chá juntas outro dia.

— De fato. O senhor a tem visto ultimamente?

— Ainda hoje à tarde.

Então ela está em Londres ou o senhor foi a Wallingford?

Não, ela e a amiga tiveram a gentileza de me fazer uma visita.

— Ah, a amiga. Não a conheço.

— Esse crime... — disse Poirot, com leve sorriso, — motivou um rapprochement. A senhora e a Mademoiselle Meredith tomam chá juntas. O Maior Despard também trava relações com a Miss Meredith. O Dr. Roberts talvez seja o único que tenha ficado de fora. — Outro dia me encontrei com ele jogando brídge — disse Mrs. Lorrimer. — Parecia continuar com a mesma disposição de costume.

— Sempre apaixonado pelo brídge?

— Sim... sempre fazendo as declarações mais despropositadas... e muitas vezes saindo-se bem delas.

Ficou um momento calada e depois perguntou:

— Tem falado com o Superintendente Battle ultimamente?

— Hoje à tarde, também. Ele estava comigo quando a senhora telefonou.

Protegendo-se do fogo com a mão no rosto, Mrs. Lorrimer indagou:

— Como vão as sindicâncias dele?

— Ele não é muito rápido, o bom Battle — respondeu Poirot, sério.

— Faz progressos lentos, madame, mas no fim sempre acaba descobrindo.

— Será? — os lábios se encresparam num sorriso ligeiramente irônico. Prosseguiu: — Ele se dedicou a investigar minha vida com muita atenção. Acho que sondou meu passado desde a juventude. Entrevistou meus amigos e palestrou com minhas empregadas... as que tenho agora e as que trabalharam pra mim em anos anteriores. Não sei o que pretendia descobrir, mas certamente não descobriu. Seria melhor que tivesse acreditado no que lhe contei. Era a verdade. Eu conhecia o Mr. Shaitana apenas de vista. Encontrei-o pela primeira vez em Luxor, conforme disse, e nossas relações nunca passaram da mera cordialidade. O Superintendente Battle não poderá afastar-se desses fatos.

— Talvez não — retrucou Poirot.

— E o senhor, Monsieur Poirot? Não fez nenhuma sindicância?

— Sobre a senhora, madame?

— Isso mesmo.

O homenzinho sacudiu devagar a cabeça.

— Não adiantaria nada.

— O que é que o senhor quer dizer com isso, exatamente, Monsieur

Poirot?

— Serei bem franco, madame. Compreendi desde o início das quatro pessoas presentes na sala do Mr. Shaitana aquela noite, a mais inteligente, a mais calma, a de cabeça mais fria, era a senhora, madame. Se eu tivesse que apostar sobre a possibilidade de um dos quatro planejar um assassinato e sair totalmente impune, seria na senhora que colocaria meu dinheiro.

As sobrancelhas de Mrs. Lorrimer arquearam.

— Devo sentir-me lisonjeada com isso? — perguntou, impassível.

Poirot continuou, sem prestar atenção à interrupção.

— Pra um crime dar certo, em geral é necessário considerar todos os detalhes antecipadamente. Todas as contingências possíveis precisam ser levadas em conta. A escolha do momento tem que ser exata. O lugar precisa estar escrupulosamente correto. O Dr. Roberts podia deitar um crime a perder por excesso de pressa e confiança em si mesmo; o Major Despard provavelmente seria demasiado prudente pra cometê-lo; Miss Meredith era capaz de perder a cabeça e denunciar-se. A senhora, madame, não faria nada disso. Conservaria a cabeça fria e calma; possui um caráter suficientemente resoluto e poderia estar suficientemente obcecada por uma idéia a ponto de desprezar a prudência. A senhora não é o tipo de mulher que perde a cabeça.

Mrs. Lorrimer permaneceu um instante em silêncio, com um estranho sorriso pairando nos lábios. Por fim disse:

— Então essa é a opinião que o senhor tem de mim, Monsieur Poirot... que sou o tipo de mulher capaz de cometer o crime perfeito.

— A senhora teve, pelo menos, a amabilidade de não ficar ressentida com a idéia.

— Considero-a muito interessante. De maneira que, na sua opinião, eu seria a única pessoa que podia ter assassinado o Shaitana com êxito.

— Quanto a isso, madame — retrucou Poirot, hesitante, — há uma dificuldade.

— É mesmo? Diga qual, por favor.

Talvez tenha notado que há pouco eu disse uma frase mais ou menos assim: Pra um crime dar certo, em geral é necessário planejar com cuidado todos os detalhes antecipadamente. Quero chamar sua atenção pra esse "em geral". Porque existe outro tipo de crime que dá certo. A senhora nunca pediu de repente pra alguém: "Atira uma pedra pra ver

se acerta naquela árvore", e a pessoa obedece imediatamente, sem pensar... e quantas vezes, surpreendentemente, de fato acerta na árvore? Mas quando se trata de repetir o gesto, não é tão fácil, porque a pessoa começou a pensar. "Assim, com força... não tanta... um pouco mais à direita... à esquerda." A primeira vez foi uma ação quase inconsciente, o corpo obedecendo ao espírito, tal como faz um corpo de animal. Eh bien, madame, há um tipo de crime assim... um crime cometido sem premeditação... uma inspiração... um rasgo de gênio... sem tempo pra parar nem pensar. E esse, madame, foi o tipo de crime que matou o Mr. Shaitana. Uma terrível necessidade súbita, um lampejo de inspiração, e uma execução rápida. Sacudiu a cabeça.

— E esse, madame, não é, de modo algum, o seu tipo de crime. Se a senhora matasse o Mr. Shaitana, teria que ser um crime premeditado.

— Compreendo. — Acenou de leve a mão, de um lado para outro, afastando do rosto o calor do fogo. — E, naturalmente, não tendo sido um crime premeditado, eu não o poderia ter cometido... não é, Monsieur Poirot?

Poirot fez uma mesura.

— Exatamente, madame.

— E no entanto — curvou-se para a frente; a mão que acenava parou, —fui eu que matei o Shaitana, Monsieur Poirot...

26

A VERDADE

Houve uma pausa... uma pausa interminável. A sala estava ficando escura. O fogo na lareira saltava e palpitava.

Mrs. Lorrimer e Hercule Poirot só olhavam as chamas, evitando entreolhar-se. Era como se o tempo estivesse momentaneamente suspenso. Depois Hercule Poirot suspirou e remexeu-se no assento.

— Quer dizer então que foi isso... o tempo todo. Por que a senhora o matou, madame?

— Eu acho que o senhor sabe, Monsieur Poirot.

— Porque ele descobrira algo a seu respeito? Uma coisa que aconteceu há muito tempo?

— Sim.

— E isso foi... outra morte, madame?

Ela curvou a cabeça.

— Por que me contou? — perguntou Poirot, delicadamente.

— O que a levou a mandar chamar-me hoje?

— O senhor tinha dito que um dia eu havia de chamá-lo.

— Sim... quer dizer, eu esperava... eu sabia, madame, que só havia um meio de descobrir a verdade no que diz respeito à senhora: pela sua livre e espontânea vontade. Se a senhora não quisesse falar, não falaria, e nunca se denunciaria. Mas havia uma possibilidade... de que a senhora mesma talvez quisesse falar.

Mrs. Lorrimer concordou.

— O senhor foi inteligente em prever isso... o cansaço, a solidão...

A voz sumiu.

Poirot olhou-a com curiosidade.

— Então tem sido assim? É, posso compreender perfeitamente.

— Ninguém sabe o que isso significa, a menos que tenham vivido, como eu vivi, com a consciência do que a gente fez.

— Se não julga uma impertinência, madame, permita-me que lhe ofereça a minha simpatia? — perguntou Poirot gentilmente.

Ela inclinou um pouco a cabeça.

— Obrigada, Monsieur Poirot.

Houve outra pausa; depois Poirot, falando em tom ligeiramente mais vivo, perguntou:

— Devo entender, madame, que a senhora tomou as palavras que Mr. Shaitana pronunciou durante o jantar como uma ameaça direta que visava a senhora?

Ela confirmou.

— Percebi logo que ele estava falando de maneira que só uma pessoa compreendesse. Essa pessoa era eu. A referência ao veneno como arma feminina se dirigia a mim. Ele sabia. Eu já havia desconfiado numa ocasião anterior. Ele tinha desviado a conversa para um determinado julgamento famoso e vi que os olhos dele me observavam. Possuíam uma espécie de sagacidade incrível. Mas é lógico que naquela noite fiquei absolutamente certa.

— E tinha certeza, também, das futuras intenções dele.

Mrs. Lorrimer continuou, impassível:

— Era pouco provável que a presença do Superintendente Battle e do senhor fossem uma coincidência. Imaginei que o Shaitana fosse alardear a própria esperteza, ressaltando a ambos que havia descoberto algo de que ninguém mais suspeitava.

— Quando foi que a senhora resolveu agir, madame?
Mrs. Lorrimer hesitou um pouco.
— É difícil lembrar com exatidão o momento em que a idéia me passou pela cabeça — respondeu. — Eu tinha reparado no punhal antes de irmos jantar. Quando voltamos à sala, agarrei-o e escondi-o na manga. Ninguém viu. Disso eu me certifiquei.
— Madame, sem dúvida, procedeu com extrema destreza.
— Então decidi exatamente o que ia fazer. Bastava apenas executar o plano. Era arriscado, talvez, mas achei que valia a pena tentar.
— Foi aí que entrou em jogo a sua calma, a sua vitoriosa ponderação das possibilidades. Sim, imagino perfeitamente.
— Começamos a jogar bridge — continuou Mrs. Lorrimer. A voz era fria, sem emoção. — Afinal surgiu a oportunidade. Eu era o "morto". Perambulei pela sala até me aproximar da lareira. O Shaitana tinha ferrado no sono. Olhei para os outros. Estavam todos atentos ao jogo. Inclinei-me e... fiz a coisa...
A voz estremeceu um pouco, mas logo em seguida recuperou a fria distância.
— Eu falei com ele. Ocorreu-me que isso me forneceria uma espécie de álibi. Fiz uma observação qualquer sobre o fogo e depois esperei, fingindo que ele respondia e continuei de novo, dizendo algo assim: "Concordo com o senhor. Eu também não gosto de estufas."
— Ele não gritou nada?
— Creio que soltou um pequeno gemido... mas foi só. A certa distância podia ser confundido com palavras.
— E depois?
— Depois voltei à mesa do bridge. Estavam jogando a última vaza.
— E a senhora sentou e recomeçou a jogar?
— Sim.
— Com suficiente interesse no jogo pra ser capaz de me reconstituir quase todas as declarações e mãos dois dias mais tarde.
— Sim — disse Mrs. Lorrimer simplesmente.
— Épatant! — exclamou Hercule Poirot.
Recostou-se na cadeira. Acenou com a cabeça diversas vezes para frente e para trás. Depois, para variar, sacudiu-a para os lados.
— Mas tem ainda uma coisa que não entendo, madame.
— Qual?
— Me parece que há um fator qualquer que perdi. A senhora é uma mulher que considera e pondera tudo com o máximo cuidado. Decide

que, por uma determinada razão, vai correr um risco enorme. A senhora, mesmo assim, se arrisca... com êxito. E depois, menos de duas semanas mais tarde, muda de idéia. Francamente, madame, isso não me parece verossímil.

Um sorrisinho esquisito torceu os lábios dela.

— O senhor tem toda a razão, Monsieur Poirot. Há um fator que o senhor desconhece. Miss Meredith não lhe contou onde me encontrou outro dia?

— Acho que ela disse que foi perto do apartamento de Mrs. Oliver.

— Creio que sim. Mas eu me refiro ao nome da rua. Anne Meredith me encontrou na Harley Street.

Ah! — olhou-a atentamente. — Começo a compreender. Sim, logo vi que o senhor compreenderia. Eu tinha ido lá consultar um especialista. Ele confirmou o que eu já meio que desconfiava.

Seu sorriso aumentou. Já não era torcido nem amargo, subitamente era doce.

— Não jogarei bridge por muito, tempo mais, Monsieur Poirot. Oh! ele não disse isso com tanta clareza assim. Disfarçou um pouco a verdade. Com grande cuidado, etcétera, posso viver vários anos. Mas eu não vou tomar nenhum grande cuidado. Não sou desse tipo de mulher.

— Sim, sim, começo a perceber — disse Poirot.

— Sempre faz uma diferença, entende? Um mês... dois meses talvez... não mais. E aí então, justamente quando eu saía do especialista, enxerguei a Miss Meredith. Convidei-a a tomar chá comigo.

Parou e depois prosseguiu:

— Não sou, afinal de contas, uma mulher totalmente perversa. Todo o tempo que estávamos tomando chá, eu fiquei pensando. Com a minha ação daquela noite eu havia, não só tirado a vida do tal Shaitana, fato consumado e que não poderia ser desfeito, como também afetado desfavoravelmente, de várias maneiras, a vida de três outras pessoas. Por causa do que eu tinha feito, o Dr. Roberts, o Major Despard e a Anne Meredith, nenhum dos quais me tinham prejudicado de modo algum, estavam passando por uma prova tremenda e talvez, inclusive, corressem perigo. Isso, pelo menos, eu poderia remediar. Não creio que me sentisse especialmente comovida com a situação do Dr. Roberts ou do Major Despard... embora os dois tivessem, presumivelmente, um período de vida muito mais longo pela frente do

que eu. Eram homens e, até certo ponto, saberiam cuidar de si próprios. Mas quando olhei pra Anne Meredith...

Hesitou, depois continuou devagar:

— A Anne Meredith era apenas uma moça. Tinha toda a vida pela frente. Essa história miserável seria capaz de lhe arruinar a vida. A idéia não me agradou. E aí então, Monsieur Poirot, com esses pensamentos me devorando o cérebro, percebi que o que o senhor insinuara tinha-se convertido em realidade. Eu não ia ser capaz de guardar silêncio. Hoje de tarde lhe telefonei...

Os minutos passaram. Hercule Poirot curvou-se para a frente. Olhou fixa, deliberadamente, para a tristeza que se formava em torno de Mrs. Lorrimer. Ela retribuiu aquele olhar intenso em silêncio e sem o mínimo nervosismo.

— Mrs. Lorrimer — disse ele, afinal. — A senhora tem certeza... certeza absoluta, e a senhora vai dizer-me a verdade, não vai, de que o assassinato do Mr. Shaitana não foi premeditado? Não é fato que a senhora o planejou com antecedência? Que foi pra aquele jantar com o crime já traçado no espírito?

Mrs. Lorrimer fitou-o um instante e depois sacudiu a cabeça abruptamente.

— Não — respondeu.

— A senhora não planejou o crime com antecedência?

— Absolutamente.

— Então... nesse caso... Ah! a senhora está-me mentindo... tem que estar...

A voz de Mrs. Lorrimer cortou o ar feito gelo.

— Francamente, Monsieur Poirot, o senhor está sendo inconveniente.

O homenzinho saltou em pé. Pôs-se a percorrer a sala de um lado a outro, resmungando sozinho, soltando exclamações. De repente perguntou:

— Permite?

E indo até o interruptor, acendeu a luz.

Voltou, sentou na cadeira, pousou as duas mãos nos joelhos e olhou fixamente para a anfitriã.

— A questão é: será que Hercule Poirot pode estar enganado?

— Ninguém pode ter sempre razão — retrucou Mrs. Lorrimer com frieza.

— Eu posso — afirmou Poirot. — Sempre tenho razão. E tão

constante que chego a me assombrar. Mas agora, ao que parece, e parece muito mesmo, estou enganado. E isso me preocupa. É de se presumir que a senhora saiba o que está dizendo. O crime é seu!

Fantástico, então, que Hercule Poirot saiba melhor do que a senhora a maneira como o cometeu.

— Fantástico e totalmente absurdo — disse Mrs. Lorrimer com frieza ainda maior.

— Então estou louco. Decididamente, estou louco. Não...sacré nom d'un petit bonhomme... não estou não! Tenho razão. Tenho que ter. Estou disposto a crer que a senhora matou o Mr. Shaitana... mas não pode ter sido do modo que diz. Ninguém faz uma coisa que não está dans son caractère!

Fez uma pausa. Mrs. Lorrimer respirou com raiva e mordeu os lábios. Ia falar, mas Poirot antecipou-se.

— Ou o assassinato do Shaitana foi planejado antecipada mente... ou então a senhora não o matou de jeito nenhum!

— Acredito realmente que o senhor esteja louco, Monsieur Poirot — retrucou Mrs. Lorrimer com veemência. — Se decidi confessar o crime, não é possível que vá mentir quanto ao modo de cometê-lo. Qual seria a vantagem de uma coisa dessas?

Poirot levantou-se de novo e deu uma volta ao redor da sala.

Quando retornou à sua cadeira, mudou de atitude. Foi delicado e bondoso.

— A senhora não matou o Shaitana — disse baixinho. — Agora entendo. Vejo tudo. A Harley Street. E a pequena Anne Meredith, parada, tristonha, na calçada. E vejo, também, outra moça... há muitos anos. Uma moça que passou a vida sempre sozinha, terrivelmente só. Sim, vejo tudo isso. Mas há uma coisa que não entendo... por que tem tanta certeza de que foi a Anne Meredith?

— Francamente, Monsieur Poirot...

— É absolutamente inútil protestar, ainda mentir mais pra mim, madame. Estou-lhe dizendo que sei a verdade. Sei, inclusive, as emoções que a assaltaram aquele dia na Harley Street. A senhora não teria feito isso pelo Dr. Roberts... oh, não! Não teria feito pelo Major Despard non plus. Mas Anne Meredith é caso diferente. Sentiu compaixão por ela porque ela fez o que a senhora já tinha feito. A senhora nem sequer sabe... ou pelo menos imagino... que motivo ela teve pro crime. Mas tem certeza absoluta de que foi ela. A senhora já tinha naquela primeira noite, na noite do próprio crime, quando o

Superintendente Battle a convidou a dar sua opinião sobre o caso. Sim, vê como sei de tudo? É totalmente inútil continuar mentindo pra mim. A senhora compreende, não é?

Esperou pela resposta, mas não houve nenhuma. Sacudiu a cabeça, satisfeito.

— Sim, a senhora é sensata. Ainda bem. Foi uma ação muito nobre que a senhora quis praticar, madame, assumir a própria culpa e deixar essa criança escapar.

— O senhor esquece — disse Mrs. Lorrimer, com voz impassível, — que não sou uma mulher inocente. Anos atrás, Monsieur Poirot, eu matei meu marido.

Fez-se novo silêncio.

— Compreendo — disse Poirot. — É justo. Afinal de contas, não deixa de ser justo. A senhora tem o espírito lógico. Está disposta a expiar o ato que cometeu. Crime é crime... não importa qual seja a vítima. Madame, a senhora é corajosa e perspicaz. Mas eu lhe pergunto mais uma vez: Como pode ter tanta certeza? Como é que a senhora sabe que foi a Anne Meredith que matou o Mr. Shaitana?

Mrs. Lorrimer deixou escapar um suspiro profundo. Suas últimas resistências tinham caído diante da insistência de Poirot. Respondeu a pergunta da maneira mais simples, como uma criança.

— Porque vi.

27

A TESTEMUNHA OCULAR

De repente Poirot deu uma risada. Não pôde evitar. Jogou a cabeça para trás e sua estridente gargalhada gaulesa sacudiu a sala.

— Pardon, madame — pediu, enxugando os olhos. — Não pude conter-me. Cá estamos a discutir e a raciocinar! A fazer perguntas! A recorrer à psicologia... e o tempo todo havia uma testemunha ocular do crime. Conte-me, por favor.

— Já era bastante tarde. A Anne Meredith estava servindo de "morto". Ela se levantou, examinou a mão do parceiro e depois perambulou pela sala. A mão não era muito interessante... a conclusão era inevitável. Não precisei concentrar-me nas cartas. Quando chegamos às três últimas vazas, olhei em direção da lareira. Vi a Anne Meredith curvada sobre o Mr. Shaitana. Enquanto eu observava, ela se

endireitou... a mão dela tinha estado realmente no peito dele... um gesto que despertou minha surpresa. Ela se endireitou e enxerguei-lhe o rosto e o rápido olhar que lançou pro nosso lado. Culpa e medo... foi o que li no seu rosto. Eu, naturalmente, ignorava a essa altura o que havia acontecido. Fiquei apenas pensando que diabo seria que ela podia ter feito. Depois... soube.

Poirot aquiesceu com a cabeça.

— Mas ela não sabia que a senhora sabia. Ela não sabia que a senhora tinha visto?

— Pobrezinha — disse Mrs. Lorrimer. — Moça, assustada... ainda com toda a vida pela frente. O senhor se admira que eu...bem, contivesse a língua?

— Não, não, não me admiro, não.

— Sobretudo sabendo que eu... que eu própria... — terminou a frase encolhendo os ombros. — Não seria eu, certamente, que iria servir de acusadora. Isso competia à polícia.

— De fato, mas hoje a senhora foi muito mais longe do que isso.

— Nunca fui uma mulher sensível ou compassiva — disse Mrs. Lorrimer com tristeza, — mas suponho que essas qualidades cresçam à medida que a gente envelhece. Asseguro-lhe que não são muitas as vezes que sou movida pela piedade.

— Ela nem sempre é um guia seguro, madame. A mademoiselle é jovem, é frágil, parece tímida e amedrontada... oh, sim, ela dá impressão de ser bem digna de compaixão. Mas eu não concordo. Quer que lhe diga, madame, por que a Miss Anne Meredith matou o Mr. Shaitana? Foi porque ele sabia que ela já havia matado antes uma senhora idosa, a quem servia de dama de companhia... porque essa senhora tinha-lhe descoberto um pequeno roubo.

Mrs. Lorrimer fez uma expressão de espanto.

— Isso é verdade, Monsieur Poirot?

— Quanto a isso não tenho a mínima dúvida. É tão delicada... tão gentil... a gente diria. Pois sim! Ela é perigosa, madame, a nossa Mademoiselle Anne! Quando se trata de sua própria segurança, de seu próprio conforto, ela ataca desesperadamente, à traição. Com a Mademoiselle Anne, esses dois crimes não serão os últimos. Eles lhe darão confiança.

— O que o senhor está dizendo é horrível, Monsieur Poirot

— disse Mrs. Lorrimer, com veemência. — Horrível!

Poirot levantou-se.

— Madame, peço-lhe agora licença pra me retirar. Pense bem no que lhe disse.

Mrs. Lorrimer parecia meio incerta. Numa tentativa de recobrar a velha pose, advertiu:

— Se me convier, Monsieur Poirot, negarei tudo o que acabamos de conversar. O senhor não tem testemunhas, lembre-se. O que lhe falei há pouco sobre o que vi naquela noite fatídica deve ficar... bem, só entre nós.

— Nada será feito sem seu consentimento, madame — afirmou Poirot gravemente. —E tranquilize-se, tenho meus próprios métodos. Agora que sei aonde quero chegar...

Tomou-lhe a mão e aproximou-a dos lábios.

— Permita-me dizer-lhe, madame, que a senhora é uma criatura realmente extraordinária. Toda a minha homenagem e respeitos. Sim, palavra, uma mulher entre mil. Que estou dizendo, a senhora nem sequer tentou fazer o que novecentas e noventa e nove mulheres não teriam hesitado em fazer.

— O quê?

— Contar-me o motivo exato por que matou seu marido... e a plena justificação desse procedimento!

Mrs. Lorrimer empertigou-se toda.

— Sinceramente, Monsieur Poirot — declarou, altiva, — os meus motivos não são da conta de mais ninguém a não ser eu.

— Magnifique! — exclamou Poirot, e erguendo-lhe mais uma vez a mão aos lábios, saiu da sala.

Fora da casa estava frio. Olhou para ambos os lados à procura de um táxi, mas não havia nenhum à vista. Começou a andar na direção da Kings Road. Enquanto caminhava, ia pensando. De vez em quando aquiescia com a cabeça. Uma vez sacudiu-a.

Olhou para trás por cima do ombro. Alguém subia a escada da casa de Mrs. Lorrimer. O vulto se assemelhava muito ao de Anne Meredith. Hesitou um instante, não sabendo se devia voltar ou não, mas por fim seguiu adiante.

Ao chegar a casa, viu que Battle tinha ido embora sem deixar recado. Ligou logo para o Superintendente.

— Alô. — Era a voz de Battle. — Descobriu alguma coisa?

— Je crois bien. Mon ami, temos que ir atrás da tal de Meredith... e com urgência.

— Já estou atrás dela... mas por que essa pressa?

— Porque, meu amigo, ela pode ser perigosa.
Battle ficou um instante calado. Depois disse:
— Sei o que o senhor quer dizer. Mas não há ninguém... Bem, paciência, não nos devemos arriscar. Pra falar a verdade, escrevi a ela. Uma nota oficial, avisando que vou visitá-la amanhã. Achei que talvez fosse bom assustá-la.
— Pelo menos é uma possibilidade. Posso ir junto?
— Evidentemente. É uma honra ter sua companhia, Monsieur Poirot.
Poirot desligou o telefone com o rosto pensativo.
Seu espírito não estava completamente sossegado. Ficou muito tempo sentado diante do fogo, franzindo a testa. Por fim, pondo de lado receios e dúvidas, foi dormir.
— Amanhã de manhã nos veremos — murmurou.
Mas não tinha a menor idéia do que a manhã lhe reservava.

28

SUICÍDIO

A notícia chegou pelo telefone, no momento em que Poirot estava sentado, tomando café com pão. Tirou o fone do gancho e ouviu a voz de Battle.
— Monsieur Poirot?
— Sim, sou eu. Quest ce quil y a?
A mera inflexão da voz do Superintendente já lhe dizia que algo tinha acontecido. Suas vagas apreensões voltaram a manifestar--se.
— Mas diga logo, meu amigo.
— E a Mrs. Lorrimer.
— Que tem a Mrs. Lorrimer?
— Que diabo o senhor lhe disse... ou lhe disse ela ontem? O senhor nunca me falou nada; de fato, até me fez crer que era atrás da tal de Meredith que andávamos.
— Que foi que houve? — perguntou Poirot em voz baixa:
— Suicídio.
— A Mrs. Lorrimer cometeu suicídio?
— Isso mesmo. Parece que andava muito deprimida e diferente ultimamente. O médico tinha-lhe receitado um remédio pra dormir.

Ontem de noite tomou uma dose excessiva.

Poirot prendeu a respiração.

— Não há possibilidade de... acidente?

— De modo algum. Foi tudo preparado. Ela escreveu a todos os três.

— Que três?

— Os outros três. Ao Roberts, ao Despard e a Miss Meredith.

Tudo com franqueza, sem rodeios. Só pra explicar que gostaria que soubessem que estava tomando o caminho mais curto pra acabar com toda a confusão... que era ela que havia matado o Shaitana, e que lhes pedia desculpas... desculpas!... pelos aborrecimentos e transtornos que tinham sofrido. Uma carta perfeitamente calma, quase comercial. Absolutamente típica da mulher. Era uma criatura fria, sem dúvida nenhuma.

Poirot ficou um instante sem responder.

Com que então essa era a palavra final de Mrs. Lorrimer. Havia-se determinado, no fim das contas, a proteger Anne Meredith. Uma morte rápida e sem dor, em vez de prolongada e penosa, e sua última ação, uma de altruísmo — a salvação da moça por quem sentia um laço secreto de solidariedade. Tudo planejado e executado com eficiência discreta, implacável — um suicídio anunciado com o máximo cuidado às três pessoas interessadas. Que mulher! Sua admiração aumentou. Era bem dela, essa determinação firme, essa insistência em levar a cabo o que tinha decidido.

Julgara tê-la convencido — mas ela, evidentemente, preferira escolher por vontade própria. Uma mulher de fortíssima personalidade. A voz de Battle interrompeu-lhe as meditações.

— Que diabo o senhor lhe disse ontem? Com certeza deixou-a desconfiada e o resultado agora está aí. Mas a mim deu a entender que o resultado da entrevista era a suspeita definitiva da tal Meredith.

Poirot ficou um instante em silêncio. Sentia que, morta, Mrs. Lorrimer o sujeitava à sua vontade como não poderia ter feito, se estivesse viva.

— Enganei-me — confessou, relutante, por fim.

Eram palavras raras em sua língua e não gostou delas.

— Cometeu um erro, hem? — retrucou Battle. — Mesmo assim, ela deve ter imaginado que você andava atrás dela. Isso é mau negócio, deixá-la escapar desse jeito dos nossos dedos.

— Não se podia provar nada contra ela — disse Poirot.

— Sim, creio que tem razão. Talvez até fosse melhor. Você... hum...

não pretendia que isso acontecesse, Monsieur Poirot?

O protesto de Poirot foi indignado. Depois pediu:

— Conte-me exatamente como a coisa se passou.

— O Roberts abriu a correspondência pouco antes das oito horas. Não perdeu tempo, saiu logo correndo no carro, antes encarregando a criada de nos avisar, o que ela fez. Chegou na casa pra descobrir que a Mrs. Lorrimer ainda não tinha sido acordada... subiu depressa até o quarto dela, mas era tarde demais. Tentou a respiração artificial, mas não havia nada a fazer. O nosso médico legista chegou logo em seguida e confirmou o tratamento dado.

— Qual foi o remédio pra dormir?

— Veronal, creio. Em todo o caso, um da linha dos barbitúricos. Tinha um frasco de comprimidos ao lado da cama.

— E os outros dois? Não tentaram comunicar-se com o senhor?

— O Despard está pra fora. Não recebeu o correio de hoje de manhã.

— E... a Miss Meredith?

— Acabo de ligar pra ela.

— Eh bien?

— Ela mal tinha aberto a carta, poucos momentos antes do meu telefonema. O correio lá é entregue com atraso.

— Qual foi a reação dela?

— Uma atitude perfeitamente digna. Intenso alívio, dissimulado com decoro. Choque e pesar... essa espécie de coisa.

Poirot fez uma pausa e depois perguntou:

— Onde é que o senhor está agora, meu amigo?

— Em Cheyne Lane.

— Bien. Vou imediatamente pra aí.

No saguão, em Cheyne Lane, encontrou o Dr. Roberts pronto para sair. A maneira habitualmente florida do médico estava bastante mudada nessa manhã. Parecia pálido e abatido.

— Que coisa desagradável, Monsieur Poirot. Não posso dizer que não esteja aliviado... do meu próprio ponto de vista... mas pra lhe ser franco, é um pouco chocante. Nunca pensei realmente, nem por um segundo, que fosse a Mrs. Lorrimer que apunhalara o Shaitana. Foi a maior surpresa pra mim.

— Eu também estou surpreendido.

— Uma mulher discreta, bem educada, reservada. Não consigo imaginá-la fazendo uma coisa dessas. Qual seria o motivo?

Bem, paciência, agora nunca se ficará sabendo. Mas confesso que me sinto curioso.

— Deve ter-lhe tirado um peso da cabeça... essa ocorrência.

— Ah, sem dúvida. Seria hipócrita se não admitisse. Não é lá muito agradável ser alvo da suspeita de homicídio. Quanto à coitada... bem, certamente foi a melhor escapatória.

— Segundo ela, também.

Roberts concordou.

— A consciência, no mínimo — disse, saindo da casa.

Poirot sacudiu a cabeça, pensativo. O médico não tinha entendido a situação. Não era o remorso que levava Mrs. Lorrimer a sacrificar a própria vida.

Ao pé da escada, parou para dizer algumas palavras de consolo à velha criada que chorava baixinho.

— Que coisa horrível, senhor. Que coisa mais horrível. Nós todas gostávamos tanto dela. E o senhor tomando chá com ela ontem, tudo tão bom e sossegado. E agora ela está morta. Nunca hei de me esquecer desta manhã... nunca enquanto eu viver. Aquele senhor quase derrubando a campainha. Tocou três vezes, palavra, antes que eu chegasse à porta. E "Onde está sua patroa?" foi logo perguntando. Fiquei tão atrapalhada que mal consegui responder. O senhor sabe, nós nunca entrávamos no quarto sem que ela chamasse... não tínhamos ordens. E eu simplesmente não encontrava voz pra responder. E o doutor, insistindo: "Onde é o quarto dela?" e subiu correndo a escada comigo atrás dele. Mostrei-lhe a porta, ele entra em disparada, sem sequer bater, dá uma olhada pra ela estendida ali e diz: "Tarde demais." Estava morta, senhor. Mas ele me mandou buscar conhaque e água quente e tentou desesperado reanimar a patroa, mas não adiantou. E depois a polícia chegando e tudo mais... não é... não é... decente, senhor. Mrs. Lorrimer não ia gostar. E por que a polícia? E lógico que ela não tem nada que ver com isso, mesmo que tivesse acontecido um acidente e a pobre da patroa houvesse tomado uma dose excessiva por engano.

Poirot não respondeu a pergunta.

— Ontem de noite, sua patroa se comportou como sempre?

Não parecia nem um pouco nervosa ou preocupada?

— Não, eu acho que não, senhor. Estava cansada... e tenho impressão de que sentia dores. Não andava boa ultimamente.

— Sim, eu sei.

A simpatia do seu tom fez a mulher prosseguir.

— Ela nunca foi de se queixar, senhor, mas tanto a cozinheira como eu já andávamos preocupadas há bastante tempo. Não podia mais trabalhar tanto como antes e tudo a deixava cansada. Acho talvez que a vinda daquela moça, logo depois que o senhor saiu, foi um pouco demais pra ela.

Com o pé no degrau, Poirot virou-se.

— A moça? Esteve aqui alguma moça ontem à noite?

— Esteve, sim senhor. Logo depois que o senhor saiu, é. O nome dela é Miss Meredith.

— Ficou muito tempo?

— Mais ou menos uma hora, senhor.

Poirot esperou e depois perguntou:

— E aí, o que foi que houve?

— A patroa foi se deitar. Jantou na cama. Disse que estava cansada.

Poirot conservou-se calado, e por fim perguntou:

— Não sabe se sua patroa escreveu alguma carta ontem à noite?

— Quer dizer, depois que foi pra cama? Acho que não, senhor.

— Mas não tem certeza?

— Havia umas cartas na mesa do saguão, prontas pra levar ao correio, senhor. Nós sempre levamos por último, antes de trancar a porta. Mas tenho a impressão de que já estavam ali desde cedo.

— Quantas eram?

— Duas ou três... não estou muito segura, senhor. Três, creio.

— A senhora... ou a cozinheira... quem as levou ao correio, enfim... por acaso não reparou a quem eram endereçadas? Não se ofenda com a minha pergunta. É sumamente importante.

— Fui eu mesma que levei, senhor. Reparei na que estava em cima: era pra Fortnum & Mason's. As outras eu não sei.

O tom da mulher era sério e convicto.

— Tem certeza de que não havia mais do que três cartas?

— Tenho, sim senhor. Absoluta.

Poirot sacudiu gravemente a cabeça. Fez mais uma vez menção de subir a escada. Aí então perguntou:

— Imagine que a senhora soubesse que a sua patroa tomava remédio pra poder dormir?

— Oh, sim, senhor, era sob prescrição médica. Do Dr. Lang.

— Onde ficava guardado o remédio?

— No armário do quarto da patroa.

Poirot não perguntou mais nada. Subiu a escada. Seu rosto estava seriíssimo.

— Battle recebeu-o no último lance. O Superintendente parecia inquieto e preocupado.

— Que bom que o senhor veio, Monsieur Poirot. Deixe-me apresentá-lo ao Dr. Davidson.

O médico legista apertou-lhe a mão. Era um homem alto e melancólico.

— A sorte conspirou contra nós — disse. — Uma ou duas horas de antecedência, e poderíamos tê-la salvo.

— Hum — fez Battle. — Não devo dizer isso oficialmente, mas não lamento. Ela foi uma... bem, ela foi uma verdadeira dama. Não sei que motivos tinha pra matar o Shaitana, mas é de supor que fossem plenamente justificados.

— Em todo caso — retrucou Poirot, — é de duvidar que vivesse até o dia do julgamento. Era uma mulher muito doente.

O médico legista concordou.

— Diria que tem toda a razão. Bem, talvez até tenha sido melhor assim.

E começou a descer a escada. Battle foi atrás dele.

— Espere aí, doutor.

Poirot, com a mão na porta do quarto, murmurou:

— Posso entrar... sim?

Battle sacudiu a cabeça por cima do ombro.

— Não tem problema. Já terminamos.

Poirot entrou no quarto, fechando a porta em seguida.

Aproximou-se da cama e ficou contemplando a fisionomia tranqüila da morta. Sentiu-se perturbadíssimo. Teria a defunta ido para o túmulo numa derradeira tentativa, determinada a salvar uma moça da morte e da desgraça — ou haveria uma explicação diferente, mais sinistra?

Certos fatos precisavam ser levados em conta.

De repente curvou-se examinando uma contusão escura, incolor, no braço da mulher morta. Tornou a endireitar o corpo. Um estranho brilho felino cintilava em seus olhos, inconfundível para seus associados mais íntimos. Saiu às pressas do quarto e desceu a escada. Battle e um subordinado estavam no telefone. Este último pousou o fone e disse:

— Ele ainda não voltou, chefe.

— E o Despard — informou Battle. — Estou tentando entrar em

contato com ele. Há uma carta pra ele com o carimbo do correio de Chelsea também.

Poirot fez uma pergunta irrelevante.

— O Dr. Roberts já tinha tomado café quando chegou aqui?

Battle arregalou os olhos.

— Não — respondeu. — Lembro-me de que mencionou que tinha saído sem tomar.

— Então agora deve estar em casa. Podemos pegá-lo lá.

— Mas por quê?

Poirot, porém, já estava ocupado em discar o número. Depois falou:

— Dr. Roberts? É o Dr. Roberts que está falando? Mais oui, é o Poirot, sim. Apenas uma pergunta. O senhor conhece bem a letra da Mrs. Lorrimer?

A letra da Mrs. Lorrimer? Eu... não, tenho a impressão de que nunca tinha visto antes.

— Je vous remercie.

Poirot desligou o fone rapidamente.

Battle olhava-o, atônito.

— Que idéia é essa, Monsieur Poirot? — perguntou baixinho.

Poirot tomou-o pelo braço.

— Escute, meu amigo. Poucos minutos depois que saí desta casa ontem, a Anne Meredith chegou. Eu de fato a vi subindo a escada, mas na hora não fiquei muito certo de sua identidade. Logo depois que a Anne Meredith foi embora, Mrs. Lorrimer se recolheu. Segundo a criada, ela então não escreveu nenhuma carta, e por motivos que você compreenderá quando eu lhe contar nossa entrevista, eu não creio que ela tivesse escrito essas três cartas antes da minha visita. Nesse caso, quando foi que as escreveu?

— Depois que as empregadas foram dormir? — sugeriu Battle.

— Sim, é possível, mas há outra possibilidade... que não as tenha escrito de maneira alguma.

Battle soltou um assobio.

— Meu Deus, você quer dizer...

O telefone tilintou. O sargento tirou o fone do gancho. Escutou um pouco e depois virou-se para Battle.

— É o Sargento O'Connor, falando do apartamento do Despard, chefe. Há razão pra crer que o Despard esteja em Wallingford-on-Thames.

Poirot pegou Battle pelo braço.
— Depressa, meu amigo. Nós também temos que ir pra Wallingford. Confesso-lhe que não estou com o espírito em paz. Isso talvez ainda não seja o fim. Eu lhe digo mais uma vez, meu amigo: essa moça é perigosa.

29

ACIDENTE

— Anne — disse Rhoda.
— Hum?
— Não, francamente, Anne, não responda com metade da atenção voltada pra um enigma de palavras cruzadas. Quero que você me ouça.
— Estou ouvindo.
Anne endireitou-se logo e largou o papel.
— Agora sim. Olhe aqui, Anne. — Rhoda hesitou. — A respeito da vinda desse homem.
— O Superintendente Battle?
— É. Anne, eu gostaria que você lhe contasse... que você esteve na casa dos Bensons.
A voz de Anne ficou meio fria.
— Que bobagem. A troco do quê?
— Porque... ora, pra não dar impressão de que você andou ocultando alguma coisa. Tenho certeza de que seria melhor mencionar.
— Agora? Não vejo como — retrucou Anne friamente.
— Gostaria de que você tivesse contado logo.
— Pois agora é tarde demais pra se preocupar com isso.
— É.
Rhoda não parecia convencida.
— De qualquer modo — retrucou Anne, meio irritada, — não vejo por quê. Não tem nada a ver com tudo isso.
— Não, claro que não.
— Só fiquei lá uns dois meses, mais ou menos. Ele apenas quer essas coisas como... ora... referências. Dois meses não contam.
— Não. eu sei. Vai ver que estou sendo boba, mas isso me deixa bastante preocupada. Eu acho que você devia mencionar. Não vê que,

se isso vier à baila de alguma outra maneira, pode parecer meio esquisito... você guardar segredo sobre isso, quero dizer.

— Não vejo como possa vir à baila. E só você que sabe. Ninguém mais.

— N ... Não?

Anne agarrou-se à leve hesitação na voz de Rhoda.

— Ué, quem é que sabe?

— Ora, todo mundo em Combeacre — respondeu Rhoda, depois de um momento de pausa.

— Ah, isso! — Anne rejeitou a idéia com um dar de ombros.

— É pouco provável que o Superintendente vá encontrar alguém que seja de lá. Se encontrasse, seria uma coincidência extraordinária.

— As coincidências acontecem.

— Rhoda, você anda realmente impossível com isso. Não pára de se preocupar.

— Sinto muitíssimo, querida. Só que você sabe o que a polícia é capaz de fazer se imaginarem que você estivesse... bem... escondendo coisas.

— Não vão saber. Quem é que vai contar? É só você que sabe.

Era a segunda vez que dizia essas palavras. Nessa repetição, sua voz mudou um pouco — continha qualquer coisa estranha, especulativa.

— Ah, meu Deus, como gostaria de que você contasse — suspirou Rhoda. com pesar.

Olhava para Anne com ar culpado, mas Anne não olhava para ela. Agora estava sentada de rosto franzido, como que resolvendo algum cálculo.

— Foi meio engraçado o Major Despard aparecer por aqui — comentou Rhoda.

— Hem? Ah, sim.

— Anne, como ele é atraente. Se você não o quiser, por favor, por favor, deixe-o pra mim!

— Não seja absurda, Rhoda. Ele não dá a menor bola pra mim.

— Então, por que não pára de vir cá? Lógico que está interessado em você. Você é bem do tipo da moça em perigo que ele gostaria de socorrer. Parece desamparada de um modo tão bonito, Anne.

— Ele se mostra igualmente atencioso com nós duas.

— Isso só porque é bonzinho. Mas se você não o quiser, eu poderia fazer um ato simpático d.e amizade... consolar um coração partido e no fim, quem sabe?, talvez o fisesse — concluiu Rhoda

deselegantemente.

— Por mim você pode ficar com ele. minha cara — retrucou Anne rindo.

— Tem uma nuca tão bonita — suspirou Rhoda. — Bem vermelha, feito tijolo, e toda musculosa.

— Querida, você precisa ser tão derretida assim?

— Você gosta dele, Anne?

— Sim, muito.

— Não somos formais e sisudas? Eu acho que ele gosta um pouco de mim... não tanto quanto de você, mas um pouco.

— Ah. mas ele gosta de você. sim — afirmou Anne.

De novo havia uma nota insólita em sua voz, mas Rhoda não percebeu.

— A que horas vem o nosso detetive? — perguntou.

— Ao meio-dia — respondeu Anne. Ficou calada um instante e depois continuou: — Agora são apenas dez e meia. Vamos dar um pulo até o rio.

— Mas... o Despard não ... não disse que viria lá pelas onze?

— Por que esperar por ele? Podemos deixar recado com a Mrs. Astwell explicando aonde fomos e ele pode seguir-nos pelo caminho de sirga.

— De fato, não se venda barato, minha cara, como mamãe sempre dizia! — riu Rhoda. — Então vamos.

Saiu da sala e cruzou a porta do jardim. Anne foi atrás.

O Major Despard chegou ao Wendon Cottage cerca de dez minutos mais tarde. Sabia que tinha vindo antes da hora, por isso ficou um pouco admirado de verificar que as duas moças haviam saído. Atravessou o jardim, passou pelos campos e dobrou à direita, ao longo do caminho de sirga.

Mrs. Astwell ficou um instante olhando-o de longe, em vez de prosseguir com seus afazeres matutinos.

— Ele está caído por uma ou outra — observou consigo mesma. — Acho que é pela Miss Anne, mas não tenho certeza. O rosto dele não deixa demonstrar muita coisa. Trata as duas do mesmo jeito. Também não tenho certeza se elas não estão caídas por ele. Nesse caso, não continuarão tão boas amigas por muito tempo. Nada como um cavalheiro pra separar duas jovens.

Agradavelmente entusiasmada pela perspectiva de assistir ao desabrochar de um romance, Mrs. Astwell voltou para dentro, às suas

tarefas de lavar as coisas do café, quando mais uma vez a campainha da porta tocou.

— Porta nojenta! — exclamou Mrs. Astwell. — Já fazem de propósito. No mínimo algum pacote. Ou talvez um telegrama.

Foi atender vagarosamente. Deparou com dois senhores, um baixote estrangeiro e outro corpulento, enorme, extremamente inglês. Esse último ela já tinha visto antes, lembrava-se.

— A Miss Meredith está em casa? — perguntou o grandalhão.

Mrs. Astwell sacudiu a cabeça.

— Acabou de sair neste instante.

— É mesmo? Pra que lado? Não a encontramos.

Mrs. Astwell, analisando disfarçadamente o surpreendente bigode do outro senhor e decidindo que os dois positivamente não podiam ser amigos, prestou mais informações.

— Foi até o rio — explicou.

O outro homem interveio.

— E a outra moça? A Miss Dawes?

— As duas foram juntas.

— Ah, obrigado — disse Battle. — Deixe-me ver. Por onde se vai pro rio?

— Dobrem a primeira curva à esquerda, no fim da vereda — respondeu Mrs. Astwell prontamente. — Quando chegarem ao caminho de sirga, tomem a direita. Ouvi quando disseram que iam por lá — acrescentou, prestativa. — Não faz mais de um quarto de hora. Logo as alcançarão.

— Eu só queria saber — acrescentou consigo mesma ao fechar a porta a contragosto, tendo-os fitado inquisitivamente pelas costas enquanto se afastavam, — quem são vocês dois. Não sei por que; não consigo lembrar-me.

Mrs. Astwell voltou à pia da cozinha e Battle e Poirot dobraram devidamente a primeira curva à esquerda — uma vereda isolada que logo terminava abruptamente no caminho de sirga.

Poirot andava às pressas e Battle olhou-o com curiosidade.

— Que foi que houve, Monsieur Poirot? O senhor parece estar com uma pressa danada.

— De fato. Estou nervoso, meu amigo.

— Algum motivo especial?

Poirot sacudiu a cabeça.

— Não. Mas há possibilidades. Nunca se sabe.

— O senhor está com alguma coisa na idéia — disse Battle. — Primeiro insistiu pra que viéssemos logo pra cá sem perda de tempo... e, puxa vida, como fez o guarda Turner pisar no acelerador! Do que é que tem medo? A moça já queimou todos os cartuchos.

Poirot ficou calado.

— Do que é que tem medo? — repetiu Battle.

— Do que é que a gente sempre tem medo em casos assim?

Battle concordou.

— Tem toda a razão. Só queria saber...

— O quê, meu amigo?

— Só queria saber se a Miss Meredith sabe que a amiga dela contou um determinado fato à Mrs. Oliver — respondeu Battle devagar.

Poirot sacudiu a cabeça com vigorosa admiração.

— Depressa, meu amigo — pediu.

Aceleraram o passo ao longo da margem. Não havia nenhum barco visível na superfície da água, mas não demorou muito viraram uma curva e Poirot de repente estacou. Os olhos vivos de Battle também viram.

— O Major Despard — disse ele.

Despard caminhava a cerca de duzentos metros à frente, andando ao longo do rio. Pouco mais adiante, avistavam-se as duas moças dentro de uma chalana na água, Rhoda impelindo a vara. Anne deitada rindo dela. Nenhuma das duas olhava para a margem.

E de repente — aconteceu! Anne esticou a mão, Rhoda cambaleou, tropeçou na beirada — agarrando-se desesperada à manga de Anne a embarcação oscilou — depois emborcou e as duas moças se puseram a debater-se dentro d'água.

— Está vendo? — exclamou Battle, começando a correr. — A tal Meredith pegou-a pelo tornozelo e a fez cair. Meu Deus, esse é o seu quarto crime!

Os dois correram ligeiro, mas alguém tomou-lhes a dianteira. Era flagrante que nenhuma das duas sabia nadar, mas Despard saiu disparado até o ponto mais próximo e já se tinha atirado n'água e nadava em direção a elas.

— Mon Dieu, que interessante — exclamou Poirot. Agarrou o braço de Battle. — Qual ele vai salvar primeiro?

As moças não estavam juntas. Dez metros, mais ou menos, as separavam.

Despard nadou vigorosamente rumo a ambas: não havia interrupção

em suas braçadas. Tomara a direção de Rhoda.

Battle, por sua vez, atingiu a margem mais próxima e jogou-se n'água. Despard acabava de conseguir arrastar Rhoda para a terra firme. Puxou-a para cima, deitou-a no chão e tornou a mergulhar, rumo ao ponto onde Anne acabava de afundar.

— Cuidado — gritou Battle. — Olhe as algas!

Os dois chegaram ao mesmo tempo, mas Anne havia ido ao fundo antes que a alcançassem. Finalmente a agarraram e um de cada lado a rebocaram até a margem.

Rhoda estava sendo socorrida por Poirot. Agora já soerguia o corpo, recobrando o fôlego aos poucos.

Despard e Battle pousaram Anne Meredith no chão.

— Respiração artificial — recomendou Battle. É a única coisa a fazer. Mas acho que não adianta mais.

Lançou-se ao trabalho com método. Poirot ficou vigilante, pronto a rezezá-lo. Despard agachou-se ao lado de Rhoda.

— Sente-se bem? — perguntou, a voz rouca.

— Você me salvou — disse ela, com dificuldade. — Salvou a mim...

Estendeu-lhe as mãos e, quando ele as segurou, desatou de repente a chorar.

— Rhoda... — murmurou ele.

As mãos se apertaram com força.

Veio-lhe uma súbita visão — da mata africana, e Rhoda rindo, afoita, a seu lado.

30

HOMICÍDIO

— Quer dizer — retrucou Rhoda, incrédula, — que a Anne queria me empurrar? Eu sei que foi a sensação que eu tive. Ela sabia que não sei nadar. Mas... mas foi de propósito?

— Totalmente — confirmou Poirot.

O carro já rodava pelos arredores de Londres.

— Mas... mas... por quê?

Poirot não respondeu logo. Achou que conhecia um dos motivos que tinham levado Anne a agir daquela maneira — e esse motivo agora

estava sentado ao lado de Rhoda.

O Superintendente Battle tossiu.

— Miss Dawes, é melhor que se prepare pra um pequeno choque. A tal Mrs. Benson, com quem sua amiga morou, a morte dela não foi tão acidental assim... pelo menos temos razão pra supor.

— Que é que o senhor quer dizer?

— Nós acreditamos — respondeu Poirot. — que a Anne Meredith trocou as duas garrafas.

— Oh, não... não, que horror! E impossível. A Anne? Mas pra quê?

— Tinha seus motivos,— disse o Superintendente Battle. — Mas a questão, Miss Dawes, é que, segundo a Miss Meredith pensava, a senhora era a única pessoa que nos podia dar uma pista pra aquele incidente. Decerto não lhe disse que o havia mencionado a Mrs. Oliver?

— Não. Achei que ia ficar aborrecida comigo — respondeu Rhoda devagar.

— E ia mesmo. Aborrecidíssima — confirmou Battle, sinistro.

— Mas julgou que o único perigo poderia vir da senhora, e foi por isso que decidiu... hum... eliminá-la.

— Eliminar? A mim? Ah. mas que maldade! Não pode ser que seja tudo verdade.

— Bem. ela agora está morta — disse o Superintendente Battle, — de maneira que é melhor deixar as coisas como estão. Mas não era uma amiga que lhe conviesse, Miss Dawes; quanto a isso não há dúvida.

O carro parou diante de uma porta.

— Vamos entrar na casa de Poirot — anunciou o Superintendente Battle. — pra conversar um pouco sobre tudo isso.

Na sala de estar de Poirot, foram recebidos por Mrs. Oliver, que fazia as honras da casa ao Dr. Roberts. Bebiam xerez. Mrs. Oliver estava com um chapéu moderno, próprio para corridas hípcas, e um vestido de veludo de laço no peito, sobre o qual repousava um grande naco de medula de maçã.

— Entrem. Entrem — disse Mrs. Oliver, toda hospitaleira, como se estivesse em sua própria casa e não na de Poirot. — Assim que recebi seu telefonema, liguei pro Dr. Roberts e viemos pra cá. Todos os pacientes dele estão moribundos e ele nem se importa. No mínimo, provavelmente, estão até melhorando. Queremos saber todos os detalhes.

— Sim, de fato, estou absolutamente perplexo — confessou Roberts.

— Eh bien — disse Poirot. — O caso está encerrado. Finalmente descobriu-se quem matou o Shaitana.

— Foi o que a Mrs. Oliver me falou. Aquela coisinha tão linda, a Anne Meredith. Mal posso acreditar. Uma assassina simplesmente inacreditável.

— Mas mesmo assim uma assassina — retrucou Battle. — Três crimes por sua conta... e se não conseguiu praticar o quarto, a culpa não foi dela.

— Incrível! — murmurou Roberts.

— De modo algum — disse Mrs. Oliver. — A pessoa menos provável. Parece que dá tão certo na vida real como nos romances.

— Que dia assombroso — exclamou Roberts. — Primeiro a carta de Mrs. Lorrimer... imagino que tenha sido falsificada, não é?

— Exatamente. Uma falsificação escrita em três vias.

— Ela também escreveu uma pra ela mesma, então?

— Lógico. A falsificação foi bem habilidosa... não enganaria um especialista, é natural, mas de qualquer maneira era extremamente improvável que fosse submetida a um especialista. Todos os indícios levavam à conclusão de que a Mrs. Lorrimer havia cometido suicídio.

— Desculpe a curiosidade, Monsieur Poirot, mas o que fez o senhor suspeitar de que ela não tinha se suicidado?

— Uma pequena conversa que tive com a criada em Cheyne Lane.

— Ela lhe contou sobre a visita da Anne Meredith na noite precedente?

— Isso, entre outras coisas. E aí, o senhor vê, eu já tinha chegado também a uma conclusão quanto à identidade da pessoa culpada... isto é, da pessoa que matou o Mr. Shaitana. Essa pessoa não era a Mrs. Lorrimer.

— O que o levou a desconfiar da Miss Meredith?

Poirot levantou a mão.

— Um momentinho. Deixe-me tratar do assunto à minha maneira. Deixe-me, por assim dizer, eliminar. O assassino de Mr. Shaitana não foi a Mrs. Lorrimer, nem o Major Despard, e, por estranho que pareça, nem a Anne Meredith...

Curvou-se para a frente. Sua voz tornou-se macia, quase felina.

— O senhor vê, Dr. Roberts, o senhor foi a pessoa que matou o Mrs. Shaitana e que também matou a Mrs. Lorrimer...

Houve, no mínimo, três minutos de silêncio. Depois Roberts deu uma risada meio ameaçadora.

— O senhor ficou completamente louco, Monsieur Poirot? Eu certamente não assassinei o Mr. Shaitana e nem podia, de jeito nenhum, ter assassinado a Mrs. Lorrimer. Meu caro Battle — virou-se para o homem da Scotland Yard, — você apóia uma coisa dessas?

— Acho que o senhor faria melhor em escutar o que o Monsieur Poirot tem a dizer — retrucou Battle tranqüilamente.

— É verdade que embora eu já soubesse há algum tempo que o senhor... e só o senhor... poderia ter matado o Shaitana — disse Poirot, — não seria fácil prová-lo. Mas o caso da Mrs. Lorrimer é inteiramente diverso. — Curvou-se para a frente. — Não se trata apenas de saber. É muito mais simples que isso — porque temos uma testemunha ocular que viu o senhor cometer o crime.

Roberts ficou muito quieto. Seus olhos brilhavam.

— O senhor está dizendo asneiras! — retrucou com veemência.

— Oh, não, não estou, não. Foi de manhã cedo. O senhor conseguiu blefar pra entrar no quarto da Mrs. Lorrimer, onde ela ainda dormia profundamente sob a influência da droga que tinha tomado na véspera. O senhor torna a blefar... finge notar logo que ela está morta! Despacha a criada em busca de conhaque, água quente, e tudo o mais. Fica sozinho no quarto. A criada nem conseguiu ver direito. E aí então, o que acontece?

"Talvez o senhor não sabia, Dr. Roberts, mas certas firmas de limpadores de vidraças se especializam em trabalhos matutinos. Um limpador de vidraça chegou com a escada ao mesmo tempo que o senhor. Encostou a escada à parede da casa e começou o serviço. A primeira janela escolhida foi a do quarto da Mrs. Lorrimer. Quando, entretanto, viu o que estava havendo, retirou-se rapidamente pra outra janela, mas já tinha visto uma coisa antes. Ele mesmo vai contar-nos sua história.

Poirot cruzou a sala com passo ágil, girou a maçaneta da porta e chamou:

— Entre, Stephens.

E voltou.

Um homem grandalhão, desajeitado, de cabelo ruivo, entrou. Trazia na mão um boné de uniforme, com os dizeres: Associação dos Limpadores de Vidraças de Chelsea, que retorcia, sem jeito.

— Há alguém nesta sala que você reconheça? — perguntou Poirot.

O homem olhou ao redor, depois fez uma aceno encabulado de cabeça em direção ao Dr. Roberts.

— Ele — respondeu.

— Conte-nos quando o viu pela última vez e o que é que ele estava fazendo.

— Foi hoje de manhã. Serviço das oito, em casa de uma senhora em Cheyne Lane. Comecei lá nas janelas. A senhora estava na cama. Parecia doente. Não parava de virar a cabeça no travesseiro. Achei que esse moço aí fosse o médico. Ele puxou a manga dela pra cima e fincou uma coisa no braço, mais ou menos aqui. — Fez o gesto. — Ela deixou cair a cabeça de novo no travesseiro.

Achei melhor saltar pra outra janela, e saltei. Espero que não tenha feito nada errado.

— Você acertou maravilhosamente bem, meu amigo — disse Poirot. E perguntou, sereno: — Eh bien, Dr. Roberts?

— Um... um simples reconstituente — gaguejou Roberts. — Uma última esperança de salvá-la. É monstruoso...

Poirot interrompeu-o.

— Um simples reconstituente N-metilo-clíco-hexenil-metilo-malonil uréia — disse Poirot, escandindo as sílabas untuosamente.

— Conhecido mais comumente como Evipan. Usado como anestésico pra operações rápidas. Injetado intravenosamente em grandes doses produz desfalecimento instantâneo. É perigoso usá-lo depois de medicação de veronal ou qualquer outro barbitúrico. Reparei no machucado do braço dela, onde era óbvio que tinham injetado alguma coisa na veia. Uma insinuação ao médico legista e a droga empregada foi facilmente descoberta por nada menos que Sir Charles Imphey, analista do Ministério do Interior.

— Acho que isso basta pra liquidá-lo — disse o Superintendente Battle. — Não há necessidade de provar o negócio do Shaitana embora, naturalmente, se for preciso, podemos fazer novas acusações relacionadas com o assassinato de Mr. Charles Craddock... e possivelmente, da mulher dele também.

A referência a esses dois nomes arrasou com Roberts.

Recostou-se na cadeira.

— Entrego a minha mão — disse ele. — O senhor me pegou! Decerto aquele diabo astuto do Shaitana pôs o senhor de sobreaviso antes daquela noite. E eu que pensava que havia dado cabo dele de maneira tão perfeita.

— Não é ao Shaitana que deve agradecer — frisou Battle. — As honras cabem aqui ao Monsieur Poirot.

Dirigiu-se à porta e dois homens entraram.

A voz do Superintendente Battle tornou-se autoritária ao dar a ordem formal de prisão.

Enquanto a porta se fechava atrás do acusado, Mrs. Oliver comentou toda alegre, embora não fosse bem verdade:

— Eu sempre disse que tinha sido ele!

31

CARTAS NA MESA

Era o momento de Poirot. Todos os rostos viraram-se para ele em ansiosa expectativa.

— Vocês são muito amáveis — disse, sorridente. — Creio que sabem como gosto de fazer minha pequena preleção. Sou um velhote cacete.

"Este caso, a meu ver, foi um dos mais interessantes que já encontrei. Não se tinha nada, notem bem, pra se basear. Havia quatro pessoas, uma das quais devia ter cometido o crime, mas qual das quatro? Existia algo que revelasse? No sentido material, não. Não havia pistas tangíveis... nenhuma impressão digital, papéis nem documentos comprometedores. Havia apenas... as próprias pessoas.

"E uma pista tangível — as contagens do bridge.

"Talvez se lembrem de que desde o início mostrei interesse especial por essas contagens. Elas me revelavam algo sobre as várias pessoas que tinham marcado os apontamentos, e ainda mais. Forneceram-me uma informação valiosa. Reparei logo, no terceiro rubber, o algarismo 1.500 acima da linha. Ele só podia indicar uma coisa — uma declaração de grande slam. Ora, se uma pessoa resolvesse cometer um crime em circunstâncias um tanto insólitas, isto é, durante um rubber de bridge, essa pessoa evidentemente estava incorrendo em dois graves riscos. O primeiro era que a vítima seria capaz de gritar, e o segundo era que, mesmo que a vítima não gritasse, uma das outras três poderia, por acaso, erguer os olhos no momento psicológico e realmente testemunhar o feito.

"Agora, quanto ao primeiro risco, não havia outra solução. Era uma

questão de sorte de jogador. Já com o segundo não acontecia o mesmo. É lógico que durante uma mão interessante ou empolgante, a atenção dos três participantes estaria totalmente concentrada no jogo, ao passo que durante uma mão insípida seria mais provável que olhassem em torno. Ora, uma declaração de grande slam é sempre empolgante. Em geral, como no caso em questão, ela é dobrada. Cada um dos três jogadores fica jogando com a máxima atenção... o declarante pra cumprir o contrato, os adversários pra descartar corretamente e conseguir multá-lo. Havia, pois, uma forte possibilidade de que o crime fosse cometido justamente durante essa mão, e me determinei a descobrir, na medida do possível, a maneira exata como tinha-se efetuado o leilão. Logo percebi que o "morto" nessa mão havia sido o Dr. Roberts. Guardei isso na idéia e examinei o caso pelo meu segundo ângulo... a probabilidade psicológica. Dos quatro suspeitos/ Mrs. Lorrimer me parecia, de longe, a mais capaz de planejar e executar um crime perfeito... mas não conseguia imaginá-la cometendo um crime que tivesse de ser improvisado de um momento pra outro. Por outro lado, a conduta dela naquela primeira noite me deixou intrigado. Dava impressão de que, ou ela própria tinha cometido o crime, ou então sabia quem o cometera. Miss Meredith, o Major Despard e o Dr. Roberts eram todas possibilidades psicológicas, embora, como já tive ocasião de mencionar, cada um deles teria cometido o crime de um ângulo totalmente diverso.

"A seguir fiz um segundo teste. Pedi que cada um, sucessivamente, me dissesse o que se lembrava de ter visto na sala. Com isso, obtive certas informações valiosíssimas. Antes de mais nada, a pessoa mais capaz de ter notado o punhal era, de longe, o Dr. Roberts, por ser um observador instintivo de ninharias de toda espécie... o que se chama, um homem observador. Das mãos do bridge, entretanto, não se lembrava de quase nada. Eu não esperava que se lembrasse de muita coisa, mas esse esquecimento completo parecia indicar que havia passado a noite inteira com a atenção voltada pra outra coisa. Novamente, como vêem, tudo assinalava o Dr. Roberts.

"Percebi que a Mrs. Lorrimer possuía memória excepcional pra cartas e pude imaginar perfeitamente que, com qualquer pessoa dotada de tais poderes de concentração, seria bem fácil cometer um crime na sua presença sem que ela jamais notasse alguma coisa. Ela me forneceu uma informação valiosa. O grande slam foi oferecido pelo Dr. Roberts de uma forma totalmente injustificável, e como quem

declarou em primeiro lugar tinha sido ela, e não ele, ela forçosamente teve que jogar a mão.

"O terceiro teste, no qual o Superintendente Battle e eu muito trabalhamos em conjunto, era a descoberta dos crimes anteriores, a fim de estabelecer uma identidade de método. Bem, o crédito a essas descobertas pertence ao Superintendente Battle, a Mrs. Oliver e ao Coronel Race. Discutindo o assunto com meu amigo Battle, ele se confessou decepcionado por não haver nenhum ponto de contato entre cada um dos crimes anteriores e o assassinato de Mr. Shaitana. A verdade, porém, não era bem essa. Os dois crimes atribuídos ao Dr. Roberts, quando examinados de perto e do ponto de vista psicológico e não material, resultaram quase exatamente iguais. Tinham sido, também, o que se pode classificar de homicídios públicos. Um pincel de barba arrojadamente infeccionado no próprio quarto de vestir da vítima enquanto o médico, oficialmente, lava as mãos depois de uma visita. O crime da Mrs. Craddock dissimulado sob uma vacina contra tifo. De novo, feito às claras... à vista do mundo, pode-se dizer. E a reação do homem é a mesma. Encurralado, aproveita-se de uma oportunidade e age em seguida... um puro blefe, temerário, audacioso... exatamente como sua maneira de jogar bridge. Como no bridge, de modo que no assassinato do Shaitana ele se arriscou ao máximo e jogou bem suas cartas. O golpe foi desferido com perfeição e no momento exato.

"Ora, justamente quando eu tinha chegado definitivamente à conclusão de que o assassino era o Roberts, a Mrs. Lorrimer me pediu pra ir vê-la... e de maneira totalmente convincente acusou-se ela própria do crime! Quase acreditei! Por alguns minutos acreditei mesmo nela, mas depois a minha massa cinzenta reafirmou sua supremacia. Não podia ser, portanto não era!

"Mas o que ela me contou era ainda mais difícil.

"Ela me garantiu que tinha, realmente, visto a Anne Meredith cometer o crime.

"Só na manhã seguinte, parado à cabeceira de uma morta, foi que percebi como eu podia continuar tendo razão e a Mrs. Lorrimer ter dito a verdade.

"A Anne Meredith se aproximou da lareira e viu que Mr. Shaitana estava morto! Debruçou-se sobre o cadáver, talvez estendendo a mão pro cabo cintilante do punhal cravejado de jóias.

"Abre os lábios pra gritar, mas não grita. Lembra-se do que Shaitana

falou durante o jantar. Talvez ele tenha deixado algum registro. Ela, Anne Meredith, tem motivo pra desejar a morte dele. Todos dirão que ela o matou. Não ousa gritar. Trêmula de medo e apreensão, volta a seu lugar na mesa.

"Portanto Mrs. Lorrimer tinha razão, uma vez que ela, conforme imaginou, viu o crime ser cometido; mas eu também tenho, porque ela, na realidade, não viu isso.

"Se o Roberts tivesse controlado sua mão a essa altura, duvido que algum dia pudéssemos acusá-lo de seus crimes. Talvez pudéssemos, através de uma combinação de blefe e vários expedientes engenhosos. Eu, em todo o caso, teria tentado. Mas ele perdeu a calma e, mais uma vez, fez uma declaração exagerada. E dessa vez o carteio lhe saiu mal e incorreu numa multa altíssima.

"Não resta dúvida de que ficou nervoso. Sabia que o Battle andava farejando alguma coisa. Pressentiu a situação atual prolongando-se indefinidamente, a polícia ainda investigando... e talvez, por milagre, apurando vestígios dos crimes precedentes. Ocorre-lhe a brilhante idéia de transformar a Mrs. Lorrimer em bode expiatório do grupo. Seu olho clínico adivinhou, sem dúvida, que ela estava doente e que sua vida não podia durar muito tempo. Que coisa mais natural, nessas circunstâncias, pra ela do que escolher uma rápida escapatória e, antes de tomá-la, confessar o crime! Assim obtém uma amostra da letra dela e chega de manhã cedo, na disparada, com a história da carta que acabou de receber. Não esquece de mandar a empregada avisar a polícia. A única coisa que precisa é chegar antes. E chega. Quando o médico legista aparece, já está tudo acabado. O Dr. Roberts está pronto com a história da respiração artificial que fracassou. É tudo perfeitamente plausível, perfeitamente coerente.

"No meio de tudo isso, não lhe ocorre a idéia de lançar as suspeitas sobre a Anne Meredith. Nem sequer sabe da visita dela na véspera. Somente visa o suicídio e a segurança.

"É realmente um momento embaraçoso pra ele quando lhe pergunto se conhece a letra da Mrs. Lorrimer. Se a falsificação tiver sido descoberta, ele precisa salvar-se dizendo que nunca viu a letra dela. Seu cérebro trabalha rápido, mas não com a rapidez suficiente.

"De Wallingford, telefone a Mrs. Oliver. Ela desempenha seu papel acalmando-lhe as suspeitas e trazendo-o pra cá. E aí então, quando ele está-se congratulando pelo desfecho perfeito, embora não exatamente da maneira planejada, sofre o golpe. Hercule Poirot dá o bote! E

assim... o jogador não ganhará mais nenhuma vaza. Lançou suas cartas na mesa. Cest fini.

Fez-se silêncio. Rhoda quebrou-o com um suspiro.

— Que sorte surpreendente que o limpador de vidraças estivesse ali por acaso — comentou.

— Sorte? Acaso? Nada disso, mademoiselle. Foi a massa cinzenta de Hercule Poirot. O que me lembra que...

Dirigiu-se à porta.

— Entre... entre, meu caro. Você desempenhou seu papel à merveille.

Voltou acompanhado pelo limpador de vidraças que agora trazia o cabelo ruivo na mão e parecia totalmente diferente.

— Meu amigo, Mr. Gerald Hemmingway, jovem ator com brilhante carreira pela frente.

— Então não houve nenhum limpador de vidraças? — exclamou Rhoda. — Ninguém viu o Roberts?

— Eu vi — disse Poirot. — Com os olhos do espírito pode-se ver mais do que com os olhos do corpo. A gente se recosta, fecha os olhos...

— Vamos apunhalá-lo, Rhoda — sugeriu Despard alegremente, — pra ver se o fantasma dele é capaz de voltar e descobrir quem foi.